

# Avante!

Recuperar o atraso na Amadora

## Relançar o projecto da CDU

A CDU apresentou a semana passada seis grandes opções para o desenvolvimento da Amadora. Como afirma em entrevista ao *Avante!* o cabeça de lista à Câmara, António Filipe, trata-se do relançamento de um projecto autárquico com soluções de qualidade para melhorar as condições de vida das populações e da qualidade de vida na Amadora.

Pág. 5



Não há Festa como esta

## Na desportiva



Quase todas as modalidades desportivas estão presentes na Festa do «Avante!», do basquetebol ao xadrez, do pára-quedismo à dança desportiva. Este ano, além da tradicional corrida, haverá a «Corridinha», apenas de três quilómetros, para os que não têm tanta pedalada.

Págs. 15, 16, 17 e 18

## Três dias em Génova

Dois testemunhos impressionantes sobre os três dias que envergonharam Génova. João Vieira, da CNA, e Luigi, um jovem italiano, não se conhecem, mas partilharam uma experiência que importa divulgar.

Págs. 22 e 23



### JCP apresenta projecto

#### Dar mais vida a Lisboa

A JCP reconverteu, no papel, um edifício no centro de Lisboa, num projecto que mostra que a recuperação de prédios abandonados é economicamente viável.

Pág. 11

### Timor

#### Congresso da FRETILIN

«Tolerância máxima, vigilância total»; «Restaurar a independência para servir o povo». Estas as consignas do 1.º Congresso Extraordinário da FRETILIN, feito a pensar no futuro de Timor Leste.

Pág. 20

### Colômbia

#### Por terras das FARC

Primeiro artigo de uma série em que Miguel Urbano Rodrigues transmite aos leitores do *Avante!* um pouco do que viu, ouviu e sentiu nos dias passados com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

Págs. 24 e 25

**Avante!**  
Profetários de todos os países  
UNI-VOS!

PROPRIEDADE  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Almirante Reis, 90,  
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.  
Capital social:  
15 000 000\$00.  
CRC matriculada: 47058.  
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

Director  
José Casanova

Chefe de Redacção  
Leandro Martins

Chefe Adjunto  
Anabela Fino

Redactores  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Gustavo Carneiro  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lígia Calapez  
Margarida Folque

Grafismo  
José Araújo

Fotografia  
Jorge Caria

Secretaria da Redacção  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO  
DISTRIBUIÇÃO ADE'S  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 923 99 21  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS\*  
(IVA e portes incluídos)  
PORTUGAL  
(Contínente e Regiões  
Autónomas)  
50 números: 9 000\$00  
25 números: 4 600\$00  
EUROPA  
50 números: 23 000\$00  
EXTRA-EUROPA  
50 números: 33 000\$00

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

Composição e impressão  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 - 139 Sintra  
Depósito legal n.º 205/85



**A Câmara Municipal do Seixal lamenta a falta de acessos às estações de Corroios e Fogueiteiro**

## Resumo

### 25 Quarta-feira

O piquete de greve da cantina do hospital de Santarém confronta-se com a polícia quando impede a substituição de trabalhadores em greve por outros estranhos ao serviço • Três idosos mortos e 22 feridos é o balanço do incêndio em Viana do Castelo, no Lar Santiago, propriedade da Misericórdia local • Os índios da Colômbia manifestam-se contra o aumento de etnocídio da sua comunidade • A NATO consegue o acordo do governo macedónio e dos separatistas albaneses do UÇK para a restauração do cessar-fogo.

### 26 Quinta-feira

Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, afirma que o próximo Orçamento de Estado poderá ser o pior dos últimos seis anos, caso o primeiro-ministro concretize um corte nas despesas do Estado • A lista de institutos da Administração Pública a extinguir, a reformular ou a fundir com outros organismos já existentes é aprovada pelo Conselho de Ministros, no âmbito do programa de redução da despesa pública • Representantes da população de Souselas manifestam ao Governador Civil de Coimbra, Horácio Antunes, o seu desacordo quanto ao início dos testes de co-incineração na cimenteira local • Fidel Castro encabeça em Havana uma manifestação, de cerca de dois milhões de pessoas, convocada no Dia Nacional para protestar contra a política norte-americana face a Cuba.

### 27 Sexta-feira

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, alerta para duas questões: o cumprimento do pacto de estabilidade que exige um défice de 0,7 por cento no final do ano, e a imposição de um limite de quatro por cento para o crescimento da despesa corrente primária • A população de Souselas manifesta-se frente à cimenteira da Cimpor, em protesto contra a «falta de transparência» e «prepotência» da Comissão Científica Independente (CCI) no processo de co-incineração • O governo dos Estados Unidos impõe o recolher obrigatório aos seus funcionários colocados na Macedónia e ordena a partida dos empregados da embaixada, assim como das suas famílias • O exército israelita bombardeia uma base palestina de segurança na Cisjordânia.

### 28 Sábado

A Câmara Municipal do Seixal lamenta a falta de acessos às estações de Corroios e Fogueiteiro, dois anos após o comboio da Ponte 25 de Abril ter sido inaugurado • O governo norte-americano tira de circulação documentos sobre a acção dos serviços secretos externos em acontecimentos na Indonésia que remontam a 1965 • Númeras personalidades políticas e civis marcam presença no funeral da última vítima da ETA, o general

Justo Oreja Pedraza • Alejandro Toledo presta juramento como presidente do Peru.

### 29 Domingo

Francisco Sousa Soares, bastonário da Ordem dos Engenheiros, adverte para a situação actual, nos cursos de cariz técnico, no que diz respeito à prova específica de matemática, onde o valor baixou de 7,5 para 5,8 valores • Realizam-se em São Tomé e Príncipe as terceiras eleições presidenciais desde a independência do arquipélago, que porão fim a dez anos de mandato do actual presidente, Miguel Trovoada • Um jovem de 18 anos é assassinado no condado de Antrim, na Irlanda do Norte, enquanto em Belfast se repetem os distúrbios • Especialistas de 13 países árabes reúnem-se, em Damasco, para estudar a forma de impor um bloqueio económico a Israel, assim como boicotar as empresas que têm relações comerciais com o Estado hebreu.

### 30 Segunda-feira

Os organismos responsáveis pela qualidade da água de consumo público reúnem-se para avaliar as análises realizadas na origem e na rede de abastecimento de Évora • A Quercus apresenta uma queixa na Comissão Europeia contra o Governo por este não ter ainda aplicado uma directiva comunitária, que obriga os fabricantes de automóveis a divulgarem os níveis de economia de combustível e as emissões de gases poluentes • Seis activistas palestinos do «Al Fatah» são assassinados numa explosão perto de um campo de refugiados, em Farah, no norte da Cisjordânia • Fradique de Menezes, o candidato à presidência de São Tomé e Príncipe apoiado por Miguel Trovoada, declara-se vencedor à RDP-África • Milhares de pessoas manifestam-se contra a violência da ETA.

### 31 Terça-feira

A FNE - Federação Nacional dos Sindicatos da Educação manifesta no Porto «sérias reservas» à introdução da Revisão Curricular, na habitual conferência de imprensa de balanço do último ano lectivo e perspectiva do próximo • O ministro da Cultura, Augusto Santos Silva, e os secretários de Estado da Cultura, José Conde Rodrigues, e da Comunicação Social, Alberto Arons de Carvalho, apresentam as linhas gerais da política do Ministério da Cultura • Um autocarro com 41 passageiros a bordo é sequestrado próximo da localidade de Nevinomysk, Sul da Rússia • Soldados israelitas assassinam um militante da Jihad islâmica • O marechal Francisco da Costa Gomes, presidente da República entre 1974 e 1976, morre, aos 87 anos, no Hospital Militar em Lisboa.

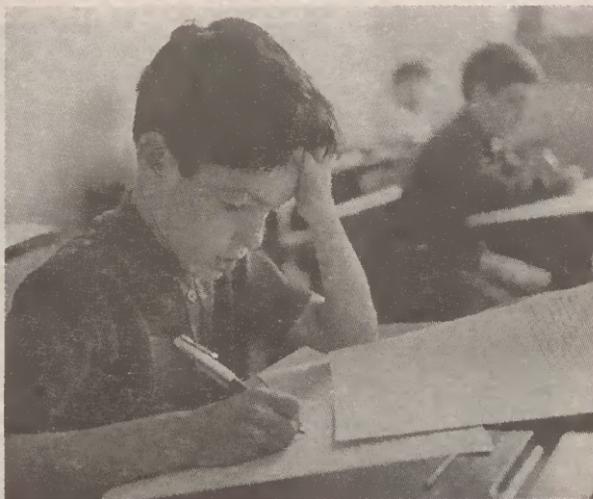
## Aconteceu

### Vagas insuficientes no ensino especial

O Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC) criticou o número de vagas abertas para a colocação de docentes destinados ao ensino especial, considerando que fica aquém das necessidades. De acordo com a estrutura sindical, no concurso - que terminou a semana passada - foram abertos 239 lugares, menos 61 do

impedidos de concorrer e qual quer um dos candidatos pode ser colocado num desses lugares de apoio».

O sindicato considera também negativo o facto de só terem sido abertos, em toda a Região Centro, nove lugares para a educação pré-escolar, na vertente do ensino especial. Em relação a este concurso, o



que os anunciados pelo Ministério para compensar a redução anterior de 157 vagas no concurso específico para o ensino especial.

Ainda que fossem criados lugares em número igual aos então cortados, «nunca haveria compensação». «Isto porque - afirma o SPRC - os docentes a colocar ao abrigo do Despacho 105/97 seriam especializados (preparados para trabalhar com crianças deficientes ou com necessidades educativas especiais), enquanto neste concurso, aberto a professores vinculados, há muitos especializados

SPRC entende também que o Ministério da Educação desprezita a legislação no que diz respeito à colocação de professores para apoios diversos, tendo criado apenas 33 lugares dos 71 previstos na lei.

Em termos globais, o Sindicato dos Professores da Região Centro considera que o número de vagas abertas neste concurso são muito poucas, atendendo ao número de candidatos. Para as 3800 vagas no 1.º ciclo existiam 5225 candidatos, enquanto no pré-escolar 1479 docentes concorreram para 597 lugares.

## Amnistia Internacional denuncia racismo

O racismo é um problema mundial que existe tanto na Grã-Bretanha como nos países com desempenhos mais contestados em matéria de direitos humanos, como a Turquia, considera Amnistia Internacional.

«Os governos devem compreender que a luta contra o racismo começa em casa de cada um», declarou quarta-feira passada a secretária-geral australiana interina da organização, Kate Gil-

more, ao apresentar um relatório da organização sobre este flagelo. O documento foi elaborado em antecipação à Conferência Mundial contra o Racismo e a Discriminação Racial que se realiza em Durban, África do Sul, de 31 de Agosto a 7 de Setembro.

«Os incidentes raciais entre jovens asiáticos e brancos no Reino Unido lembram até que ponto estamos todos implicados nestes desafios», acrescentou.

«O governo britânico e as suas forças policiais não estão, segundo a Amnistia Internacional, à altura do que cada cidadão pode razoavelmente exigir.»

Kate Gilmore lembrou igualmente que o crime atinge nos Estados Unidos tanto a população branca como a população negra, mas mais de 80 por cento das pessoas executadas desde 1977 foram condenadas por terem assassinado um branco.



## Filmes portugueses no Festival de Veneza

Nove filmes portugueses foram seleccionados pelo Festival Internacional de Cinema de Veneza. É a maior participação de sempre.

Entre os nove filmes seleccionados pelo Festival de Veneza, que vai decorrer entre 29 de Agosto e 8 de Setembro naquela cidade da Itália, estão «Quem és tu?», de João Botelho (Produtora 39 Degraus), que estará presente na secção oficial, e «Água e Sal», de Teresa Vilaverde (Madruga Filmes), que compete na secção Cinema do Presente. Manoel de Oliveira participa fora de competição com o documentário «Porto da Minha Infância», uma coprodução Madruga Filmes/Porto 2001. Na Semana da Crítica estará «Rasgaço», de Raquel Freire, que se estreia

com este filme nas longas-metragens. Quanto à secção Novos Territórios, apresenta-se Rita Azevedo com o filme «Fragil como o Mundo» (Madruga Filmes), que já se encontra em exibição nas salas de cinema portuguesas, bem como os documentários «Cinema», de Fernando Lopes (Rogério Ceitil Audiovisuais), «Oú Git votre Sourire Enfouï?» (Onde jaz soterrado o vosso Sorriso) (Contracosta Produções), de Pedro Costa, «O Fato Completo ou a Procura de Alberto» (Filmes do Tejo) de Inês de Medeiros, e «A Invenção do Amor», de António Campos, um realizador já desaparecido. Este último filme de ficção, de 1966, rodado na Marinha Grande e em Leiria, foi recuperado pela Cinemateca Portuguesa.

## Vulcão Mayon entra em erupção

O vulcão Mayon, situado no oeste das Filipinas, entrou hoje novamente em actividade, menos de um mês depois da última erupção, obrigando à deslocação de cerca de 25.000 pessoas.

O vulcão, cuja primeira erupção data de 24 de Junho último, projectou colunas de cinzas na atmosfera e correntes de lava. Dezenas de milhar de pessoas foram entretanto deslocadas. Cerca de 30 edifícios públicos, na sua maioria escolas, foram transformados em centros de acolhimento com capacidade para 60 000 pessoas.

Em Junho, 45 000 pessoas foram retiradas da zona perigosa.

O Mayon - 2467 metros de altitude -, atracção turística situada a 325 quilómetros a sudoeste de Manila, conheceu 49 erupções em 400 anos. A mais mortífera deu-se em 1814, quando 1200 pessoas morreram soterradas pela lava vulcânica.

## Crónica Internacional

• Carlos Aboim Inglez

### «Nova Economia» Velhas crises

Éra uma das crenças/slogans mais dogmáticos/enfáticos dos propagandistas da *New Economy*: acabaram-se as crises, as velhas conhecidas crises cíclicas de sobreprodução são coisas do passado ultrapassado, obsoletas com o «novo paradigma» criado pelas miraculosas Tecnologias da Informação. Mas o rebotar da enorme bolha especulativa das «T.M.Ts» e Internet, *dotcoms*, *e-business* e *tutti quanti*, que afundou o Nasdaq desde Março de 2000, e que continua a agravar-se pelo 2001 adentro, está a repor a realidade no reino da fantasmagoria. A crise aí está, indiscutível. E no seu epicentro a tal «Nova Economia», que não fez alastrar o tão badalado aumento da produtividade, mas está a contaminar gravemente toda a economia, com o desabar dos miríficos proventos prometidos pelo *marketing* dos novos vendedores de banha da cobra.

Pátria-Mãe da «Nova Economia», os EUA, cujo exponencial crescimento na segunda metade dos anos 90 espantava o mundo como um todo-poderoso *Superman* económico, caminha aos dolorosos solavancos para o desastre. A passada semana foi fértil em revelações. O *Financial Times* de 29/7 dedica nada menos que 3 artigos às notícias «frescas». Na 1.ª página titula: «O crescimento dos EUA quase em paralisia»; na 3.ª titula: «Os EUA páram para respirar – ou deslisam para o coma»; e o editorial da página 6 pode titular-se: «Ainda vivo, mas sem energia».

Repor  
a realidade  
no reino  
da fantasmagoria

Já as últimas palavras preocupadas de Greenspan, patrão do FED, ao Congresso, não auguravam nada de bom: «Não estamos livres do risco de que a fraqueza económica seja maior que a actualmente estimada». Mas o Departamento do Comércio acaba de revelar que o PIB do 2.º trimestre, em taxa anualizada, cresceu apenas 0,7%, após o magro 1,3% do 1.º trimestre (aliás inflacionado pelo disparo dos gastos dos governos federal e estaduais). Aqueles +0,7% é a taxa mais baixa dos últimos 8 anos. A queda abrupta do investimento, que já vinha de finais de 2000, acentuou-se para a taxa negativa de -13,6% – a maior queda desde 1982. A recessão na produção industrial vai já no 9.º mês consecutivo, o mais longo período também desde 1982. A capacidade produtiva utilizada caiu para 77%, o nível mais baixo desde Agosto de 83. O paulatino aumento do desemprego oficial, que passou de 3,9% em Outubro último para 4,5% em Junho, teve agora um salto só numa semana de Julho, com o corte de 100 000 postos de trabalho. Apesar de drásticas anulações nominais dos estoques (*writedown*), os armazéns continuam a abarrotar e começa a desacelerar o consumo. Pela 1.ª vez na história de 20 anos, a venda de computadores teve um «crescimento» negativo: menos 600 000 que há 1 ano. As quebras de lucros, de previsões de lucros, e de margens de lucros, sucedem-se, a guerra de preços torna feroz a concorrência. Mas há pior, muito pior. É que a semana passada o Departamento de Comércio veio corrigir em baixa os dados que antes fornecera como tendo sido o crescimento do PIB dos EUA nos últimos anos: em 1998, de 4,4 passou para 4,3%; em 1999, de 4,2 passou para 4,1%; e em 2000, os tão apregoados 5% emagreceram para 4,1% – o que não pode deixar de reduzir as expectativas do potencial a longo prazo da economia dos EUA; além de que cada décima do PIB norte-americano é um balúrdio para o produto mundial.

Como a mentira tem pernas curtas, parece que a «Nova Economia» já tem muito pouco de «nova»: a *New* confunde-se com a *Old*, ambas afinal economia capitalista *tout court*. E como tal, presa inelutável das velhas crises cíclicas que, desde meados do século XIX, são lei intrínseca do movimento da economia capitalista desenvolvida. Mas não nos demos por satisfeitos por ver os factos desmentirem as elocubrações do «novo paradigma». Porque os grandes tubarões sempre souberam safar-se melhor, e até engordarem, nos sangrentos torvelinhos das crises. Porque a crise nos EUA está já a afectar todo o mundo – e em particular os trabalhadores e os povos. E porque, em situação de crise, diz a História que a guerra pode bem ser uma «saída» para a crise. E guerras não faltam por aí, nem a sua preparação para o futuro, nos planos de Bush e não só.



## Editorial

# TODOS OS ANOS, EM CHÃO DA LAGOA

Entendamo-nos: a festança anual de Chão da Lagoa é, em primeiro lugar e acima de tudo, uma ostensiva manifestação de separatismo. Operação chantagista, sem dúvida, na medida em que Alberto João Jardim, o protagonista maior do grotesco espectáculo, sabe que, para além dele próprio e da meia dúzia de incondicionais que o adulam, ninguém mais, em todo o território nacional, perfilha as suas *separatices*; e sabe, igualmente, que brandindo o separatismo atemoriza o Governo do País – seja ele do PS ou do PSD – e que, graças a isso, crescem as verbas do OE para a Madeira e são perdoadas ao Governo Regional dívidas de milhões ao Estado...

Mas mal andarão as coisas se a resposta à provocação separatista continuar a ser, por parte de quem de direito, um cómodo *assobiar para o ar* e uma igualmente cómoda, mas não menos grave, cedência às chantagens de Jardim. Tanto mais que esta cíclica exibição separatista/chantagista

“No ano passado tudo se passou da mesma forma. E há dois anos foi ainda mais divertido”

transporta uma crescente carga de boçalidade insultuosa e ofensiva – para o País, para o povo, para as instituições – e não se pode tolerar ao presidente do Governo Regional da Madeira e (por isso) membro do Conselho de Estado o que a nenhum outro cidadão português é permitido. Mas a verdade é que, até aqui, a resposta às repetidas provocações separatistas de Jardim tem sido a de uma repetida cedência face às suas chantagens e um sepulcral silêncio sobre a questão de fundo.

O Presidente da República, desta vez visado directamente, «optou por deixar Jardim sem resposta», opção que surpreende dado o conteúdo insultuoso, ofensivo e separatista (logo anticonstitucional) da jardineirice de Chão da Lagoa. Além disso, mostram os factos serem raros os silêncios e cada vez mais frequentes as respostas críticas do Presidente da República perante situações que lhe desagradam. Por vezes, até, exagerando no tom, na forma e no conteúdo das críticas produzidas e pecando por flagrante inoportunidade – como aconteceu recentemente quando, de forma intempestiva e desabrida, e na presença da comunicação social, verberou severamente um oficial das Forças de Segurança que se enganara, involuntariamente, no percurso da comitiva presidencial. Porquê, então, esta ausência de resposta, precisamente quando ela era mais necessária?

Da parte do Governo não há também, até agora, qualquer resposta. Mas, sendo mais do que certo que o executivo de

António Guterres não virá a público criticar as provocações separatistas de Jardim, é bem provável que, um dia destes, o Primeiro-Ministro venha a lançar um qualquer sonoro desafio a Durão Barroso...

Assistimos, no entanto, ao tradicional protesto do PS – não, obviamente, contra o conteúdo separatista da intervenção que, aliás, nem sequer é referido – mas contra os «ataques ao Presidente da República». Para manter a tradição, o portavoz do PS, desta vez José Lamego, repetiu a clássica exigência a Durão Barroso para que se «demarque» desses «ataques».

No ano passado tudo se passou da mesma forma. E há dois anos foi ainda mais divertido. Enquanto aguardamos a «demarcação» do líder do PSD, recordemos o que, então se passou: Durão Barroso participou na festa; ouviu e aplaudiu Jardim e Ramos repetirem, mais palavra menos palavra, o que haviam dito no ano anterior (na presença do então líder Marcelo Rebelo de Sousa) e que voltariam a repetir nos anos seguintes; ouviu e aplaudiu os ataques às «garras colonialistas de Lisboa»; ouviu chamar «mafioso» ao Primeiro-Ministro – e, mais do que isso: afirmou, ele próprio, Barroso, que «em Portugal há um problema de qualidade da democracia» mas que, «na Madeira, a liberdade, a democracia, a justiça social e o desenvolvimento têm um nome: Alberto João Jardim» e que, por isso mesmo, a Madeira de Jardim «representa a verdadeira tradição de liberdade do PSD» e terminou com um empolgante «Viva a Madeira livre!»; finalmente, dançou a «Macarena» com Jardim e integrou o coro que, como é da tradição, cantou o «hino separatista 'Madeira és livre!'».

Nessa altura, veio à liça, pelo PS, Edite Estrela: sobre separatismo nem uma palavra; mas, desancou Jardim («um caso do foro psiquiátrico»), pelas suas ofensas pessoais a António Guterres, e Barroso – não pelo que havia dito, mas por ter assistido sem protestar às ditas ofensas; e, logrando alçar-se ao nível de Jardim, a edil sintense afirmaria, mesmo, que «mafioso rima é com Barroso».

Enfim, todos os anos a mesma fantochada.

Como temos sublinhado, a postura provocatória, chantagista e de permanente conflitualidade com o Estado adoptada por Jardim – nas festas e fora delas – é fortemente descredibilizadora da Autonomia. Impõe-se, por isso, o desmascaramento sério e rigoroso dessa postura e a intensificação da luta pela dignificação e enriquecimento da Autonomia. A importante experiência que foi a criação das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira – com as suas autonomias política, administrativa, financeira, económica e fiscal – não pode ser destruída pelas atitudes irresponsáveis de Jardim, às quais há que responder, não com silêncios nem com falas de circunstância mas com soluções concretas, enérgicas e criativas. Por exemplo: proceder a uma reflexão colectiva sobre essa experiência e, a partir dessa reflexão, procurar abrir caminho a uma nova etapa do processo autonómico, tendo em vista, sempre e prioritariamente, a melhoria das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores e das populações.

## Actual

## Calado e quieto

● José Casanova

Em entrevista ao *Jornal de Notícias*, disse José Luís Judas: «Continuo a não acreditar na esquerda dita radical, porque não vejo neles algum factor de mudança. É o caso do Partido Comunista. O PCP mantém-se mais numa atitude sindical do que propositiva. É um partido que não é capaz de traduzir em actos aquilo que diz em palavras.»

Porque estamos em Ano Europeu das Línguas, anotemos apenas, sem mais comentários, a confirmação da existência de um insanável conflito entre Judas e a Língua Portuguesa — e passemos adiante.

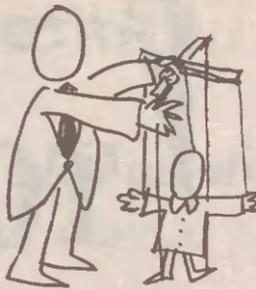
Deixando-nos na dúvida sobre a caracterização da esquerda em que acredita — esquerda de facto radical?, esquerda não radical?, esquerda só? — JLJ fornece-nos, no entanto, algumas pistas sobre a localização partidária da dita: o PS é, ao que tudo leva a crer, a morada da esquerda de Judas. A menos que JLJ considere a prática governativa do PS portadora de excessivos «factores de mudança» e, por isso, ferida de radicalidade... A propósito, recorde-

-se que, em 1992 (quando o governo de Cavaco deslizava, já, pela rampa de descrédito por onde escorre, hoje, o Governo de Guterres), Judas criticou severamente «a esquerda em geral» porque «tem uma apreciação errada do Governo e da sua política, tendo caído em fraseologias e slogans que rotulam o Governo de liberal e exclusivamente de direita». Pela mesma altura, também Ferraz da Costa, da CIP, bradava: «Este Governo pratica uma política socialista»...

Quanto ao PCP, basta dizer que é «mais sindical do que propositivo» para se ver logo que anda por maus caminhos e integra a família da «esquerda dita radical». E se a isso se acrescentar a sua incapacidade para «traduzir em actos aquilo que diz em palavras», é óbvio que estamos perante a total ausência de «factores de mudança».

Quer isto dizer que, para não ser «esquerda dita radical» nem «esquerda em geral» (as duas mais perigosas espécies de esquerda existentes, segundo a luminar análise de JLJ) e ser

esquerda de Judas, o PCP deveria deixar de se interessar pelos problemas dos trabalhadores, remetendo essas preocupações para outrem. Para os sindicatos? Não. Aliás, os sindicatos são desnecessários e nem deveriam já existir, como acutilante e incisivamente acentuou o próprio Judas há dez anos: atrás «é possível que o homem não precise de sindicatos no ano 2000». Então em quem delegaria o PCP o seu papel junto dos trabalhadores? No grande capital, obviamente; na política de direita, obviamente — e, é claro, sem «fraseologias nem slogans». Assim fazendo, entraria, triunfal, pela porta grande da esquerda de Judas. E passaria, de imediato, a ter capacidades plenas para «traduzir em actos aquilo que diz em palavras» — calado e quieto. E aplaudido por Judas.



## Estejam descansados

● Vítor Dias

Não fora vivermos um tempo em que tudo passa e quase nada se retém e talvez o Julho de 2001 agora terminado merecesse ficar na memória como o mês em que, em Portugal e a propósito dos acontecimentos de Génova, não apenas se exibiram reacções gritantes, argumentos falaciosos e indignas falcaturas intelectuais, mas também se passeou, ufana e convencida, uma ignorância de bradar aos céus.

No meio disto tudo, e podendo nem ser sequer o mais importante, impressionou-nos sobretudo o facto de resmas de fazedores de opinião (como, por exemplo, Maria Filomena Mónica no «Público» de 27/7) pensarem, ou fazerem de conta, que a globalização que aí está e que suscita as críticas, preocupações e protestos que se sabe seria um fenómeno de geração espontânea e uma evolução natural e inevitável, para depois concluírem que são uns tontinhos os que se lhe opõem.

Perante isto, das duas uma: ou estamos perante um truque argumentativo de uma insuperável desonestidade ou estamos, pura e simplesmente, no reino da mais absoluta ignorância por parte de pessoas com elevadas responsabilidades de intervenção pública.

Num ou noutro caso, parece ser necessário praticar o acto de caridade que consiste em explicar a estes comentadores que estejam descansados que, na crítica e no combate à globalização em curso, o que está em causa, ao

contrário do que insinuam, não é propriamente nem a existência ou desenvolvimento de trocas comerciais entre países, nem a circulação universal de informação, nem sequer a óbvia interdependência (que coexiste com inaceitáveis dependências) entre povos e países no mundo de hoje.

O que está em causa nessa crítica e nesse combate — e precisamente porque esse é o ângulo fundamental, distintivo e qualitativamente novo da globalização em curso — é sobretudo a liberalização dos movimentos de capitais e a verdadeira ditadura dos mercados financeiros que assim foi consentida, a imposição das teses e regras do «comércio livre» que garantem mercados para os países mais desenvolvidos e arruinam produções nacionais e tecidos sociais nos países mais pobres, e o próprio esvaziamento da democracia representativa e expropriação das soberanias nacionais e das soberanias populares a favor das forças e interesses do grande capital transnacional.

E nada disto caiu do céu aos trambolhões ou resultou de mais ou menos famosas leis objectivas. Antes quase tudo — da liberalização dos movimentos de capitais às regras da Organização Mundial de Comércio — resultou de opções e decisões tomadas por governos e Estados que, por isso, bem podiam deixar de representar o papel de anjinhos ou de tristes vítimas.



## Sinais de fogo

● Leandro Martins

Não me proponho glosar o tema do extraordinário romance de Jorge de Sena, que também me não serviu de amparo de leitura às férias. Li outros textos, desterrado voluntariamente no País profundo, como se costuma dizer, apesar de a profundidade deste país não exceder a centena de quilómetros, logo desatamos a falar espanhol.

No breve e fresco vazão das férias, seja qual for a temperatura, chegam-nos sempre sinais. A maior parte das vezes sinais de fogo, longos lamentos de sirenes que apelam ao socorro e lá correm voluntários e outras gentes a disputarem às chamadas árvores e haveres. Às vezes, um helicóptero atoa os ares da aldeia, como se a modernidade, que parece insinuar-se apenas através das antenas da TV e dos telemóveis, assim se anuncia-se com retumbância.

Outros sinais vêm de mais longe. Li sobre

Génova, assisti, a milhares de quilómetros, ao assassinato de um jovem. Ouvi e li comentários sobre a chamada «globalização». Que tem coisas boas e coisas más, conforme ditou Guterres; que é causa e consequência de um novo império, escreveu alguém; que escapa aos Estados e se encontra acima deles, opinou outro encartado comentador.

Pois. A globalização é inevitável. Gera-se a partir das próprias conquistas humanas e é escusado tentar colocar-lhe uma data, seja a da primeira viagem do Gama, seja a da primeira mensagem enviada pela Internet. O pior é que é gerada no interior do sistema capitalista; comandada pelos seus representantes.

A globalização não é boa nem má. Nem os manifestantes que contra ela levantam protestos lhe contestam a realidade, como pseudo-ingenosamente um

comentador lhes apontava, acusando-os de se servirem dos meios que ela criou para a combaterem. Nem os estados estão a ser devorados por ela. G8 quer precisamente significar que há 8 Estados — os mais ricos e influentes do mundo — que a comandam. Apesar do poderio crescente dos grandes grupos económicos sem pátria. O que está a acontecer, nesta agonizante e prolongada etapa do capitalismo, liberto daquela metade do mundo que o contrariava e lhe moderava os ímpetos, é que o Estado volta a desvencilhar-se da «sobrecarga» de serviços que as conquistas dos trabalhadores lhe tinham atribuído. E vai-se reduzindo ao osso que, como apontava Lênine, era a sua função primeira — a de aparelho repressivo ao serviço de uma classe contra as outras classes.

Provavelmente, está na calha a germinação de um superestado. Não é coisa boa. Mas os sinais estão aí. Sinais de fogo.



## Frases

“Percebe-se (...) o que se passou em Gotemburgo e em Génova (...) Os donos do mundo, os fazedores de fortunas, os mágicos dos mercados de capitais, os fundamentalistas da economia de mercado e os burocratas da inutilidade que se acautelem. Algo se está a passar no mundo”

(António de Almeida, *Diário Económico*, 26.07.01)

“Quem anunciou que a candidatura à Câmara de Lisboa seria o grande combate da sua vida foi ele próprio [Paulo Portas] (...) Se não é capaz de cumprir o que prometeu, deve dar lugar a quem o possa fazer”

(Manuel Monteiro, ex-presidente do CDS/PP, *Diário de Notícias*, 30.07.01)

“Empresários fogem a IRC através dos «off-shores» — Perda nos impostos arrecadados pode atingir 250 milhões em 2001”

Título e pós-título in *dn:negócios*, idem

“Esta é a essência do guterrismo. Há a fobia da contestação, por mais ilegítima que seja. Há a tentação de a todos agradar, por mais impossível que isso seja”

(Paulo Ferreira, *Diário Económico*, 27.07.01)

“Da análise dos organismos [públicos] cuja morte foi anunciada, temos: uma extinção de coisa nenhuma, que não poupa dinheiro algum e não prejudica direitos de ninguém. Faz-se porquê? Porque o Governo precisa de mostrar que faz coisas”

(Inês Serra Lopes, *Independente*, 27.07.01)

“É evidente que para o PS vem aí um ciclo de oposição. (...) Iremos fazer tudo para que seja o mais tarde possível”

(Jorge Coelho, idem)

“Amargurado pela persistente impopularidade do sr. Barroso, o PSD anda à procura de um messias. Desta vez, parece que o encontrou, António Borges (...) O nosso miserável mundo não mudou? Ninguém desata a rir, quando um pequeno grupo de zelotas fabrica outro santinho, para nos tirar de apuros? A resposta é não”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 29.07.01)

“Painel não confia nem em Guterres nem em Durão”

(Título de 1.ª página no *Expresso* referindo-se ao seu «painel de sondagens», 28.07.01)

“O controlo administrativo dos dados pessoais de natureza patrimonial (...) é um elemento essencial para o funcionamento do Estado social de direito”

(Saldanha Sanches, idem)

“Com este desfecho, a [privatização da] Cimpor acabou por tornar-se o modelo acabado da opacidade nas privatizações, num cozinhado com os ingredientes menos recomendáveis”

(Paulo Ferreira, *Diário Económico*, 31.07.01)

“Eu sou o princípio e o fim, a vida. Tal como nos Evangelhos”

(Alberto João Jardim, minutos antes do comício de Chão da Lagoa, *Público*, 30.07.01)

“Já vai bêbado. Foi aqui que o ano passado ele caiu. Já ia que não se aguentava”

(Dois anónimos apontando para Jardim, no mesmo comício, idem)

● Texto:  
Carlos Nabais



Foto Jorge Cabral

## Recuperar o atraso na Amadora Relançar o projecto da CDU

A CDU apresentou na passada semana um documento que define seis grandes opções para o desenvolvimento da Amadora. Em entrevista ao «Avante!», o cabeça de lista à Câmara, António Filipe, afirma que os grandes problemas do concelho não foram resolvidos no actual mandato, registando-se retrocessos em algumas áreas.

«Avante!» - As seis grandes opções que a CDU definiu para o desenvolvimento da Amadora constituem a base do programa eleitoral para o próximo mandato?

António Filipe - O objectivo deste documento é sinalizar aquelas que são as grandes opções estratégicas que, naturalmente, não são concretizáveis em apenas um mandato, até porque algumas delas transcendem as possibilidades autónomas do poder local, dependendo de grandes investimentos para a área metropolitana de Lisboa, designadamente em matéria de acessibilidades e transportes. A seu tempo a CDU apresentará um programa pormenorizado, área por área,

esse sim para o próximo mandato.

A definição destas prioridades foi um processo participado pela população?

Sim. Este trabalho não só resulta do profundo conhecimento das realidades do concelho que decorre das responsabilidades que a CDU tem tido - quer ao longo de 18 anos em que foi força maioritária quer nestes últimos quatro anos em que, apesar de não ter pelouros executivos, tem mantido uma permanente atenção aos problemas - como também da profunda reflexão que tem sido realizada e que culminou com o Fórum Amadora, onde decorreu um conjunto de debates sobre os temas que mais preocupam as populações.

### A cor do poder

O facto de uma maioria camarária ter a mesma cor política do Governo é por vezes apresentado como uma vantagem para as populações. Isso verificou-se na Amadora?

De facto, o PS procurou convencer as pessoas de que teriam algo a ganhar se a Câmara e o Governo fossem do mesmo partido. Mas o que ficou demonstrado é que o Poder Central não efectuou os investimentos necessários que prometeu, o que já levou a atitudes recriminatórias por parte da Câmara em relação ao Governo. Isto aconteceu, por exemplo, quando a Cova da Moura ficou excluída do Programa Polis, mas também no que respeita à extensão do Metropolitan até à Amadora, que foi uma grande bandeira eleitoral do PS, verificamos que não há rigorosamente mais nada do que desenhos no papel e placas no terreno para iludir as pessoas que as coisas estão em andamento.

Não basta portanto ter a mesma cor do Governo, é preciso que as populações e eleitos se mobilizem em torno de reivindicações concretas?

A população da Amadora tem a experiência concreta de que muito se conseguiu através da luta, com o firme empenhamento dos órgãos municipais e dos autarcas, independentemente dos governos serem do PSD ou do PS. O Hospital Amadora/Sintra foi um grande investimento público realizado no concelho depois de uma enorme luta das populações. Outro exemplo é o Centro de Saúde da Damaia. Por outro lado, neste último mandato apesar da tal coincidência política entre maioria da Câmara e o Governo central, o que verificamos é que o nível de investimentos diminuiu.

### O pior mandato

A actual maioria do PS é a grande culpada pelo agravamento dos problemas da Amadora?

Pensamos que sim. Desde que a Amadora foi elevada a concelho, em 1979, este foi o pior mandato autárquico. Foi o mandato em que menos se fez apesar de ter sido aquele para o qual mais se prometeu. Fez-se uma imensidão de promessas aos cidadãos nos mais diversos domínios - transportes, estacionamento, segurança, educação - mas verificamos que o seu cumprimento marcou passo. E mesmo em áreas onde havia possibilidades reais de resolver os problemas, nem aí as coisas avançaram como era obrigatório...

O realojamento é uma dessas áreas?

Sim. A requalificação urbana, que é uma das nossas grandes prioridades, passa necessariamente por um grande esforço de realojamento. A CDU deixou a Amadora em 1997 com os instrumentos jurídicos e financeiros necessários para que neste mandato se tivesse feito um enorme avanço nesta matéria. Porém, apesar de o PS ter prometido acabar com o pesadelo das barracas, o que verificamos é que o bairro na Boba, com largas centenas de fogos, está por ocupar há cerca de um ano.

O problema das barracas continua intacto?

Sim. Não foi feito praticamente nada. Os bairros de barracas que existiam há quatro anos continuam na Amadora. O número de realojamentos não ultrapassou as poucas dezenas, quando havia todas as condições para se chegar aos milhares.

É uma tarefa para a próxima maioria?

Para nós é uma prioridade inquestionável. O futuro da Amadora e da sua requalificação urbana passa pelos realojamentos e pela erradicação dos actuais bairros de barracas,

onde vivem cerca de cinco mil famílias. Se a CDU obtiver a maioria na Câmara, pensamos ser possível já no próximo mandato realojar a quase totalidade destas famílias.

### A diferença da CDU

Que utilização preconiza a CDU para as actuais zonas de barracas?

Essa é uma opção decisiva que a população vai ter de tomar para o próximo mandato: ou aceita que esses espaços sejam entregues à especulação imobiliária ou defende que aí sejam construídos equipamentos colectivos e zonas públicas de lazer. Esta é a grande diferença da CDU em relação à actual maioria PS na Câmara Municipal.

O Plano Director Municipal não resolve à partida essa questão?

O problema é que o actual Plano Director Municipal vai ser revisto obrigatoriamente no próximo mandato e a vontade política que presidir vai ser determinante. Nós defendemos a contenção dos índices de construção e consideramos que a Amadora tem um enorme défice de equipamentos colectivos. Mesmo aqueles que foram construídos em mandatos da CDU encontram-se hoje num estado lamentável devido à incúria da Câmara. Por isso, tem de ser feito um esforço de manutenção e, nalguns casos, de reconstrução, mas é necessário dar um passo em frente em termos de qualidade e lançar novos projectos, por exemplo, um polidesportivo moderno, um tribunal, centros de saúde, centros de dia, etc. Para tudo isto é preciso reservar espaço no município que, como se sabe, tem uma área geográfica muito reduzida e um índice de ocupação muito elevado.

E poucas zonas verdes...

Em 1979, a cidade tinha apenas o jardim junto à Estação e nos anos seguintes foram criadas várias zonas, a mais notável das

quais é o Parque Central da Amadora. Esta foi sem dúvida uma das acções mais positivas que marcou a gestão da CDU e continua a ser para nós uma opção fundamental. Quer nos espaços ainda disponíveis quer nos que vão ser libertados pelos bairros de barracas defendemos que se reservem áreas para construir um pulmão verde na cidade.

Apesar das pressões imobiliárias?

Sabemos que existem apetites enormes por parte da especulação imobiliária que procurará reduzir ao mínimo as áreas verdes e potenciar ao máximo as possibilidades de construção habitacional. Aliás no actual mandato, a Câmara autorizou a construção de cerca de 900 fogos na área de Neudel, em violação do Plano Municipal que estabelecia 600 como limite.

Isso indica que a actual maioria é permeável aos interesses da especulação imobiliária?

Há indícios claros. Se esta maioria

Fábrica da Cultura, num luto durante quase todo o ano. Com o abandono de projectos de grande importância, a começar pelo projecto do centro cultural da Malaposta, para cujo desmantelamento a actual maioria contribuiu de forma decisiva, a Amadora tem vindo a perder terreno nesta área. Daf que recuperar o que se perdeu no campo cultural e lançar novos projectos é também um dos objectivos estratégicos que lançamos para o próximo mandato.

Trata-se de regressar à boa gestão CDU?

Trata-se sobretudo de relançar o projecto da CDU. No essencial re-venho nos tra-

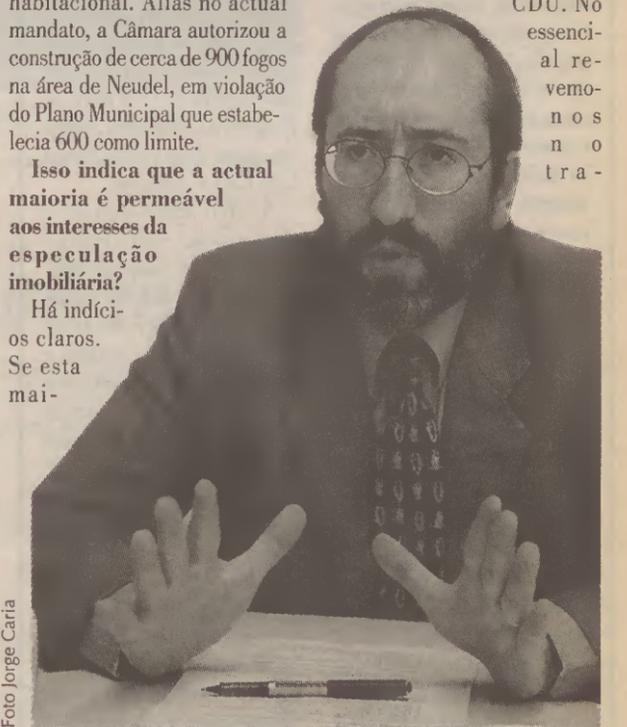


Foto Jorge Caria

A requalificação urbana é para António Filipe o grande desafio do próximo mandato garantindo que se a CDU tiver maioria não cederá às pressões imobiliárias

oria se mantiver é evidente que haverá uma restrição da área verde em benefício do betão armado.

A má gestão desta maioria reflecte-se também noutras áreas?

Sim, por exemplo na área da cultura. Da parte da actual Câmara tem havido uma completa indigência em matéria de programação cultural, deixando espaços importantíssimos criados pela gestão CDU, como a

balho realizado pela CDU ao longo de 18 anos, mas o nosso projecto não é o regresso ao passado mas o relançamento de um projecto autárquico com soluções de qualidade para melhorar as condições de vida das populações e da qualidade de vida na Amadora. Isto passa, nalguns casos, pela recuperação de retrocessos verificados neste mandato mas também pelo lançamento de novos projectos que são necessários para o futuro.



Pôr cobro à gestão desastrosa de Felgueiras

## Dar voz ao povo

«Desde o 25 de Abril, que a Câmara de Felgueiras é governada pelo PS e o que repetidamente fomos ouvindo foi promessas que, em muitos casos, continuam por realizar», lembrou Luís Carlos Antunes, candidato da CDU à autarquia.

Na sessão de apresentação, realizada no passado dia 23 de Julho, nas instalações da Junta de Freguesia de Margaride, o cabeça de lista da Coligação fez um balanço negativo da gestão socialista da autarquia e chamou a atenção para o incumprimento das promessas de investimentos por parte do Governo central. «As tão prometidas acessibilidades, IC 25 e IP9 continuam, passados dez anos, a ser apenas promessas», tendo sido recentemente renovadas para daqui a quatro anos.

Por seu lado, a ineficácia da autarquia está bem patente no retrato que Luís Carlos Antunes traça do concelho. «Os níveis de saneamento são absolutamente baixos, a água ainda não chega a todos os locais, a saúde é, como sabemos, uma desgraça, cerca de um terço da nossa população não tem médico de família. As taxas moderadoras negociadas, quando da reabertura do Hospital, são as mais altas do distrito, e atingem sobretudo os reformados, desempregados, inválidos e crianças, que em qualquer outro hospital não pagam nada.»

A gestão desastrosa verificou-se ainda na baixa execução orçamental e no endividamento preocupante, apesar de o concelho «apresentar carências em sectores primários absolutamente inadmissíveis que demonstram à evidência a incapacidade dos políticos que têm gerido Felgueiras».

O candidato lembrou ainda as graves acusações que recaem sobre a actual presidente da Câmara de ter usado em seu proveito verbas da autarquia. Neste processo, referiu Luís Carlos Antunes, «a Câmara já foi investigada pelo IGAT, que no seu relatório apontava para a perda de mandato da presidente». Entretanto, a Judiciária continuou a investigar e já existe um conjunto de acusações que torna a presidente de Câmara arguida em processo. «Final, o dr. Jorge Coelho, quando da apresentação da recandidatura da dra. Fátima Felguei-



Luís Carlos Antunes

ras não disse a verdade, quando afirmou, que "não havia acusações". Pelos vistos há, e algumas já estão à mais de um ano prontas para seguir para Tribunal.»

### Acelerar a justiça

Neste quadro, a CDU de Felgueiras exige, que as investigações sejam aceleradas de modo a que se possa realizar o julgamento em tempo oportuno, «para que a justiça saia dignificada e o povo de Felgueiras, sem erro, saiba em quem deve votar», frisou Luís Carlos Antunes.

A CDU apresenta-se a estas eleições com a convicção de que é «imprescindível e urgente uma voz verdadeiramente livre e democrática, que possa garantir a todos, que com um vereador da CDU eleito na Câmara de Felgueiras, vergonhas, como as que hoje vivemos, não mais serão possíveis». O cabeça de lista da CDU assegurou que os eleitos da coligação serão «a voz dos jovens, das mulheres, dos reformados, dos trabalhadores e daqueles que até aqui não tiveram direito a voz. Reporemos a dignidade a todos os trabalhadores da autarquia, vítimas de toda esta política».

Luís Carlos Ribeiro Antunes tem 28 anos. Natural e residente em Margaride é ourives e responsável pela organização do PCP em Felgueiras. Na sessão foi igualmente apresentada Lurdes Ribeiro como cabeça de lista à Assembleia Municipal. Com 49 anos, reside em Jungueiros, é trabalhadora têxtil em Guimarães e dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Minho.

Os eleitos da CDU em Águeda têm provas dadas de seriedade e capacidade de trabalho

## Romper com o unanimismo

«Uma maior pluralidade no executivo camarário é útil para a correcção de políticas erradas e para a adopção de uma verdadeira política de desenvolvimento», considerou Francisco Simões, cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Águeda.

Durante um encontro com a imprensa, realizado no passado dia 23 de Julho, em que foi igualmente apresentado Júlio Correia, como primeiro candidato da CDU à Assembleia Municipal, Francisco Simões salientou que o próximo executivo municipal terá a responsabilidade de «gerir as verbas do último quadro comunitário de apoio», ou seja, vai ter de «agarrar oportunidades que dificilmente se repetirão».

Para que isso aconteça, o candidato considerou ser necessário «romper com as falsas alternativas» e com «o unanimismo», notando que «dois partidos que se reclamam da oposição e que hoje se apresentam como proponentes de uma nova política, tiveram a maioria no executivo e podiam ter ditado outras políticas. Não o fizeram».

Em relação ao próximo mandato, o candidato da CDU compromete-se a assu-

mir uma «postura de atenção constante aos problemas, de crítica em todos os momentos em que tal se justifique, de seriedade e colaboração com todas as iniciativas e ideias positivas que apareçam para discussão».

Segundo afirmou, a CDU procurará em cada momento conhecer os problemas do concelho e das populações e estudar as melhores soluções a apresentar.

«Nunca tivemos receio de trabalhar com os outros partidos. Sabemos ouvir e tirar contributos positivos de opiniões diferentes das nossas», disse mostrando-se convicto de que «a presença da CDU na Câmara Municipal de Águeda se impõe pela nossa capacidade de diálogo, pela nossa postura de seriedade, pela capacidade de trabalho que nos é reconhecida e pela competência que pensamos já ter demonstrado».

Na sessão, que contou com a presença duas dezenas de

apoiantes, interveio ainda Artur Ramísio, membro da Direcção Regional de Aveiro do PCP que revelou serem objectivos da CDU nas próximas eleições «consolidar as posições e crescer na Assembleia Municipal e nas três freguesias onde temos eleitos e



Francisco Simões

conseguir representação na Câmara Municipal». A CDU pretende igualmente concorrer a mais duas freguesias para além das setes a que concorreu nas últimas eleições.

Para além dos candidatos, estavam ainda na mesa Jaime Canas, membro da Junta de freguesia de Águeda, da Comissão Concelhia do PCP e Comissão Coordenadora da CDU, Manuela Caetano, membro do Conselho Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes», e João Frazão respon-

sável da DORAV e membro do CC do PCP.

### Os candidatos

O candidato à Câmara, Francisco Abrunhosa Simões, tem 52 anos e é engenheiro mecânico formado no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Empresário na área da produção de equipamentos destinados à investigação científica, foi membro da Assembleia de Freguesia de Águeda de 1993 a 1997 e da Assembleia Municipal durante três mandatos. É membro da Comissão Concelhia de Águeda e da Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP.

Júlio Manuel Balreira Correia, cabeça de lista à Assembleia Municipal, tem 49 anos e é operário metalúrgico. Coordenador do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, Viseu e Guarda, integra a Comissão Executiva da União de Sindicatos de Aveiro e o Conselho Nacional da CGTP-IN. É membro do Conselho Consultivo do Instituto do Emprego e Formação Profissional da Região Centro e da Assembleia Municipal de Águeda. Pertence ainda à Comissão Concelhia e à Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP.

### Covilhã

## POLIS ameaça emprego

O cabeça de lista da CDU à Câmara da Covilhã denuncia a forma pouco participada como foi elaborado o programa Polis para o concelho afirmando que a sua execução constitui uma ameaça real aos postos de trabalho em algumas empresas que vão ser demolidas.

Elaborado no segredo dos gabinetes, refere Luís Garra, o Polis não teve a participação dos eleitos nem das populações e não foi precedido de consultação e de informação prévias dos empresários a quem pertencem as unidades fabris que serão alvo de demolição, pondo em perigo cerca de 200 postos de trabalho.

O candidato estranha ainda que o Polis não preveja a recuperação do parque habitacional da zona velha da cidade e de outras freguesias urbanas, medidas que considera «indispensável para a fixação e atracção das pessoas e para a reanimação da cidade».

No entanto, Luís Garra sublinha a o seu desejo de contribuir para que o programa Polis seja concretizado dentro dos prazos estabelecidos e dentro dos pressupostos que foram tornados públicos sem manobras e com total transparência. Neste sentido exige que a Câmara esclareça por que razão o edifício da ex-Armando

Martins está a ser remodelado quando está incluído nos imóveis a demolir; quem autorizou a sua recuperação e remodelação, qual o uso que vai ser dado e por quanto tempo e se, depois de remodelado, o valor será o mesmo que seria pago antes das obras?

### Barreiro não desiste

Quem não desiste da candidatura ao Polis é o Município do Barreiro que viu entretanto chumbada pelo ministro do Ambiente a proposta que apresentou à componente 1 do programa. José Socrates considerou a candidatura de

elevada qualidade afirmando que a sua selecção será prioritária se for apresentada na componente 4.

Por seu lado a Câmara já decidiu fazer as necessárias adaptações ao projecto e aguarda que a palavra do ministro seja cumprida, tanto mais que, sublinha «este projecto constitui uma contribuição essencial para o desenvolvimento sustentável do Barreiro».

A candidatura implica um investimento de cinco milhões de contos e prevê intervenções em toda a zona de Alburica, Moinhos, Caldeiras, Mexilhoeiro e Quinta do Brancaamp.

## Construtora domina da CM de Oeiras

A bancada da CDU na Assembleia Municipal de Oeiras votou contra a criação da empresa municipal constituída pela Câmara para gerir o projecto SATU do concelho que ligará por monocarril Paço de Arcos e Porto Salvo-Lagoas Parque.

Em comunicado de imprensa, os eleitos da Coligação recordam que a empresa Teixeira Duarte foi contemplada com o projecto orçado em cerca de dois milhões de con-

tos, tendo sido criada para o efeito uma empresa municipal constituída pela Câmara Municipal, com 51 por cento do capital e pela citada construtora, que detém 49 por cento.

Porém, notam, a administração da empresa será dominada totalmente pela Teixeira Duarte que terá três administradores contra apenas dois da Câmara, apesar desta deter a maioria do capital.

Por isso, a CDU votou contra o projecto, ao contrário do

que chegou a ser noticiado num jornal diário, tendo os seus eleitos feito na sessão da Assembleia Municipal de 19 de Julho uma declaração de voto que considera que «os interesses do município não estão minimamente salvaguardados, na medida em que [o projecto] não se enquadra num plano geral de transportes que satisfaça as necessidades da população e das empresas sediadas no concelho».

A declaração sublinha ainda que «o projecto SATU está elaborado exclusivamente à medida dos interesses da empresa Teixeira Duarte que (...) assume poderes absolutos ao nível da gestão do financiamento e da fiscalização».

A CDU deixou assim claro que «concorda e apoia todos os SATUS que sirvam de facto as populações do concelho e não este SATU que serve claramente os interesses da empresa Teixeira Duarte».

## APRESENTAÇÃO na Amadora

O escritor e jornalista Mário Ventura Henriques é o cabeça de lista da CDU à Assembleia Municipal da Amadora. O anúncio foi feito quinta-feira da passada semana no decorrer de uma iniciativa em que foram igualmente apresentados os cabeças de lista às dez freguesias do concelho e divulgados os principais eixos da intervenção que a Coligação se propõe realizar no próximo mandato. Com 65 anos, Mário Ventura Henriques é independente e reside há 31 anos na Amadora onde foi presidente da Assembleia Municipal no mandato de 1993/1997, órgão que integra actualmente. É ainda director do Festival de Cinema de Tróia - Festroia.

## JOVEM ENCABEÇA lista em Tomar

Sílvia Serraventoso, estudante de Direito de 23 anos, é a primeira candidata da CDU à Assembleia Municipal de Tomar. A jovem foi apresentada no passado dia 23 de Julho, numa sessão em que participou a deputada, do PCP, no Parlamento Europeu, Ilda Figueiredo, que salientou a importância da candidatura da jovem e da mulher, incentivando e encorajando a sua participação activa na vida política da autarquia.

## CANDIDATO à AM de Faro

Por lapso, na edição anterior, o Avante! não referiu o nome do candidato da CDU à Assembleia Municipal de Faro, Eurico Antunes. Com o curso superior de engenharia civil do Instituto Superior Técnico, Eurico Antunes prestou serviço no GAPA (Gabinete do Planeamento da Região do Algarve), de 1975 a 1978, tendo a seu cargo a coordenação civil do Algarve entre 1978 a 1982. De 1977 a 1987, desempenhou funções de vereador na Câmara Municipal de Faro, eleito, sucessivamente, nas listas da FEPU, APU e CDU, tendo exercido a tempo inteiro o cargo de vereador com o pelouro da Habitação, de Junho de 1983 a Março de 1985. O candidato à Assembleia Municipal é, desde 1995, presidente da Direcção da Coopofa - Cooperativa de Consumo Popular de Faro e coordenador técnico para a instalação do gabinete de projectos na Cooperativa de Construção e Habitação Económica União Silvense desde 2000.

# Juventude CDU apresenta manifesto Participar é decidir

O manifesto eleitoral da Juventude CDU foi apresentado na tarde de quinta-feira, em Almada, após a visita de Carlos Carvalhas ao Centro Juvenil de Santo Amaro, perante uma audiência de algumas dezenas de jovens.

O documento propõe uma política autárquica transversal de juventude que conjugue uma preocupação com os equipamentos e infra-estruturas com o planeamento e gestão urbanística, «dando particular atenção ao património cultural e paisagístico, às actividades culturais e desportivas e a políticas de desenvolvimento que respeitem os valores ambientais e de qualidade de vida».

«As autarquias CDU são conhecidas por possuírem as melhores redes municipais de equipamentos de juventude, culturais, desportivos e recreativos do País. No entanto, contrariamente a outros, consideramos que para uma boa política local de juventude não basta uma boa oferta cultural», lê-se no manifesto.

«É necessária uma política autárquica transversal de juventude que tenha em conta as necessidades mais básicas dos jovens, desde o tratamento de águas e o saneamento básico passando pela alfabetização, os transportes e o equilíbrio ambiental, até à captação de investimentos que permitam a criação de postos de trabalho. Porque o desenvolvimento humano passa pela prática desportiva, pela cultura, pelo

emprego com direitos, pela solidariedade, pela qualidade de vida e ambiental, pela possibilidade de optar», defende a coligação.

## Rejuvenescer os concelhos

**As autarquias CDU  
são conhecidas  
por possuírem  
as melhores redes  
de equipamentos  
de juventude, culturais,  
desportivos  
e recreativos**

A Juventude CDU defende concelhos cada vez mais jovens e onde a juventude tenha um papel fundamental. «Porque fazemos uma política verdadeiramente de esquerda, defendemos a inter-



Na visita ao Centro Juvenil de Santo Amaro, Carlos Carvalhas esteve acompanhado pela presidente da Câmara de Almada, Maria Emília Sousa

venção e a participação de uma juventude activa e reivindicativa. Lutamos, agimos, somos diferentes nos ideais e nas acções», acrescenta.

A CDU já deu provas que

faz um trabalho experiente, honesto e competente que merece a participação e o apoio dos jovens. «É a este projecto estrutural que queremos dar continuidade, um

projecto com princípios. Pela realização integral do ser humano, pela solidariedade e pela igualdade, pela democracia, pela justiça, por um desenvolvimento integrado e pelo equilíbrio ambiental», afirma a CDU no manifesto.

E recorda acções concretas, como a criação de diversos espaços de reflexão e debate como fóruns, conselhos e comissões municipais de juventude e também espaços físicos de criação e fruição cultural, casas e oficinas de juventude.

«Através de uma gestão democrática e próxima da juventude, dinamiza e estimula a participação na vida local, elevando a consciência política e social dos jovens. Comemorando 25 anos do poder local democrático, afirmamos a participação juvenil como pilar fundamental da sociedade que queremos construir.»



Dezenas de jovens estiveram no lançamento, em Almada, do manifesto da Juventude CDU

## Vila Franca

# PS subverte democracia

Os eleitos da CDU nos órgãos autárquicos de Vila Franca de Xira denunciaram em conferência de imprensa a actuação do Partido Socialista na presidência da Câmara e da Assembleia Municipal que acusam de reduzir «a prática de participação dos eleitos e das populações» e subverter «o funcionamento democrático daqueles órgãos».

Entre muitos exemplos, a CDU destaca o facto de os quatro vereadores que dispõem na Câmara terem sido «marginalizados» pela presidente que não lhes atribuiu pelouros, desrespeitando assim os próprios resultados eleitorais, uma vez que o PS tem o mesmo número de eleitos que a CDU na Câmara. A CDU foi também afastada do conselho de administração dos SMAS.

A nova prática centralista e prepotente traduziu-se ainda na redução do diálogo com as juntas de freguesia, no desapeamento de estruturas de

coordenação de trabalho como as comissões municipais de cultura e de reformados, bem como na discriminação de responsáveis técnicos da autarquia que se viram colocados «na prateleira», apesar dos custos e consequências daí resultantes para o funcionamento dos serviços.

A Câmara passou igualmente a utilizar os subsídios para tentar condicionar as instituições, colectividades e seus dirigentes aos ditames e interesses políticos do PS, ao mesmo tempo que desrespeitou instrumentos fundamentais como o Plano Director Municipal. Neste caso, a CDU refere como exemplo a aprovação de uma nova urbanização na Quinta da Piedade na Póvoa de Santa Iria, em terrenos municipais previstos para a circulação viária e espaços públicos e que serão entregues a um particular. Igualmente foram desafectados terrenos da Reserva Agrícola

Nacional para a construção de urbanizações, designadamente na Quinta do Duque em Vialonga.

Ao mesmo tempo, as alterações aos instrumentos de gestão do território - PDM e planos de Pormenor - estão a ser efectuadas sem o conhecimento da população. Tanto assim é que a Comissão da revisão PDM, definida em 1997, não apresentou publicamente qualquer trabalho, facto que a CDU interpreta uma forma de a Câmara evitar constrangimentos para decidir «ao sabor dos interesses imobiliários e circunstanciais».

## Sessões reduzidas

Na Assembleia Municipal, logo no início do mandato, o PS tentou que todas as sessões se realizassem na freguesia de Vila Franca, o que só

não se concretizou devido à oposição da CDU que insistiu em manter a prática democrática de aproximação dos órgãos autárquicos às populações, realizando sessões em todas as freguesias do concelho.

Porém, durante o corrente ano, tem vindo a diminuir o número de sessões da Assembleia, deixando de realizar-se mensalmente como era habitual. O espaço de debate foi assim restringido, acumulando-se por outro lado os assuntos aos quais não é reservado o tempo necessários para a sua discussão. Foi o que aconteceu com o Relatório e Contas de 2000 que começou a ser examinado à 1,30 horas e acabou às 3,30 horas da madrugada.

A CDU afirma ainda que as comissões de trabalho da Assembleia, apesar de o seu número ter sido diminuído, não funciona; o boletim informativo da AM não é publica-

do desde o início do mandato o mesmo sucedendo com as deliberações deste órgão.

De resto a actividade da Assembleia Municipal tem vindo a ser reduzida, resumindo-se este ano às sessões. Deixaram assim de realizar-se visitas e contactos de trabalho com os órgãos autárquicos das freguesias e as populações. No mesmo sentido, a intervenção dos municipais nas sessões foi relegada para o fim dos trabalhos, muitas vezes a horas tardias.

O estilo imprimido ao funcionamento da Câmara e da Assembleia «reduziu o espaço de debate e participação democrática, limitou a participação dos eleitos e das populações, subvertendo o espírito democrático a que estávamos habituados», salientam os eleitos da Coligação que defendem uma gestão onde as pessoas estejam de facto primeiro. Mas para isso faz falta a CDU.

Carlos Carvalhas sobre o Orçamento do Estado,  
«o pior dos últimos seis anos»

## Um instrumento contraccionista

As linhas apontadas para o próximo Orçamento, a serem concretizadas, «farão deste um muito mau Orçamento», afirmou o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, à saída da audiência que teve, na quinta-feira passada, com o primeiro-ministro, a propósito da elaboração do Orçamento do Estado para 2002.

Em declarações proferidas à comunicação social, no fim da audiência, Carlos Carvalhas informou que declarara ao primeiro-ministro a opinião de que «Portugal não pode ficar refém do Pacto de Estabilidade», sustentando ser «impossível o cumprimento da limitação do aumento de despesa corrente primária a 4%».

De facto, para Carlos

Carvalhas, este Orçamento é determinado quer pelo «limite do défice imposto pelo Pacto de Estabilidade» - saudado pelo PSD e pelo PS e apoiado pelo PP - quer pelo tecto de 4% para o aumento da despesa corrente primária. O que significa que, «mesmo com todas as engenharias contabilísticas», o Governo «se prepara para diminuir em termos reais os venci-

mentos dos trabalhadores da Administração Pública» e para «não cumprir a lei das finanças locais e regionais».

Ora, na opinião dos comunistas, não podem ser os trabalhadores da Administração Pública e os trabalhadores em geral, as autarquias e os pequenos e médios empresários a «pagar a factura de uma política errada e desastrosa».

Ainda, para Carlos Carvalhas, o PS, «ao insistir nas privatizações, no corte nas despesas sociais, na diminuição dos salários reais, no não cumprimento de promessas e numa polí-

tica que fragiliza o aparelho produtivo nacional», apenas está a «cavar a sua própria sepultura» e a «dar espaço e credibilidade à direita».

**Não podem ser os trabalhadores a pagar a factura de uma política errada**

**Um mau Orçamento**

E é assim que o Orçamento de Estado não sendo, como deveria, «um instrumento de estabilização da conjuntura, equilibrando as flutuações cíclicas e impulsionando o desenvolvimento», é, pelo contrário, «um instrumento contraccionista» que vai agravar a situação económica e social. Ele pode mesmo vir a ser «o pior

Orçamento destes últimos seis anos, designadamente para os trabalhadores da Administração Pública».

A tudo isto, segundo o facto de o Orçamento de Estado «não ser um parêntesis na vida política do Governo», Governo que «se prepara para rever a reforma fiscal, para alterar leis laborais no sentido negativo, que diz uma coisa hoje e outra amanhã, que continua com os escândalos das privatizações e com uma política inaceitável de concentração de riqueza».

Assim, «quem pratica e quem apoia esta política presta um magnífico serviço à direita e aos grandes senhores do dinheiro»,

sublinhou Carlos Carvalhas, em termos de conclusão. Por seu lado, o PCP, «assumindo as suas responsabilidades e a sua postura de oposição de esquerda, apresentando propostas e soluções e contribuindo na Assembleia da República para a aprovação de todas as propostas positivas, combaterá com determinação a política de privatizações, a política que procure passar os custos de uma errada política orçamental para os trabalhadores, para os reformados e para os pequenos e médios empresários, isto é, combaterá a direita e a política de direita e não será a bengala desta política».

## Trás-os-Montes e Alto Douro Desertificação mantém-se

A Direcção da Organização Regional de Trás-os-Montes e Alto Douro do PCP está preocupada com a perda de mais de 28 mil residentes sofrida pela região e responsabiliza o Governo pela falta de medidas no sentido de cobrir a desertificação. Medidas que, em sua opinião, passam pela convergência de investimentos públicos e discriminação positiva para investimentos privados com a elaboração de um «verdadeiro» Plano Estratégico de Desenvolvimento.

O PCP considera, ainda, «inaceitável» a integração dos municípios da região

na Empresa de Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro numa percentagem abaixo dos 51%, quer pelo facto de a região ser rica desse bem essencial, relativamente ao qual podem vir perder a médio prazo a competência para fixar taxas e tarifas, quer pelo grande investimento feito em infra-estruturas de abastecimento às populações, que deveria levá-los a «não desbaratar» esse riqueza. Por seu lado, o PCP defende que os municípios se associem entre si e constituam empresas intermunicipais, com capital maioritário das autarquias.

Depois de exigir do Governo uma solução para a instabilidade que a Casa do Douro está a viver, devido a uma grave situação financeira constantemente ameaçada de penhoras existentes nos Tribunais, a DORT condena a manutenção do encerramento das feiras e proibição do trânsito de animais, pelos graves prejuízos que causam aos produtores e à economia regional. E, visando reduzir custo de transporte a abate e valorizar o rendimento dos produtores, defende o regresso à normalidade daquele meio comercial e a reorganização da abertura de matadouros intermunicipais.

## Segurança nas praias

A decisão tomada pela Marinha de cortar o reforço de pessoal a prestar serviço nas praias durante a chamada época balnear, por não ter capacidade financeira para sustentar tais encargos, é, na opinião do Gabinete de Imprensa do PCP, uma «decisão limite» dos seus responsáveis.

Em nota à comunicação social, o PCP considera que importa agora saber «se o Governo avalizou tal decisão» e, no caso de assim ter sido, se não existem outras áreas que não se encaixem no conceito de «missões de interesse público» onde se pudessem ter cortado.

Lembrando que há muito exige uma profunda reflexão - a que o Governo PS tem fugido - sobre o sistema de autoridade marítima, alertando para a sua «paulatina mas sistemática» destruição», o PCP condena a opção tomada e considera que a resolução dos inúmeros problemas que afectam aquela área não se tratam «com acções de marketing em torno dos VTS ou

de um Jeep» e muito menos «com uma sistemática, mas desengonçada, retirada de poderes ao sistema de autoridade marítima».

Por outro lado, reconhecendo embora que a candidatura portuguesa à instalação em Portugal da Agência Europeia de Segurança Marítima «tem um alcance bem mais largo», o PCP considera que esta decisão «pode fragilizar as pretensões nacionais».

Por último, «no momento em que prosseguem abordagens propagandísticas dos problemas ligados com as Forças Armadas, com vista a conduzir o povo português à inevitabilidade de algumas opções é justificar eventuais entendimentos em curso», o PCP reitera a sua opinião de que «o prosseguimento da actual política terá como consequência o corte progressivo nas «missões de interesse público» e o crescente envolvimento de Portugal em missões externas. Tais opções não servem Portugal nem os portugueses».

## Santa Maria da Feira

## Água e saneamento com aumentos escandalosos

Dezenas de feirenses encheram, no passado dia 25, o Auditório da Junta de Freguesia da Feira, para protestar contra os brutais aumentos da água e saneamento naquele concelho e constituir uma Comissão de Utentes que reclame junto da Câmara Municipal a renegociação do acordo de concessão feito entre a CM Feira e a Indáqua.

Santa Maria da Feira, o concelho mais populoso do distrito de Aveiro - 136 000 pessoas distribuídas por 31 freguesias -, tem uma das mais baixas taxas de cobertura de água e saneamento: segundo dados oficiais, 51% de água (ou 25%, segundo o estudo encomendado pela Câmara) e 10% de saneamento.

Aliás, foi invocando este atraso, que o PSD - detentor da maioria desde o 25 de Abril -, o PS e o CDS/PP começaram a defender a privatização dos serviços e, apesar da oposição do PCP e dos eleitos da CDU na Assembleia Municipal, aprovaram, em Dezembro de 1999, a concessão do serviço à Indáqua-empresa de Ludgero Marques, notório apoiante da recandidatura de Alfredo

Henriques à presidência da CMF- com a promessa da empresa de que «as tarifas seriam mais baixas que as praticadas até aí».

Porém - denuncia o PCP -, poucos meses após o início da concessão «começaram a aparecer os resultados: pessoas que habitualmente pagavam pouco mais de 1000\$00/mês passaram a receber facturas de 4000\$00, e os pequenos comerciantes viram a sua factura triplicar».

### Contas escandalosas

O que hoje se constata é que um munícipe da Feira que tenha um consumo de 8 m<sup>3</sup>/mês paga 5139\$, enquanto em Aveiro pagaria 3476\$, em Espinho 3260\$ e em Ovar 1760\$.

Foram muitos os exemplos que surgiram no decurso da reunião. Fernando Pereira, proprietário de um restaurante, pagou uma factura de 230 contos e, passados dois meses, recebeu nova factura de 97 contos. «Assim só para fechar a casa», afirmou revoltado. Rubens Maia, por sua vez, deu o seu exemplo: «de 5 contos por mês passei

a pagar 30, de dois em dois meses».

Queixa comum é, ainda, a de que as taxas de saneamento representam quase sempre 3 ou 4 vezes o valor da água - um consumo de água de 1000\$ pode representar uma factura de 5000\$00 - sendo igualmente significativo o exemplo das escolas, cujos consumos aumentaram de cerca de 300 para mais de mil contos e, engolindo todo o seu orçamento, poderão mesmo obrigá-las a fechar se a Indáqua decidir cortar a água por falta de pagamento.

Enfim... Situações que, segundo Manuela Silva, cabeça de lista da CDU à Assembleia Municipal, «todos conhecemos», havendo que «dar o pontapé de saída» a um movimento de utentes que passe a assumir a contestação àquela injustiça. O lançamento de uma petição que obrigue à discussão do assunto na Assembleia Municipal, o pedido de uma reunião com a Câmara Municipal e o estudo de uma queixa ao Provedor da Justiça, foram algumas das acções aprovadas e a Comissão de Utentes de 11 elementos, logo constituída, vai dar seguimento.



O debate foi marcado por inúmeras queixas relativamente aos preços da água

## MOITA Candidatura eleitoralista

A criação de novos municípios pressupõe uma base «de aspirações genuinamente populares e um quadro objectivo de condições enquadradas no espírito da lei», diz a Comissão Concelhia da Moita do PCP, a propósito das notícias vindas a público sobre a anunciada «candidatura» da Baixa da Banheira a Concelho. Tratando-se de um assunto que «não é tabu» para o PCP, que, aliás, tem encabeçado com frequência iniciativas políticas e institucionais nesse sentido, este partido considera, entretanto, que a candidatura da Baixa da Banheira não obedece minimamente àqueles pressupostos, até pelas pessoas que a protagonizam com objectivos «meramente partidários e eleitoralistas», autoprojectando-se a seu pretexto. Por fim, o PCP considera que é pela prossecução do projecto da CDU para o concelho que o desenvolvimento sustentado da freguesia da Baixa da Banheira e do concelho da Moita «vê assegurado o seu êxito, com dotação de meios e infra-estruturas».

## OVAR PCP saúda trabalhadores da SIKA

«É cada vez mais saliente o descontentamento de largas camadas da população face à contínua subida da inflação que «comeu», há muito, os magros aumentos salariais», diz a Comissão Concelhia de Ovar do PCP, na saudação enviada aos trabalhadores da empresa química SIKA pela satisfação dos aumentos salariais intercalares a partir de 1 de Agosto, que justamente reivindicavam.

Considerando que a luta é, de facto, «o caminho para melhorar as condições de vida e o poder de compra dos trabalhadores, duramente diminuído pela política do Governo PS», o PCP sublinha a unidade e determinação combativa dos trabalhadores, como decisivas para «fazer valer os seus legítimos direitos».

## BAIXA DA BANHEIRA Emigrantes convivem

A Comissão de Freguesia de Baixa da Banheira do PCP promove, no próximo fim-de-semana, um conjunto de iniciativas que têm por objectivo estreitar os laços entre os emigrantes portugueses naturais daquela região que se encontram de férias em Portugal.

A recepção verificar-se-á no sábado, no Centro de Trabalho do PCP, onde se encontra patente uma exposição alusiva ao 80.º aniversário do PCP e com referências à diáspora portuguesa. No domingo, os participantes encontrar-se-ão, de manhã, junto à Associação de Reformados «O Norte», no Parque Zeca Afonso, onde, no quadro da promoção da Festa do Avante!, se realiza um torneio de petanca. As inscrições fazem-se às 9h30, no próprio local.

## ALENTEJO Acampamento de jovens

A juventude CDU do Litoral Alentejano realizou, no passado fim-de-semana, no Parque de Campismo Campiférias, em Vila Nova de Milfontes, o seu habitual acampamento regional que, este ano, voltou a ter a participação de jovens de toda a região.

No sábado, um jantar de convívio, realizado no próprio Parque de Campismo, com a presença de Mário Peixoto, dirigente da juventude CDU, permitiu aos jovens trocar opiniões com Francisco Duarte, candidato da CDU à presidência da Câmara de Odemira, e Vítor Proença, candidato à presidência da Câmara de Santiago do Cacém.

# O SNS e as intenções do Governo

**S**e dúvidas houvesse sobre as intenções e as políticas defendidas pelo novo ministro da Saúde, as afirmações divulgadas durante a passada semana foram clarificadoras. A intenção privatizadora das medidas anunciadas já por Correia de Campos para o sector da saúde é cristalina. Confirma-se a análise da última remodelação governamental feita pelo PCP: foi uma remodelação à direita.



**Bernardino Soares**  
Membro da Comissão Política

De resto as opiniões expressas nos últimos anos pelo actual ministro sobre a política social foram sempre de defesa da liberalização destes sectores. Foi aliás representante do Banco Mundial em processos de privatização da saúde em países da América Latina e do Leste da Europa. Entre nós bastaria lembrar a sua posição no processo de reforma da Segurança Social em que assumiu, na Comissão do Livro Branco, as posições do chamado grupo maioritário, no sentido de uma maior privatização deste sector.

A escolha de Correia de Campos para o Ministério da Saúde e as orientações por ele já anunciadas são uma evolução previsível. Não se enganou o PCP quando ainda em 2 de Abril afirmou em conferência de imprensa:

“Esta política de destruição do SNS terá do PCP uma oposição firme”

«Seja pela aplicação de medidas e orientações contrárias às necessidades da população e dos profissionais, seja por falta de intervenção na resolução dos seus principais problemas, o Governo tem contribuído para a degradação dos serviços públicos de saúde, para com isso justificar a sua privatização.» Isso é, aliás, confirmado pelo próprio quando afirma em entrevista que «há seis anos, com a minha agen-

da, sairia ao fim de três meses». E mais adiante: «... toda a crise tem um enorme potencial. Numa situação larvar não se podem fazer grandes reformas. Numa situação de crise podem fazer-se algumas reformas mais importantes».

Chegou pois a hora de acelerar a privatização. As grandes linhas de ataque estão já anunciadas.

Prioridade na gestão das unidades de saúde. Para o efeito vendeu-se a ideia (e não só na saúde) de que a gestão pública seria inevitavelmente ineficiente e a gestão privada por natureza eficaz. Escondendo que as insuficiências foram criadas pelos que agora apresentam em bandeja dourada a solução da privatização já se anuncia a entrega de mais unidades públicas à gestão privada (além do Amadora-Sintra), as parcerias com o sector privado (onde a entrada do IPE no sector da saúde terá um papel relevante), ou a entrega de áreas da saúde a entidades do chamado sector social, muitas já coligadas com grandes grupos económicos e financeiros nacionais e estrangeiros.

Pelo caminho assomam já as possibilidades de *opting out* ou a velha teoria de que não é justo que os mais abastados paguem o mesmo do que os mais desfavorecidos para justificar um cada vez maior pagamento directo dos cuidados de saúde.

### Há outro caminho

As medidas negativas virão certamente envolvidas em boa dose de

demagogia. O cidadão estará no «centro» das atenções; os sindicatos e os trabalhadores da saúde serão entraves à modernização. O conhecimento técnico que o ministro tem do sector servirá para justificar as suas decisões políticas.

É preciso mostrar com clareza que há outro caminho para a resolução dos problemas da saúde em Portugal.

Se há dificuldades de gestão então que acabem as nomeações passem a ser por concurso, privilegiando a competência; que aumente a formação de profissionais e a sua correcta distribuição; que termine o congelamento dos lugares de quadro que obriga à contratação precária de milhares de trabalhadores indispensáveis; que se estabeleçam objectivos de produção.

Se se querem racionalizar os gastos do Serviço Nacional de Saúde (SNS), que se limitem onde eles são desperdício. Aplicando a proposta do PCP de distribuir, nas consultas e urgências dos hospitais públicos, os medicamentos aí receitados cujo custo de participação ao serem comprados nas farmácias privadas acaba por ser maior do que se entregues gratuitamente e de imediato aos utentes. Nas convenções e nas aquisições ao exterior abdicuem de comprar ao sector privado o que pode ser feito nos serviços públicos.

O novo ministro afirmou já estar disposto à guerra para levar por diante os seus intentos. Descontado o discurso belicista, o certo é que esta política de destruição do SNS terá do PCP uma oposição firme. De crítica implacável às medidas liberalizadoras e de apresentação sistemática da política alternativa dos comunistas para a resolução dos problemas da saúde.

Mas esta ofensiva terá certamente também a resposta adequada das populações e dos trabalhadores na defesa de uma das suas maiores conquistas: um Serviço Nacional de Saúde público e de qualidade, que garanta a todos o acesso à saúde.



## Braga Deputado presta contas

No balanço à actividade do deputado do PCP eleito pelo distrito de Braga, a Direcção da Organização Regional do PCP assinalou, em conferência de imprensa, com a presença de Agostinho Lopes, algumas áreas e questões que mereceram a sua particular atenção.

Entre essas questões, destacam-se problemas de salários, condições e conflitos laborais de trabalhadores, todos praticamente tidos em conta na acção parlamentar; o debate público em torno das Bacias Hidrográficas do Cávado e do Ave, a que se seguiu a aprovação de moções apresentadas pela CDU nas assembleias municipais de Amares, Barcelos e Braga; a visita a inúmeros hospitais e unidades de saúde, para levantamento de carências, e a continuação da intervenção contra a discriminação dos cidadãos de Espoende, Fão, Riba d'Ave e Vila Verde em matéria de taxas moderadoras.

Cândido Capela Dias, primeiro, e Agostinho Lopes, depois, levantaram, ainda, na Assembleia da República, questões ligadas à educação e cultura, à justiça e segurança, aos transportes e comunicações, aos serviços públicos, às actividades económicas e empresariais do distrito, designadamente os problemas dos agricultores, como são os do leite, da sanidade animal e das ajudas comunitárias.

### Distrito sem respostas

Relativamente ao Orçamento do Estado, o PCP lembra que a inviabilização pelo PS de um conjunto de propostas apresentadas suas não permitiu dar resposta a necessidades e problemas concretos do distrito. Porém, tão grave como o valor exíguo dos projectos orçamentados é a sua baixa taxa de execução, por exclusiva responsabilidade do Governo que, este ano, não tem a desculpa do atraso na aprovação do orçamento.

Entretanto, os comunistas de Braga chamam a atenção para alguns atrasos que, em sua opinião, importa recuperar com urgência. É o caso do novo Hospital de S. Marcos, cuja conclusão poderá ser inviabilizada; das instalações definitivas dos novos pólos da Universidade do Minho - Escola das Ciências da Saúde, Pólo de Direito e Pólo de Engenharia; e das instalações do Comando Distrital da PSP e do Novo Quartel da GNR que, anunciados para 2000 pelo então ministro da Administração Interna, se encontram na estaca zero.

Outros atrasos significativos podem ser verificados na melhoria da ferrovia, na beneficiação e conservação da rede de estradas nacionais e no desenvolvimento dos projectos públicos e privados apoiados pelos fundos comunitários do III QCA que se traduzem por «um grande e crítico» atraso na realização de investimentos de grande importância para o distrito de Braga. Distrito que, para estranheza do PCP, não viu contemplada qualquer cidade sua no Programa Polis.

Dotações na Região Norte são insuficientes em áreas reconhecidamente carenciadas

# Programa Operacional mal estruturado

A Direcção da Organização Regional do Porto do PCP realizou, na semana passada, com a participação de Ilda Figueiredo, Pimenta Dias e Serafim Brás, uma conferência de imprensa para divulgar a sua posição sobre o III Quadro Comunitário de Apoio e a evolução do investimento e da aplicação dos fundos estruturais no distrito.

Continuam a faltar «respostas adequadas aos graves défices em infra-estruturas e equipamentos» essenciais ao desenvolvimento, diz o PCP, responsabilizando por esta situação a burocracia, o atraso na regulamentação e, sobretudo, a estruturação incorrecta do Programa Operacional da Região Norte, feita sem a participação

das organizações e instituições regionais e locais.

Assim, segundo o PCP, «não basta olhar» para as percentagens da execução das medidas aprovadas, pois quando se vê que as medidas a utilizar pelas autarquias têm já um elevado grau de execução a nível da entrega de projectos - uns na ordem dos 100%, como em «Qualificação Urbanística» ou em algumas medidas do

eixo 1, em que participam autarquias e outras instituições regionais; outros mesmo na de 200%, como em «Redes e sistemas de transportes locais» ou «Acções específicas de valorização territorial» -, isso significa, muito provavelmente, que as dotações para estas medidas foram insuficientes.

É o caso de áreas como a Saúde, Educação, Cultura, Ambiente ou Desporto, reconhecidamente carenciadas, onde as medidas estão já próximo dos 100%.

Quanto aos transportes e acessibilidades, o sector com maior verba do III QCA (265 milhões de contos para os sete anos, devendo ser utilizados 87 milhões até final de 2001), sendo certo que a percentagem de exe-

cução apenas atinge os 12% é simultaneamente certo - e sabido - que o Instituto de Estradas de Portugal ainda nem decidiu a hierarquização das mais de 600 propostas de variantes que recebeu.

### Atrasos inadmissíveis

O atraso nas decisões, no entanto, «pode custar à região e ao País o corte em verbas essenciais» para o desenvolvimento e é «tanto mais inadmissível» quanto se conhece o mau estado das vias de ligação inter-regionais e o atraso de obras fundamentais, como estradas, pontes e modernização de vias férreas. Aliás, diz o PCP, também não se compreende que, conhecida que é a escassez e fraca qualidade dos transportes públicos colectivos do Porto, o Governo tenha decidido congelar a segunda fase do Metro, quando, se fosse possível transferir para transportes colectivos metade dos utentes com transporte próprio, as despesas com transportes públicos (1/4 das despesas com automóvel) baixariam

cerca de 30%. Ou melhor, esta medida só se pode compreender se se tiver em conta a falta que se faz sentir de um organismo coordenador dos transportes metropolitanos, o desprezo pela aposta no transporte ferroviário e no metro ligeiro e a cedência que se verifica aos interesses capitalistas ligados à indústria automóvel e à construção civil e obras públicas.

É, porém na área económica, segundo os comunistas, que os atrasos na aplicação dos fundos comunitários são maiores. A verdade é que as medidas estão «praticamente a zero» nas pescas e apenas a 30% na agricultura, o que é igualmente «inaceitável», tendo em conta as enormes dificuldades com que estes sectores se debatem.

Face, pois, a este panorama, a DORP defende formas de decisão mais céleres e mais descentralizadas, de forma a garantir o total aproveitamento das verbas previstas e a compensação dos sectores e regiões pior financiadas no III QCA no PIDDAC para os próximos anos.

## Trabalhadores da Câmara do Seixal Convívio rende 600 contos

Cerca de 600 contos foi quanto rendeu o jantar-convívio dos trabalhadores comunistas da Câmara do Seixal, reali-

zado na passada sexta-feira para recolha de fundos, a que aderiram vários autarcas, entre os quais Alfredo Monteiro e

Eufrazio Filipe, que se recandidatam pela CDU às presidências da Câmara e da Assembleia Municipal. Duran-

te o jantar foram leiloados quadros que os artistas Monteiro Alves, Palaio e Nana ofereceram ao Partido e que foram arrematados por um valor global de 300 mil escudos.

Eufrazio Filipe, numa curta intervenção, salientou os factores que têm estado na base dos êxitos eleitorais da CDU ou seja, trabalho, honestidade e competência, e que são amplamente reconhecidos pela população, enquanto Alfredo Monteiro apontou os objectivos da coligação nas eleições de Dezembro: reforçar a votação nas cinco freguesias em que a CDU já detém maioria absoluta e alcançar idêntica supremacia em Fernão Ferro.

Entretanto, dirigentes locais do Partido aproveitaram a ocasião para divulgar o facto de os trabalhadores da Câmara do Seixal terem visto a sua célula engrossada, desde Fevereiro de 1998, com 90 novos militantes. Trata-se de uma célula activa e de grande capacidade mobilizadora, que procurará que a sua campanha de fundos atinja os 2500 contos até ao fim do ano. Este jantar, reconheça-se, deu um grande empurrão nesse sentido. Um jantar que, no dizer dos camaradas responsáveis, «serviu também para recarregar baterias para as batalhas eleitorais que se aproximam».



### Barreiro

## Governo discrimina

O Governo mostrou mais uma vez que o Programa Polis é um «instrumento» que ele utiliza na «gestão dos interesses políticos, partidários e eleitorais do PS», denuncia em comunicado a Comissão Concelhia do PCP, indignada com a exclusão do Barreiro das cidades escolhidas para integrar a 2.ª fase do Programa Polis.

Esta decisão assume, porém, «contornos escandalosos», tendo em conta que o ministro José Sócrates, para além das candidaturas escolhidas pela Comissão de Avaliação Técnica do Programa, escolheu, por sua iniciativa, duas outras candidaturas - Vila Franca de Xira e Gondomar -, justificando esta sua decisão

com a necessidade de continuar a requalificar as zonas ribeirinhas do Tejo e do Douro. Mas, ironiza o PCP, esqueceu-se que «os rios têm duas margens», sendo que «estranhamente» nenhum concelho da margem sul do Tejo foi contemplado com a aprovação de qualquer das candidaturas apresentadas.

Ou seja, o Governo PS, «com o silêncio conivente do PS/Barreiro», voltou a prejudicar gravemente o concelho e a «clarificar as suas reais intenções e preocupações» quanto ao Barreiro, nomeadamente ao Barreiro Antigo, que a candidatura à 2.ª fase do programa Polis, apresentada pela Câmara Municipal, tinha por objectivo recuperar.

### ▼ CAMARADAS FALECIDOS

#### Homero António Calado

Faleceu, na semana passada, o camarada Homero António Calado, de 77 anos. Organizado em Lisboa, na freguesia da Ajuda, foi durante vários anos membro da Comissão de Freguesia e também dirigente da CURIFA - Comissão de Reformados e Idosos da Freguesia da Ajuda.

#### José da Silva Manteigueiro

Faleceu, no dia 24 de Julho, o camarada José da Silva Manteigueiro, fotógrafo, de 72 anos de idade. Opositor activo à ditadura, participou no Movimento Democrático Eleitoral - CDE e no Congresso de Aveiro, em 1969. Com um estabelecimento de fotografia no centro da Covilhã, deu sempre um importante apoio ao trabalho do Partido, designadamente com fotos para o *Avante!*. Integrou a Comissão Concelhia da Covilhã do PCP de 1974 a 1998.

#### Maria Augusta Anadio de Sousa

Com 79 anos de idade, faleceu, no passado dia 26 de Julho, a camarada Maria Augusta Anadio de Sousa. Esteve organizada no sector da Função Pública da ORL, desde a sua adesão ao Partido até à aposentação. Depois desta data, continuou a manter a ligação ao sector e a participar em iniciativas e tarefas mas a sua acção militante passou a desenvolver-se sobretudo na freguesia da sua residência.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do *Avante!* manifesta sentidas condolências.

JCP apresenta projecto de recuperação de prédio devoluto em Lisboa

## Dar mais vida a Lisboa

A JCP reconverteu, no papel, um edifício no centro de Lisboa, num projecto que mostra que a recuperação de prédios abandonados, para seu posterior arrendamento a preços económicos a jovens, é economicamente viável.

A JCP foi à procura de espaços outrora vividos e agora abandonados na cidade de Lisboa. De entre as centenas de edifícios devolutos que encontrou, escolheu um e desenvolveu um projecto para a sua recuperação, o n.º 94 da Rua de São Lázaro.

Trata-se de um antigo edifício municipal, do começo do século XX, que se encontra devoluto e em avançado estado de degradação. O edifício tem um piso térreo destinado a loja, quatro fogos (um por cada piso) e um sótão. Foi projectado para servir as necessidades e o estilo de vida de uma certa burguesia lisboeta. Cada fogo tem uma saleta, uma sala de estar, um gabinete, dois quartos com ligação a um *toilette* (quarto de vestir), dois quartos de criada, uma sala de jantar, copa, cozinha e casa de banho, abrangendo uma área útil de construção de 227 metros quadrados.

Os jovens comunistas redimensionaram estes antigos fogos em habitações T0 e T1, adaptadas às necessi-

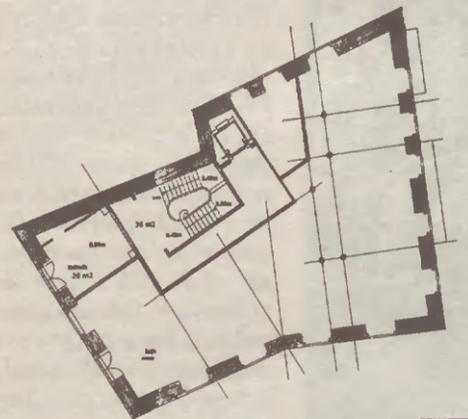
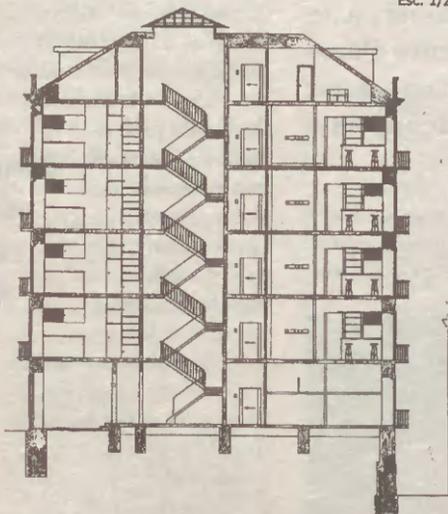
dades de habitação actuais dos jovens, para seu posterior arrendamento a preços económicos.

«Procurámos que os cálculos da obra e de arrendamento fossem os mais realistas»

«Procurámos que os cálculos dos custos de obra e os valores de arrendamento fossem os mais realistas, de forma a provarmos aquilo que vimos há meses a defender», explica a JCP.

Os jovens comunistas sublinham que é possível encontrar uma solução para o problema da habitação, que seja simultaneamente rentável para os proprietários dos imóveis e compatível com as condições de trabalho e salários dos jovens. Por isso, defendem que muitos dos fogos devolutos actualmente existentes devem ser colocados de novo no mercado, redimensionados e adaptados às necessidades actuais dos jovens, singulares ou casais, em busca de habitação (habitações T0 e T1).

Esses fogos devem servir prioritariamente os jovens, e para tal deve ser criado um programa de habitação sen-



Planta do R/C  
Esc. 1/100

O n.º 94 da Rua de S. Lázaro, em Lisboa, serviu de modelo para as propostas da JCP



Este edifício municipal do século XIX tem quatro andares e uma loja. O projecto adapta os seus fogos às necessidades actuais

## Como fazer os cálculos

O estudo económico do projecto baseou-se na área bruta de construção do edifício (1621 m<sup>2</sup>) e na área útil de construção do edifício (1296 m<sup>2</sup>)

O custo de recuperação do edifício foi calculado com base na área bruta de construção. Como refere a JCP, os custos de recuperação por metro quadrado variam bastante, pois dependem do estado de conservação do edifício: «Só uma vistoria pormenorizada poderá dar origem a um orçamento mais exacto.»

Mas existem valores indicativos para este tipo de obras. Segundo dados fornecidos por técnicos da construção civil, para um edifício com as características do n.º 94 da Rua de São Lázaro e para um tipo de habitações que se pretende «sem luxos», os custos de recuperação podem oscilar entre 80 e 100 contos por metro quadrado.

«A experiência tem, no entanto, demonstrado que, fruto dos possíveis problemas que possam surgir durante a recuperação, o valor mais realista será os 100 contos por metro quadrado. De qualquer forma, construímos três hipóteses para estudo: custo de construção igual a 80 contos por metro quadrado, a 90 contos por metro quadrado e

a 100 contos por metro quadrado», concretiza a JCP.

Os custos brutos de recuperação foram divididos proporcionalmente pelos diversos fogos, tendo em conta as suas áreas, e os custos de recuperação das áreas comuns do edifício foram divididos pelo número de fogos e o mesmo valor foi imputado a cada um dos fogos.

### Contas

O cálculo do valor do rendimento mensal do edifício teve como base a fórmula de cálculo das rendas condicionadas: renda mensal do edifício = custo de construção \* 0,08 / 12.

«No entanto, tendo como base esta fórmula, várias alternativas se colocaram e por isso construímos várias hipóteses dentro de dois cenários distintos: custos de construção sem considerar o valor do terreno e custos de construção considerando o valor do terreno», conta a JCP.

O valor legal de recuperação do capital investido na recuperação de edifícios pelos proprietários que fazem obras é de oito por cento. Ao fazerem obras de

recuperação aplicam a fórmula acima e chegam a um valor mensal de rendimento possível de obter depois da recuperação do edifício.

O cálculo das rendas condicionadas não tem em conta o custo do terreno onde o edifício se situa nem a sua valorização, pois parte do princípio que, antes do edifício ter começado a precisar de obras, o investimento inicial do proprietário (que pagou o custo do terreno) já foi recuperado e agora trata-se de recuperar apenas o valor dos custos da conservação do edifício.

«Consideramos que, dado os objectivos do projecto e o seu proprietário, não se justificava a Câmara Municipal de Lisboa, pretender valorizar em termos de rendimento fixo mensal o terreno onde este edifício devoluto se situa. No entanto, caso a Câmara considere dever fazê-lo, por questões que se possam prender com a valorização de bens públicos, consideramos num segundo cenário que o valor do terreno, corresponde a 15 por cento do custo total do projecto (valor habitualmente utilizado nos projectos de investimento desta natureza).»

incertezas que têm pela frente.

### Medidas concretas

Para que este projecto abranja todos os jovens de Lisboa, é necessário que o Governo promova um programa de habitação económica para jovens, abrindo linhas de crédito próprias, de forma a permitir à Câmara Municipal de Lisboa actuar sobre os prédios devolutos, recuperá-los e

redimensioná-los de acordo com as nossas necessidades de habitação.

Há ainda que criar agravamentos fiscais, em sede de IRS, IRC e contribuição autárquica para todos aqueles que possuam prédios devolutos, bem como criar legislação que obrigue os proprietários a declararem a situação de ocupação dos seus prédios.

A JCP defende ainda a criação de incentivos fiscais, em sede de IRS, para os pequenos proprietários

que queiram pôr suas casas no mercado de arrendamento. Em sede de IRC esses incentivos já existem.

Mas, a Câmara Municipal de Lisboa também tem de ter um papel activo, tornando prioritária a sua intervenção no património municipal devoluto e negociando programas de habitação a custos controlados com os proprietários de prédios devolutos, que permitam a recuperação e transformação desses edifícios em edifícios para habitação.

## Proprietários lucram com recuperação

A JCP considera que o rendimento de 8 por cento ao ano sobre os custos de construção é aplicado pelos proprietários privados, porque sobre ele têm de deduzir impostos sobre os rendimentos e contribuição autárquica. «Um valor de 6 ou 7 por cento ao ano para a Câmara Municipal pareceu-nos mais do que suficiente, permitindo ao município uma fonte de receitas razoável que valoriza o património público.»

No entanto, como se pretende que a recuperação do património devoluto seja extensível não apenas à Câmara Municipal mas a todos os proprietários da cidade de Lisboa que mantenham prédios devolutos, são apresentadas diversas hipóteses de estudo: rendimentos para taxa de 6, 7 e 8 por cento.

Perante os vários valores de renda mensal possíveis de serem obtidos, para cada uma das tipologias do projecto, e para cada uma das hipóteses consideradas, os jovens comunistas elegem como a mais adequada para o prédio da Rua de S. Lázaro a que considera a não valorização do

terreno, um rendimento anual de 6 por cento para a Câmara Municipal e um custo de construção de 100 contos por metro quadrado.

De referir ainda que a loja do edifício foi valorizada pelo mesmo método das habitações. Tratando-se de um arrendamento comercial, poderia ter sido equacionada uma taxa superior de rendimento mensal para este fogo, que possibilitaria uma redução das rendas dos fogos para habitação. Mas, como refere a JCP, «como este estudo não pretende ser mais do que isto, deixamos esta hipótese em aberto.»

«Pensamos que ficou demonstrado ser possível custos económicos de habitação. A hipótese que nos parece mais razoável tendo em conta o pior cenário (edifício em avançado estado de degradação com custo de recuperação de 100 contos por metro quadrado) é a de a Câmara Municipal obter um rendimento de 6 por cento pelo edifício que permitirá, para fogos com áreas bastante amplas, valores de arrendamento compatíveis com os nossos salários», conclui a JCP.

## Confelis

Uma queixa contra falência dolosa foi apresentada no Ministério Público por um grupo de 18 trabalhadoras da fábrica de confecções masculinas Confelis, de Almada. A queixa foi apresentada a 20 de Julho e tem como base o processo de falência que a entidade patronal interpôs no Tribunal do Comércio de Lisboa, a 20 de Junho, invocando uma dívida de cerca de meio milhão de contos. Na queixa, segundo a Lusa, as queixosas consideram «muito estranha» a acção de falência, uma vez que a empresa tinha encomendas e não acumulava «stocks». Há agora 160 trabalhadoras de férias desde o final de Junho e início de Julho e que ainda não receberam o salário de Junho nem metade do subsídio de férias, que correm o risco de ficar no desemprego. Depois de já ter exposto a sua indignação aos grupos parlamentares, uma comissão de trabalhadoras vai organizar uma recolha de assinaturas para uma petição de protesto a entregar nos ministérios da Economia e do Trabalho e irá igualmente solicitar audiências ao ministro do Trabalho e ao governador civil de Setúbal.

## GNR

Os limites da sensatez foram ultrapassados pelo comando da Guarda Nacional Republicana, que em meados de Julho impediu de dirigentes associativos de comparecerem a uma audiência na Assembleia da República. O caso, refere a Lusa, foi debatido numa reunião da Direcção da Associação dos Profissionais da Guarda, que afirma existir «na actual equipa que comanda os destinos da Guarda uma atitude afrontosa e hostil ao associativismo», o que se torna num «factor de instabilidade e de mau estar». A Direcção Nacional da APG exigiu a reposição da legalidade associativa, não só com a permissão de afixar documentos nas unidades (como acontecia anteriormente) mas também com a permissão de os dirigentes associativos serem dispensados, quando necessário, para realizarem as suas tarefas. A direcção da associação previne que a «defesa do património associativo e dos interesses dos profissionais pode vir a exigir, caso não haja alterações significativas, formas de luta mais enérgicas, a serem decididas nas reuniões inter-regionais, marcadas para Setembro».

## Leiria

Vários jornais do distrito de Leiria estão a sofrer os efeitos do desinvestimento no sector, que leva à suspensão de títulos e à redução de jornalistas. Um levantamento divulgado pela Lusa refere que, no mês de Junho, a «Semana Cisterciense», de Alcobaça, encerrou as portas e, a partir desta semana, o semanário «Tribuna do Oeste», de Caldas da Rainha, suspende a publicação.

Tribuna pública da CGTP no Porto opõe-se ao ataque contra os salários

# Os lucros da crise

**O cenário de apocalipse na economia está muito longe da realidade e «tem como objectivo último aumentar as taxas de lucro à custa duma maior exploração dos trabalhadores», denuncia a União dos Sindicatos do Porto.**

Na resolução aprovada dia 25 de Julho, os dirigentes e activistas sindicais, que des-

filaram pelas ruas do Porto em cordão humano e se reuniram na Rotunda da Boavisi-



Esclarecer e mobilizar os trabalhadores é o caminho apontado pela USP/CGTP

ta, reafirmam ao Governo e ao patronato a firme determinação de «esclarecer e mobilizar todos os trabalhadores do distrito para todas as formas de luta necessárias», para verem satisfeitas as suas justas reivindicações relativamente a aumentos dos salários, redução do horário de trabalho, combate à precariedade, defesa dos direitos, justiça fiscal, Segurança Social, ensino, saúde e outras funções sociais do Estado.

Analisando as medidas e orientações recentes do Governo, tomadas a pretexto da redução da despesa pública, a USP/CGTP considera que «são um ataque frontal ao poder de compra dos salários dos trabalhadores e representam uma desavergonhada tentativa de, uma vez mais, os fazer apertar o cinto». Resultam «da cedência do Governo à cruzada violenta em prol da moderação salarial, lançada pelo poder económico, que também exige mais precariedade e desregulamentação laboral».

Os grandes grupos económicos, «que andam há anos a banquetear-se à mesa do Orçamento de Estado e dos fundos comunitários», «armam-se agora em vítimas duma situação para que ajudaram a empurrar o País, pressionando o Governo com um cenário de apocalipse

que, muito longe de corresponder à realidade, tem como objectivo último aumentar as taxas de lucro à custa duma maior exploração dos trabalhadores» - acusa-se na resolução.

**O Governo mostra mais uma vez a sua opção de classe**

Com as medidas que anunciou, o Governo veio fazer «mais uma demonstração clara da sua opção de classe», procurando «que continuem a ser os mesmos a pagar a suposta crise». Na tribuna pública de protesto foi contestado «o tom alarmista» com que são apresentadas «algumas dificuldades económicas» que, tal como o «justo descontentamento popular», se devem à «insistência num modelo de desenvolvimento ultrapassado», que tem sido acompanhada «pelo criminoso esbanjamento dos fundos comunitários, pela destruição do aparelho produtivo, pela irresponsável política de nacionalizações e pelo ataque ao papel do Estado e da Administração Pública».

Ao mesmo tempo que critica «o colaboracionismo vergonhoso entre o Governo e o patronato», a USP denuncia «o oportunismo e populismo das forças de direita» e reafirma que persistirá «no esclarecimento necessário à concretização de uma política nova e diferente, uma política para quem trabalha».

## Extinções tardias com efeitos duvidosos

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública manifestou dúvidas sobre o impacto que as extinções de estruturas públicas, anunciadas dia 26 pelo Governo, podem ter na redução da despesa. Além do mais, muitas medidas já estavam previstas. Como muitas comissões mantidas até agora não faziam já qualquer sentido, a sua extinção «peca por tardia» e revela «desatenção do Governo» relativamente à estrutura da Administração Pública.

«Não é no prazo de 30 dias que surgem as justificações para a extinção», comentou um assessor da Direcção da FNSFP/CGTP, citado pela Lusa. Rui Raposo referiu, mesmo, que nos casos de alguns serviços a integrar no prazo de 120 dias, nomeadamente aqueles que serão fundidos na Agência para a Qualidade e Segurança Alimentar, resulta de decisões tomadas há mais de um ano e expressas em lei. «A fusão dos serviços nesta agência

aparece agora como uma grande novidade, mas já estava prevista há muito tempo», comentou, acrescentando que a agência «tem uma estrutura administrativa ainda mais pesada».

Seria preciso mais do que foi apresentado pelo Governo, para empreender uma redução séria e ponderada da despesa pública, defende a federação, indicando como exemplo a extinção de vários institutos públicos, que têm «um tremendo peso» na Adminis-

tração Pública e duplicam a sua carga directiva.

A garantia dada pelo ministro da Presidência e das Finanças, de que esta operação não implicava o despedimento de pessoal, foi recebida com surpresa na FNSFP, uma vez que «a figura do despedimento não existe na Função Pública». Suscita preocupação o facto de o ministro não ter assegurado a situação dos trabalhadores que têm contratos a termo e poderão ficar em situação de desemprego.

## Parou a limpeza no Livramento

A greve dos trabalhadores da Limpeza do Mercado do Livramento, em Setúbal, contra os novos horários de trabalho, registou uma adesão de 100 por cento no primeiro turno, anunciou dia 25 o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, citado pela Lusa.

O diferendo com os res-

ponsáveis da autarquia agravou-se pela imposição de novos horários por turnos (das 6 às 12 horas e das 13 às 19). O STAL defende que os trabalhadores da limpeza no Mercado, que antes cumpriam um horário de trabalho das 6 às 16 horas, com intervalo para almoço, deveriam ter sido ouvidos antes da entrada em vigor do novo

regime, a 3 de Julho. Por outro lado, o sindicato acusa a Câmara Municipal de não pagar o subsídio de turno nem as horas nocturnas e de não reconhecer o direito à folga pelo trabalho realizado ao domingo.

O STAL garante que efectuou vários pedidos de reunião, que, no entanto, não foram atendidos pela Câmara

ra. «Numa manobra de diversão para tentar desmobilizar os trabalhadores, dois dias antes da greve», o presidente do executivo municipal propôs realizar uma reunião, mas marcava-a «apenas para 30 de Julho, isto é, para data posterior à prevista para a realização desta forma de luta», acusa o STAL.

## Uma gota de água na Marina de Portimão

Com interesse e expectativa recebeu o Sindicato da Construção Civil do Sul as medidas tomadas pela Inspeção do Trabalho, SEF e Segurança Social, com o apoio de forças policiais, na Marina de Portimão, numa obra da responsabilidade da Contacto (empresa do grupo Sonae). Em comunicado da sua direcção distrital de Faro, regista-se que a acção de fiscalização, que culminou segunda-feira, permitiu às autoridades confirmar que os alertas lançados pelo sindicato em Maio «só pecariam por defeito». Salienta-se que, entre os cerca de 200 trabalhadores, perto de 120 são imigrantes sem qualquer contrato válido, enquanto nos 49 subempreiteiros, apenas 4 têm situação legal.

Reconhecendo «algum esforço efectuado pelas inspecções», o sindicato considera-o «uma gota de água nesta maré de águas sujas, que se baseia na exploração dos trabalhadores e que permite o enriquecimento fácil de uns poucos à custa da miséria e da fome de muitos milhares». Na nota divulgada antontem à imprensa, o sindicato recorda que «há vários meses» solicitou intervenção em obras nos concelhos de Faro, Olhão, Loulé, Albufeira, Tavira e Silves, onde tem conhecimento de atropelos como a falta de pagamento de salários - «à semelhança da prática dos novos senhores da Ucrânia e dos países de Leste» - e a retenção, num salário de 80 mil escudos, de descontos de 42 contos, alegadamente para a Segurança Social, ou de dezenas de contos «para legalização» dos imigrantes.

O sindicato afirma ainda que há operários a trabalhar 10 ou 12 horas por dia, e também ao sábado, sem qualquer remuneração extra, tal como não são respeitados os subsídios de férias ou de Natal. Pelas arbitrariedades vividas nas obras da região são responsabilizados o Governo e os grandes empreiteiros de obras públicas e particulares. O sindicato exige «medidas urgentes e garantia do cumprimento das leis», salientando que «a falta de inspectores no Algarve não poderá continuar a servir de desculpa».

A Inspeção-Geral de Trabalho informou que teve «reduzida cooperação por parte do empreiteiro geral, constituindo a situação verificada um grave desafio ao Estado de Direito». O comunicado da IGT, citado pela Lusa, refere que no estaleiro dos «Apartamentos do Arade» o dono da obra e o empreiteiro geral desenvolveram um processo de engenharia «artificial e fraudulenta, integrando no processo produtivo organizações que lhes facilitam a desresponsabilização das obrigações jurídicas, sociais e, mesmo, éticas».

## Greve nas cantinas Ilegal e coberta

Em vez da Inspeção do Trabalho, chamada pelo sindicato da Hotelaria, foi ao Hospital de Santarém a PSP, para dar cobertura à substituição de trabalhadores em greve.

Este foi um dos casos denunciados pela Fesaht/CGTP e os sindicatos da Hotelaria, que convocaram para o passado dia 25 uma greve de 24 horas no sector das cantinas, refeitórios e áreas de serviços das auto-estradas.

### Mais uma vez a PSP aceitou envolver-se num conflito laboral

Os trabalhadores, em processo de revisão do contrato colectivo, reivindicam o pagamento, com mais 50 por cento, do trabalho prestado ao sábado e domingo; a redução do horário de trabalho para 35 horas semanais; 25 dias úteis de férias anuais; melhorias no pagamento do trabalho nocturno; o pagamento do subsídio de alimentação nas férias e subsídio de Natal.

A adesão dos trabalhadores, segundo a federação, «situou-se na casa dos 70 por cento, nomeadamente na área da restauração hospitalar das regiões Norte, Centro

e Sul», registando-se «inúmeros estabelecimentos que paralisaram a 90 por cento», refere uma nota divulgada sexta-feira pela Direcção Nacional da Fesaht.

No refeitório do hospital de Santarém o piquete de greve foi confrontado com a polícia, que se aprestou a «dar cobertura à ilegalidade» cometida

pela Uniself (empresa concessionária) e pela administração, que tentaram substituir os trabalhadores em greve. «Numa postura prepotente, utilizando o “quero, posso e mando”, arregimentaram testas-de-ferro para ameaçar e agredir os elementos do piquete de greve, pelo facto de estes quere-rem, legitimamente, impedir irregularidades na greve», relatava o sindicato da Hotelaria do Sul, numa nota de imprensa em que informava que a Inspeção Geral do

Trabalho foi «solicitada e avisada atempadamente para o que se previa».

Rodolfo Caseiro, dirigente do sindicato, disse à Agência Lusa que dos 60 trabalhadores daquele refeitório apenas trabalharam dois, com cargos de chefia, «mas a Uniself e a administração do hospital entenderam que a cantina iria funcionar normalmente, para isso tentaram pôr lá a trabalhar pessoal hospitalar».

Também foram detectadas situações irregulares no Serviço de Utilização Comum dos Hospitais de Coimbra, no Hospital dos Covões (Coimbra) e no da Cova da Beira (Covilhã).

«Tais atitudes, condenáveis, vieram ainda reforçar mais o espírito de luta dos trabalhadores para futuras acções que, a manter-se o impasse, inevitavelmente irão acontecer», conclui a federação, reafirmando que «da parte dos sindicatos, apesar da situação, continua a haver abertura para a resolução dos problemas e evitar a conflitualidade existente», pela qual responsabiliza o patronato do sector.

## Falência da Molin desencadeia combate

Em plenário realizado sexta-feira, os trabalhadores da Molin (Materiais de Desenho de Mário Lino, em Vila Nova de Gaia) decidiram lutar pela recuperação da empresa, cuja falência foi declarada a 11 de Julho. O Sinorquifa/CGTP informou que foi manifestada disponibilidade para uma deslocação colectiva a Lisboa, «se persistir o silêncio e a omissão do Governo, perante um tão grave atentado à economia nacional e aos direitos dos trabalhadores».

A única fábrica portuguesa de esferográficas e outro material escolar, bem como de material de desenho de precisão, apresenta uma facturação anual de quase dois milhões de contos, possui uma marca prestigiada e constitui uma referência cultural, como salienta o

Sindicato dos Químicos do Norte, numa nota enviada ao Avante!. A falência provoca o desemprego de 165 trabalhadores, a maioria dos quais tem mais de 15 anos de actividade profissional.

O Iapmei, acusa o sindicato, contribuiu decisivamente para o fim da Molin, dando «um exemplo desastroso de destruição do aparelho produtivo nacional e atirando uma parcela importante do mercado nacional para os braços das multinacionais do sector».

Com carácter de urgência, foram solicitadas audiências aos ministros do Trabalho e da Economia. O Sinorquifa e os trabalhadores exigem que o Governo tome medidas para viabilizar a recuperação da empresa. Na sua luta contam com manifestações de solidariedade e apoio de

amplios sectores da população, destacando o sindicato as tomadas de posição da Assembleia Municipal de Gaia, da USP/CGTP e de vários sindicatos, do PCP e de internautas, que puseram a circular na rede uma mensagem para «que cada um transmita a um seu amigo a voz da revolta».

O sindicato revelou que obteve documentação comprovativa de «uma postura antiética de ex-gestores e ex-quadros da empresa que, oportunisticamente, pretendem colher benefícios ilegítimos do grave drama social que constitui a falência da Molin», informação que «contribui para elucidar os contornos da sua actuação na gestão incompetente, que desembocou na paralisação de toda a actividade produtiva e comercial».

## Sector farmacêutico

Vicente Merendas entregou, sexta-feira, na Mesa da Assembleia da República um requerimento em que questiona o Governo sobre alguns graves problemas laborais que se vivem no sector farmacêutico. A iniciativa do deputado comunista foi tomada depois de uma delegação da Fequimetal/CGTP ter estado na Comissão Parlamentar do

Trabalho, onde denunciou o encerramento de empresas de fabrico de medicamentos (Laboratórios de Saúde/Cannobio, Siela, Lux, Pátria, Produfarm e OM). A federação sindical da Química e Metalurgia exige o esclarecimento dos motivos que levaram ao fecho das fábricas, ressaltando que não pactua com empresários que ponham

em risco a saúde pública, mas salientando que está em causa um número elevado de postos de trabalho.

Foi ainda denunciado que as empresas recusam confirmar o exercício da função de informação médica, para efeitos de obtenção de carteira profissional, e não respeitaram o contrato colectivo de trabalho.

## Tiques perigosos

• Manuel Rodrigues

A CNA - Confederação Nacional da Agricultura, a ALDA - Associação da Lavoura do Distrito de Aveiro, a BALFLORA - Secretariado dos Baldios do Distrito de Viseu, a ADACO - Associação de Agricultores do Distrito de Coimbra, levaram a cabo mais um protesto da lavoura, no passado dia 7 de Julho, em Aveiro, aproveitando o acto oficial de abertura da AGROVOUGA. Uma luta todos os anos repetida desde 1992, a mostrar a linha de continuidade estrutural dos problemas que afligem a agricultura e os agricultores desta região e a exigência (justíssima, aliás) de uma outra Política Agrícola que defenda, valorize e promova a agricultura familiar.

O objectivo era confrontar o senhor ministro da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas (convidado para inaugurar aquele certame) com os muitos protestos e reclamações dos agricultores desta região:

- Pelo aumento das Quotas Leiteiras;
- Pelo aumento do preço do leite na produção;
- Pelo apoio do Governo à recolha organizada do leite;
- Pela baixa dos preços dos factores de produção;
- Por mais e melhor apoio sanitário aos Agricultores;
- Por mais apoios públicos para os baldios;
- Por uma OCM - Organização Comum

como ali era reclamado por um dirigente da lavoura) com aqueles atrevidos «pés descalços». Declinou, por isso, no representante do Governo no distrito, o convite para inaugurar aquela Feira e *pôs-se ao fresco*, ou seja, a caminho de paragens mais tranquilas onde, quiçá, os agricultores fossem mais reconhecedores e reconhecidos pela sua brilhantíssima acção em defesa da agricultura familiar.

### O discurso anti-CNA

Passados três dias, sua excelência foi a Vouzela para homologar as primeiras candidaturas ao regime excepcional de segurança social para os pequenos agricultores (uma velha reclamação da CNA, só conquistada pela luta dos agricultores) e, porque o momento era suficientemente mediático, e, no seu ministerial entender, aí sim, se achava no meio de gente civilizada (reconhecida e reconhecadora da sua inquestionável acção governativa), depois de se ter certificado cuidadosamente de que, por ali, não se vislumbrava nenhuma bélica marcha de tractores (terríveis e mil vezes mortíferas armas blindadas) nem de furibundos e subversivos guerreiros (disfarçados de ingénus camponeses), aí sim, entendeu sua excelência estarem reunidas as condições para o emblemático

«diálogo» que, há três dias, andava ensaiando.

E, referindo-se à CNA e ao desfile-concentração do dia sete, proclamou, alto e bom som para quem o quis ouvir, que a Confederação Nacional da Agricultura «é apenas o braço armado dum partido político que pauta a sua actuação quotidiana pela tentativa de desgaste permanente do Governo, independentemente das motivações, e ainda recentemente, como aliás faz todos os anos para tentar criar insegurança e desestabilização

política, fez uma manifestação, precisamente reclamando medidas para a pequena agricultura. Ora, se há algum governo que as tomou foi este Governo».

Feito o (provocatório) desabafo, terá sua excelência respirado de alívio a pensar, como nos idos

tempos do fascismo outros ministros tantas vezes o fizeram, que os agricultores portugueses (designadamente aqueles que participaram no protesto) terão dado conta do logro em que caíram, ao serem usados como carne para canhão por esse sinistro braço armado de um não menos sinistro partido político e, vai daí, não há-de tardar o tempo em que, arrenegando essas abjectas forças do mal, promovam a desejada manifestação de desagravo. Se não alterar esta Política Agrícola (e não dá mostras de querer fazê-lo) há-de o senhor ministro da Agricultura dar conta, mais cedo do que pensa, que os agricultores portugueses, designadamente estes pequenos agricultores que, todos os dias, a sua PAC imola no altar do deus capital, marcharão de novo em defesa da agricultura, mandando às urtigas o bafiento discurso que sua excelência, tão diligentemente, foi buscar às profundezas da memória.



de Mercado para a batata;

- Por um controlo eficaz e pela contenção das importações desnecessárias;
- Pela rápida e mais justa distribuição das ajudas da PAC;
- Etc.

Justas e oportunas reclamações para quem se vê a braços com uma gigantesca e ruínosa crise na agricultura, a motivar a presença neste protesto de mais de cento e cinquenta tractores e de mais de seiscentos agricultores da região, que desfilarão durante uma hora pelas ruas de Aveiro, concentrando-se, de seguida, às portas da AGROVOUGA.

Só que o senhor ministro da Agricultura não gosta de protestos. Aborrecem-no. Irritam-no. Mexem profundamente com a sua personalidade.

É, tão profundamente, que sua excelência achou por bem não comparecer, naquele dia, em Aveiro, para não se confrontar (olhos nos olhos,

## Escolas vivem na penúria

As escolas básicas da região Centro recebem mensalmente 218 escudos por aluno para suportar as despesas com as necessidades mínimas, entre elas aquecimento e aquisição de equipamento e material pedagógico. Esta verba foi apurada num inquérito do Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC) divulgado em conferência de imprensa em Coimbra. Os dados abrangem 422 escolas dos seis distritos da Região Centro onde estão matriculados 12.338 alunos, numa amostra significativa de toda a zona. Assim, o estudo revela que as escolas recebem uma verba mensal de 218 escudos por cada aluno para suportar as despesas com as necessidades mínimas, nomeadamente expediente e limpeza, aquecimento, telefone, aquisição de bens e equipamentos e material pedagógico. Para o material pedagógico de desgaste - giz, papel, lápis, aguarelas, entre outros - cada escola da Região Centro recebe uma média de 34 escudos por mês, revela o estudo. Segundo uma estimativa do SPRC, uma turma de 20 alunos precisa de uma quantia anual de 7.495\$00 por criança para estes recursos básicos. Para ultrapassar estas deficiências, o SPRC considera urgente uma Lei de Financiamento das escolas do I ciclo do Ensino Básico e entende que a transferência de competências para as autarquias iniciada em 1984 não resolveu a falta de um financiamento adequado para as escolas e sublinha que o processo «serve apenas para o Ministério da Educação e o Governo alijarem responsabilidades».

## FNAM questiona gestão privada

A Federação Nacional dos Médicos (FNAM) encara com «alguma preocupação» a intenção do ministro da Saúde de conceder a privados a gestão de serviços públicos e alerta para a falta de avaliação das experiências que estão no terreno.

Comentando, em declarações à agência Lusa, a entrevista do ministro da Saúde, António Correia de Campos, publicada no *Público*, o presidente da FNAM, Cílio Correia, considerou que o governante «manifesta uma vontade muito grande de fazer coisas», o que é «extremamente motivador».

Quanto às propostas avançadas por Correia de Campos, Cílio Correia sustentou existirem «muitas questões» que vêm ao encontro de posições já defendidas pela FNAM, das quais destacou a descentralização de competências, a regulação das relações entre os médicos e a indústria farmacêutica e o «colocar do cidadão no centro das preocupações».

Já a gestão privada de serviços públicos é encarada com reserva pelo sindicalista, que considerou «urgente avaliar primeiro as experiências que estão no terreno, para que se saiba como conciliar a gestão e a prática médica», a par de «uma reflexão sobre o financiamento» do sector público.

A mesma apreensão foi demonstrada por Cílio Correia em relação aos orçamentos clínicos - instrumento defendido pelo ministro como forma de responsabilizar os médicos pelas suas prescrições -, que considerou poderem «funcionar como um factor de restrição ao acesso do próprio doente» a determinados tratamentos.

A aguardar a marcação de uma audiência, já solicitada ao responsável pela pasta, Cílio Correia afirmou ainda que «os sindicatos não são um entrave [a mudanças], pelo contrário, querem participar» e «estão dispostos a encontrar soluções num quadro negocial».

## Em defesa dos idosos

«É lamentável que mais uma vez os idosos sejam vítimas da incúria, ganância e do lucro fácil desta sociedade», comenta a Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos - MURPI, em referência ao fogo, de origem criminoso, que há dias devastou um lar de terceira idade, provocando três mortes e vinte e dois feridos.

Em comunicado de imprensa, o MURPI lembra e reafirma a proposta de acompanhar a fiscalização e gestão dos lares e sublinha que, como os factos comprovam, «existem lares clandestinos e outros com alvará» e que, em caso de sinistro, os bombeiros não conseguem retirar os idosos.

«Como é possível fazerem-se vistorias e aprovar alvarás em casas sem o mínimo de condições para a evacuação dos utentes?», questiona a Confederação, que exige saber «a verdade desta e de outras situações duvidosas», nomeadamente em hospitais de retaguarda, lares de idosos e cuidados continuados, centros de dia.

## Pupilos do Exército PCP questiona

O PCP apresentou ao Ministério da Defesa Nacional um requerimento, subscrito por João Amaral, em que questiona o súbito cancelamento das inscrições no primeiro ano do Instituto Militar dos Pupilos do Exército.

«Não se apaga de um dia para o outro uma instituição como esta, ainda por cima sem dar explicações a ninguém e num momento em que já se tinham iniciado as inscrições e o período respectivo ainda não tinha cessado», sublinha João Amaral.

No requerimento pergunta-se ao Governo da sua disponibilidade para suspender esta medida e encetar diálogo com todos os interessados «tendo em vista um tratamento digno e adequado da problemática do IMPE e dos outros estabelecimentos deste tipo».

«Os Verdes» defendem transportes públicos como forma de redução do CO<sub>2</sub>

# Os problemas ambientais são transversais

**Os problemas ambientais não se resolvem com medidas isoladas, lembram «Os Verdes» em comunicado em que põem em causa os argumentos invocados pelo Governo para um possível aumento de combustíveis.**

O partido ecologista «Os Verdes» acusa o Governo de querer aumentar o preço dos combustíveis para resolver «problemas financeiros da governação», a coberto da necessidade de reduzir as emissões de gases que provocam o efeito de estufa.

Em comunicado de imprensa, o partido ecologista considera que o Governo «vem protelando a elaboração e aplicação de um programa nacional de sensibilização e combate às alterações climáticas» e sublinha que medidas avulsas, como o aumento dos combustíveis ou portagens, nunca poderão ser consideradas como «justificação para reduzir as emissões de gases que provocam o efeito de estufa».

«Os Verdes» lembram que os problemas ambientais «são transversais a todos os sectores de actividade, incluindo os problemas que provocam

alterações climáticas». Como tal, têm também repercussões no plano económico e social. Pelo que «é necessário denunciar qualquer tentativa de aplicação de medidas avulsas e isoladas, não integradas e articuladas num programa global de acção, para combate às alterações climáticas, porque daí resultam tradicionalmente consequências

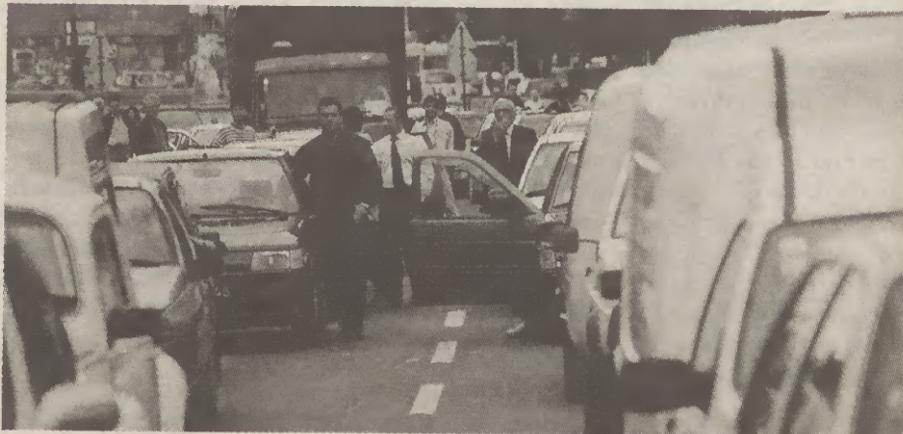
distorcidas e incontroláveis no plano económico e social.»

Face a uma situação que é grave, e sendo os transportes um dos sectores que requer que com maior urgência se tomem medidas para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>, «Os Verdes» propõem uma alteração de política e designadamente a implementação de programas de investimento para o plano nacional ferroviário, a nível nacional, regional e local, em transportes de passageiros

sobre carris, nos grandes centros urbanos e ligação com periferias, em transportes colectivos de passageiros e no interfaces.

**É necessário denunciar qualquer tentativa de aplicação de medidas avulsas e isoladas**

Com uma cobertura crescente, a nível nacional, regional e local, dos transportes públicos, «Os Verdes» poderiam aceitar uma eventual alteração dos preços dos combustíveis, «com a introdução de uma componente de valor ambiental e tendo em vista a redução das emissões de gases com efeitos de estufa».



O trânsito automóvel é uma das fontes de emissão de CO<sub>2</sub>

PS e RTP

## O verniz começa a estalar

Os ataques desferidos por altos dirigentes do Partido Socialista contra a direcção de informação da RTP, foram a semana passada denunciados pelo PCP, em reunião da Comissão Permanente da AR.

Em intervenção na Comissão, o deputado António Filipe lembrou a sucessão de factos, primeiro com Edite Estrela a exigir a privatização da RTP, a que se seguiu Jorge Coelho, «a lançar pressões inadmissíveis sobre o serviço público da televisão, exigindo um tratamento preferencial para o Partido Socialista na cobertura jornalística da campanha eleitoral para as autar-

quias» e, por último, outra vez Edite Estrela, pondo mesmo em causa a permanência das chefias da RTP.

«Decididamente começa a estalar o verniz aos dirigentes do PS», considerou o deputado comunista, que fez referência a intervenções públicas caluniosas, de Jorge Coelho, contra câmaras de maioria CDU, e ordens dadas por Edite Estrela para remoção ilegal de propaganda da CDU. «O objectivo declarado destes dirigentes do PS - sublinhou o deputado comunista - é poder controlar a televisão pública e colocá-la ao serviço dos seus objectivos eleitorais».

Uma situação que se torna «ainda mais insólita» com o absoluto silêncio do Secretário de Estado da Comunicação Social.

Na sua intervenção, António Filipe sublinhou que esta situação assume uma «tripla gravidade». É grave, antes do mais, porque revela a disposição dos dirigentes do PS de recorrer a todos os meios para influenciar, a seu favor, o resultado das próximas eleições autárquicas.

É grave também, porque revela intuídos de «colocar o serviço público de televisão aos serviços dos interesses

eleitorais do partido do Governo».

É grave ainda, porque, como sublinhou o deputado comunista, «é por estas e outras atitudes que se revela a incapacidade do Governo PS para resolver os gravíssimos problemas que afectam a RTP».

«A correcção democrática que se exige para a próxima campanha eleitoral e a salvaguarda da independência do serviço público de televisão, que o PS tanto dizia defender, impõem a cessação imediata deste tipo de procedimentos», afirmou, a concluir, António Filipe.

## Souselas contra testes de co-incineração

A população de Souselas voltou a manifestar-se, no passado dia 27, frente à cimenteira da Cimpor, em protesto contra a «falta de transparência» e «prepotência» da Comissão Científica Independente (CCI) no processo de co-incineração.

A manifestação foi promovida pela Comissão de Luta Contra a Co-incineração, que critica o facto de os testes de queima de lixo tóxico terem sido iniciados em segredo, «desmentidos e depois confirmados». A suspeita de que estariam a ser realizados

«testes clandestinos» levou já ao bloqueio da entrada e saída de camiões da cimenteira, no início da semana passada. Uma acção em que estiveram presentes responsáveis da Associação de Defesa do Ambiente de Souselas, da Comissão de Luta contra a Co-incineração e do Sindicato dos Professores da Região Centro.

Também a CDU de Coimbra tomou posição, considerando que «esta é uma situação inaceitável» e acusou o Governo de estar a «desrespeitar os compromissos que

assumiu, quer na Assembleia da República quer junto das populações».

Em causa está o facto de se ter arrancado com queima de tóxicos «quando se ia iniciar um estudo epidemiológico em que se pretendia determinar o estado de saúde da população antes da co-incineração», sublinha a Comissão de Luta.

Segundo a CCI, os minitestes de co-incineração começaram no início da semana passada, com a queima de uma tonelada de combustível alternativo (resíduos

industriais perigosos misturados com serrim) por hora. O caudal do combustível alternativo queimado aumentou progressivamente até sexta-feira, último dia dos minitestes, com três toneladas e meia por hora.

Os testes definitivos estão previstos a partir de Setembro, devendo o processo de co-incineração começar em Outubro ou Novembro. Decisões tomadas sem que tenham sido feitos ainda os estudos epidemiológicos e apesar dos protestos das populações.

# da festa!

FESTADO Avante! 2001

7, 8, 9 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Inúmeras modalidades  
nos 3 dias da Festa

# Desporto para todos



Andebol, futsal, basquetebol, ginástica, atletismo, dança desportiva, *slide*, escalada, pára-quedismo, karaté, judo, luta livre, jogo do pau, xadrez, damas e mahjong, tiro, malha e petanca. Estes são as modalidades desportivas que estarão presentes na Festa do «Avante!».

Mas antes da Festa começar têm lugar torneios de diversas modalidades em todo o País, um concurso de pesca e uma prova de cicloturismo. Rafael Gomes e Pedro Guerra, da direcção da Festa, contam todas as novidades aos leitores do «Avante!».

Modalidades na Festa para todos os gostos e todas as idades, com uma nova corrida



# Na desportiva

**Q**uase todas as modalidades desportivas estão presentes na Festa do «Avante!», do basquetebol ao xadrez, do pára-queda à dança desportiva. Este ano, além da tradicional corrida, haverá a «Corridinha», apenas de três quilómetros, para os que não têm tanta pedalada.

Cerca de quatro mil pessoas participam directamente nas actividades desportivas da Festa do «Avante!», um número muito elevado que reflecte a importância das iniciativas e a forma como são recebidas pela população. Rafael Gomes e Pedro Guerra, da organização da Festa, adiantam números concretos: 2500 participantes na corrida; entre 200 e 300 tanto no concurso de pesca como

ajudar, ao nível dos vários desportos, nomeadamente na arbitragem», explica Rafael Gomes. «As pessoas que se inscrevem para participar colaboram sobretudo, mas não só, nos dias da Festa e em todas as tarefas de organização», adianta. «Por exemplo, no andebol e no futebol são sobretudo pessoas ligadas aos clubes participantes que garantem a tarefa da arbitragem, o que é uma grande ajuda. No basquetebol,

## Para todos

No sexta, no sábado e no domingo da Festa há desporto para todos os gostos e todas as idades. No campo polidesportivo, haverá andebol, futsal, basquetebol, ginástica e dança desportiva, judo, luta livre e jogo do pau. No Pavilhão do Xadrez decorrerão demonstrações e jogos de xadrez, damas e mahjong. No espaço de tiro, e como é habitual, decorrerão os torneios de carabina e de pistola e, no espaço da malha, os torneios de malha pequena, malha grande e malha corrida. Pela segunda vez, vai aparecer o jogo de petanca, um verdadeiro sucesso na edição passada. Os desportos radicais estarão presentes com o *slide* – uma estrutura cada vez mais implantada na Festa –, a escalada e o pára-queda. No domingo de manhã, terá lugar a Corrida da Festa, aberta à participação voluntária e gratuita de participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, ou atletas individuais. No mesmo dia, para todos os que não podem ou não conseguem realizar toda a corrida, a Festa preparou a «Corridinha» comemorativa das 25 edições da Festa, com um percurso de pouco mais de três quilómetros. Nos meses que antecedem a Festa,

“Haverá uma exposição e um debate sobre o desporto e as autarquias”

para fazer um desporto, seja o xadrez, o *slide* e ou escalada. Parta à aventura!

## Debater o desporto

Este ano, estará patente uma exposição sobre o desporto e as autarquias. «Sabendo nós que, no Partido, o desporto nas autarquias – quer ao nível das instalações, quer ao nível do apoio ao associativismo – é uma palavra de ordem, vamos tentar mostrar o trabalho realizado ao longo destes anos pelas autarquias CDU», adianta Rafael Gomes e Pedro Guerra. Haverá um debate sobre o mesmo tema, na tarde de sábado, onde se falará das diversas iniciativas realizadas pelas câmaras municipais e juntas de freguesia, do contacto com o movimento associativo, das infra-estruturas desportivas e da relação que as autarquias têm com a comunicação social.

Rafael Gomes explica: «Muitas vezes, o grande problema que as autarquias têm é não conseguir mostrar todo o imenso trabalho que fazem.» O debate conta com a participação de Melo de Carvalho, licenciado Educação Física e antigo director-geral dos Desportos, de Carlos Rabaçal, técnico superior de desporto e responsável pelos grupos de estudo junto do CC para a política desportiva e da Divisão do desporto na Câmara Municipal do Seixal, de Odete Graça, ligada à Associação de Municípios de Évora, e Fernando Correia, professor universitário e especialista em comunicação social.

Mário Dinis Vaz  
Uma vida dedicada às damas

O consagrado damista Mário Dinis Vaz será homenageado nesta edição da Festa do «Avante!», numa simbólica evocação no dia em que forem entregues os prémios de damas da 25.ª edição. Mário Dinis Vaz é sem dúvida o damista que mais participou nas secções jornalísticas. Compositor artístico, promotor de inúmeros torneios de produções e soluções de jogos de damas, é também um jogador prático. Foi ele quem organizou o primeiro Torneio de Damas da Festa do «Avante!» (1979) e o Torneio de Palavras Cruzadas, realizado no Alto da Ajuda.

Nascido em Pinela, Bragança, em 1924, Mário Dinis Vaz é autor de mais de duas mil produções de jogos de damas. Foi campeão de equipas em 1960, pelo Almada Atlético Clube, e director da «Vamos Decifrar» entre 1948 e 1962. É colaborador da Enciclopédia Damista desde o início da sua publicação e árbitro oficial de Damas Clássicas.

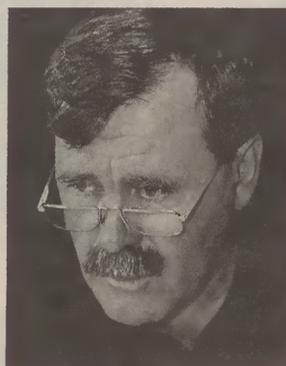
Foi seccionista de diversas publicações: «Passatempo Cruzadista», «Nova Almada», «Voz de Almada», «Jornal de Almada», «Jornal República», «o diário» e revista «Telejogos». Foi seccionista também do Almada Atlético Clube, do Grupo Damista Pérola Almadense e da Incrível Almadense. Mário Dinis Vaz foi ainda júri dos campeonatos nacionais «Produções e Soluções» e «Correspondência». Tendo sido membro da Comissão Promotora da Federação Portuguesa de Damas, vogal desta federação e do seu Conselho Técnico, actualmente Mário Dinis Vaz é vogal do Conselho de Arbitragem. Mário Dinis Vaz já prometeu que irá fazer um problema de palavras cruzadas dedicado à 25.ª Festa.

## Torneio de futebol em Beja

À semelhança do que acontece todos os anos, teve lugar o Torneio de Futebol da Festa do «Avante!», promovido pelos PCP e JCP do concelho de Beja. Os últimos jogos realizaram-se a 20 de Julho, numa iniciativa que contou com a participação de 12 equipas.

Em primeiro lugar ficou a equipa do restaurante «A Grelha», de Ferreira do Alentejo. Em segundo lugar a «Sejoma», em terceiro o «Café IETC» e em quarto a «Pastelaria Mabela». O melhor marcador foi José Cláudio, da equipa «A Grelha», com 11 golos em quatro jogos. O melhor guarda-redes foi Fernando Lopes, da «Pastelaria Mabela», com sete golos sofridos em seis jogos.

No Prémio Disciplina, em primeiro lugar ficou a «Sulema», em segundo a «Pastelaria Mabela» e em terceiro *ex aequo* a «Casa do Benfca/Paiva Oculista» e o «Café Regresso». Como é habitual, o torneio contou com o apoio de diversas entidades, nomeadamente a Câmara Municipal de Beja, as juntas de freguesia do concelho, a Cooperativa de Consumo Proletário Alentejano e a Região de Turismo Planície Dourada.



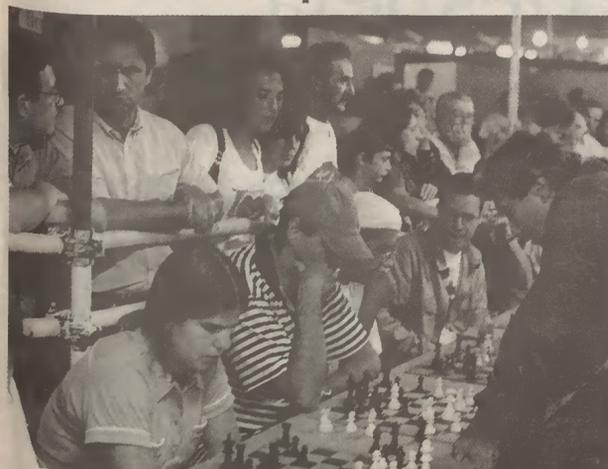
Rafael Gomes



Pedro Guerra

no cicloturismo; 175 nos torneios de petanca; e mais de mil nas diversas modalidades que passarão pelo espaço da Festa. «Isto não contando com todos os que utilizam a parede de escalada e o *slide* e os que participam nos torneios que se realizam durante o ano nas diversas regiões», referem. Pôr de pé uma iniciativa desta envergadura não é fácil e são precisas muitas mãos. «Nos três dias da Festa, surge sempre muita gente pronta a

modalidade aberta, são os próprios jogadores que gerem a arbitragem. Nós limitamo-nos a receber os resultados e a ordenar as classificações. Já se fez e resultou...», garante. No cicloturismo é fundamental a colaboração do Clube Recreativo Barroquense. No concurso de pesca recebem apoio de diversas colectividades, em especial de Lisboa.



realizam-se torneios de muitas modalidades, com o objectivo de promover o desporto e divulgar a Festa. O passeio de cicloturismo realiza-se no dia 2 de Setembro e visa lembrar a grande festa do desporto, a Festa do «Avante!», desde a sua primeira edição, em 1976. Assim, partindo das instalações da antiga FIL – onde se realizou a primeira Festa – às 9 horas, a caravana atravessa Lisboa e dirige-se a Vila Franca de Xira onde atravessará a ponte até ao Montijo. A segunda etapa segue daí até à Quinta da Atalaia, onde serão entregues lembranças aos participantes e onde se realizará o almoço-convívio.

## Espectáculo

O desporto apresentado na Atalaia tem três vertentes. A primeira é a componente de espectáculo, nomeadamente com o sarau de ginástica no sábado à noite, procurando atrair o público, distrair os visitantes e divulgar a prática desportiva. A segunda está ligada aos clubes, associações e a todos os atletas (profissionais e amadores) que praticam desporto regularmente ao longo do ano. Mas a Festa está também aberta a quem queira participar – a terceira vertente. Por isso, já sabe, seja ou não praticante habitual de desporto a Festa proporciona-lhe as condições

## Alteração do horário do concurso de pesca

Devido às marés da Baía do Seixal, a organização da Festa do «Avante!» foi obrigada a alterar o horário do concurso de pesca. O horário actualizado é o seguinte:

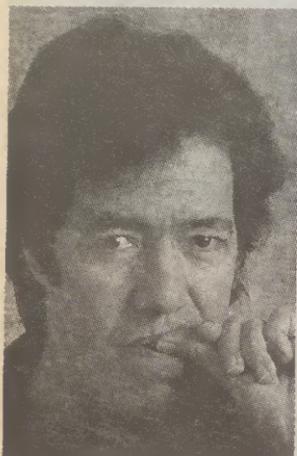
Horas	Ação	Local
13.00h.	Concentração	Largo dos Restauradores, Seixal
13.30 h.	Sorteio da entrega dos documentos	Largo dos Restauradores, Seixal
14.30 h.	Início do concurso	Baía do Seixal
18.30 h.	Fim do concurso	Pesqueiros
18.30 h.	Início da pesagem	Pesqueiros
19.30 h.	Almoço-convívio	Atalaia, recinto da Festa
21.00 h.	Entrega de prémios	Atalaia, recinto da Festa





## Não há Festa como esta

### Depoimentos sobre a Festa do «Avante!»



**Sérgio Godinho**  
músico

Eu começo por dizer que a Festa do «Avante!» é um acontecimento absolutamente incontornável. Mas, levando à letra a palavra, acho que, pelo contrário, esta festa pode e deve ser contornável. Dê-se-lhe a volta por inteiro, vá-se penetrando ao acaso nas suas ruas e nas suas praças, escolham-se os sons, os cheiros e os sabores, as imagens e as amizades. E reconheça-se que o *slogan* é justíssimo: «Não há Festa como esta.»

**Teresa Gafeira**  
actriz

Considero a Festa do «Avante!» um marco na história da democracia e do desenvolvimento cultural em Portugal.

O Avanteatro mistura-se na minha memória com o próprio desenvolvimento do teatro em Portugal. Ponto de encontro, de trabalho, local de reflexão e de luta de centenas e centenas de profissionais do espectáculo.

Compreender que o teatro tem um papel fundamental junto do povo, na sociedade portuguesa: promovê-lo e dar-lhe visibilidade na maior festa que se faz em Portugal foi mérito do nosso Partido. O que o Avanteatro é hoje representa a melhor recompensa para os camaradas que anos a fio trabalharam no seu desenvolvimento.



## Festival de Bandas de Braga

A banda «Submarine», de Famalicão, venceu o concurso organizado pela JCP de Braga para apurar uma banda para actuar no Palco Novos Valores da Festa, que teve lugar dia 21 de Julho.

Infelizmente, devido a compromissos anteriormente assumidos pelos «Submarine», será a segunda classificada a actuar, os «Nothem», de Guimarães.



## Feira da Ladra e Pavilhão do Coleccionador

# Despeja os teus armários!

O teu guarda-vestidos está cheio de roupa que já não usas? Esqueceste, num armário, aqueles sapatos que compraste há uns anos e nunca mais calçaste? E aqueles *bibelots* que nunca conseguiste que ficassem bem na tua estante? Não te preocupes, a Festa resolve o teu problema! É só recolheres esses objectos e entregá-los no Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, o mais depressa possível.

Depressa para teres mais espaço livre em casa (especialmente agora, com a filosofia *feng shui* tão na moda...) e para a comissão da Festa organizar a «Feira da Ladra», espaço que faz as delícias de muitos visitantes da Atalaia.

Mas há mais! Lembras-te daquelas caixas e gavetas com postais, cromos, selos, crachás, porta-chaves, isqueiros e moedas que andas a tentar fazer desaparecer, mas que naturalmente tens pena de deitar fora? O «Pavilhão do Coleccionador» espera por todos esses objectos. E de certeza que vão parar a mãos de verdadeiros especialistas!

Para as rifas do «Sai Sempre» também se aceitam materiais, mas estes têm de ser novos. Tudo o que possa servir de prémio é bem-vindo, seja de que valor for.

A «Tasca de Lisboa» também não desdenha de uma ajudinha. Batatas, cebolas, alhos, choriços, torresmos, feijão, vinho, azeite, óleo e conservas, tudo o que sirva para fazer bons pratos e deliciosos petiscos.

Só falta o «Cantinho das Bebidas», com ginginha, jeropiga, licor de café e todas as outras que possam oferecer. Para passarmos uma Festa mais alegre!



## Depois da violência de Génova

# Crise política em Itália

**Duas semanas depois da brutal repressão policial em Génova, a política italiana continua dominada pelos acontecimentos que marcaram a cimeira do G-8.**

O Senado italiano debate amanhã uma moção de censura ao ministro do Interior, Claudio Scajola, pela actuação da polícia contra os participantes nos protestos pacíficos organizados pelo Fórum Social de Génova (FSG) durante a cimeira do G-8.

Os partidos da oposição, que coincidem no assacar de responsabilidades ao ministro, estão no entanto divididos quanto à atitude a tomar. Enquanto os Democratas de Esquerda (DS) admitem retirar a moção exigindo a renúncia de Scajola se a maioria aceitar a formação de uma comissão de inquérito parlamentar (o que até à data tem sido rejeitado pelos partidos de direita que apoiam o governo de Silvio Berlusconi), já a Refundação Comunista considera «inaceitável» tal possibilidade.

Também o presidente italiano, Carlo Azeglio Ciampi, quebrou segunda-feira o silêncio sobre esta questão afirmando esperar «que se faça plena luz sobre tudo o que aconteceu em Génova, como desejam todos os italianos sem distinção».

As declarações do presidente italiano seguem-se à divulgação, no domingo, pelo diário italiano Corriere della Sera, de excertos do relatório policial que investiga a acção das forças de

segurança durante o assalto às instalações do Fórum Social de Génova, na noite do dia 21 de Julho.

**Segundo o FSG, 18 pessoas continuam desaparecidas em Génova**

Segundo o jornal, o relatório, dirigido pelo chefe da polícia, Gianni de Gennaro, revela que «uma dezena de agentes» tiveram de ser afastados da operação quando os respectivos superiores se deram conta de que «estavam fora de controlo».

**Pressões sobre Berlusconi**

De acordo com a investigação interna da polícia, cujas conclusões se destinam ao contestado ministro do Interior, a ordem dada aos agentes era para entrarem no local e confiscarem armas, e não para reprimirem os manifestantes de forma tão brutal.

O que sucedeu foi bem diferente. A polícia destruiu documentação e computadores, partiu o mobiliário, bateu indiscriminadamente em toda a gente e deteve mais de uma centena de pessoas, na maioria jovens, que voltaram a ser vítimas de maus tratos na prisão.

Entretanto, enquanto se aguarda o desenlace deste «passa culpas», os juízes encarregados das denúncias recebidas contra a polícia informaram que continuam a

receber queixas de vítimas que não apresentaram qualquer resistência à acção policial. No âmbito da sua investigação, os juízes italianos já solicitaram o historial clínico dos 243 manifestantes agredidos que receberam tratamento hospitalar.

Pressionado a nível interno e também pelos seus parceiros europeus, o primeiro-ministro Silvio Berlusconi garantiu na sexta-feira perante o parlamento que o governo «não ocultará a verdade sobre o que se passou». O que Berlusconi não disse foi se «a verdade» será apurada pelos principais implicados nos factos ou se, pelo contrário, está disposto a aceitar uma investigação independente.

Enquanto isso, prosseguem as manifestações de protesto um pouco por toda a Europa. Domingo, em Berlim, centenas de pessoas exigiram a libertação dos 21 alemães ainda detidos em Génova; o mesmo sucedeu em Londres, frente à embaixada da Itália, exigindo uma investigação internacional.

O pesadelo ainda não terminou. Segundo o Fórum Social de Génova, 18 pessoas que participaram nas manifestações continuam desaparecidas.

Consciente da gravidade de toda esta situação, o Parlamento Europeu decidiu que a Comissão de Liberdades e Direitos dos Cidadãos abra um debate a seguir às férias de Agosto sobre os «excessos policiais» em Itália e elabore propostas para que no futuro sejam respeitados os direitos dos manifestantes.

Macedónia

## À beira da capitulação

As negociações de paz na Macedónia estão concluídas em 90 por cento, havendo quatro ou cinco questões «ainda em aberto», entre as quais as da língua e da polícia local, garantiu o Alto representante da política externa da União Europeia, Javier Solana, em entrevista publicada domingo pelo semanário francês «Le Journal du Dimanche».

No mesmo dia, na região de Tetovo, a comitiva em que viajava o ministro do Interior macedónio, Ljube Boskovski, era atacada pelo Exército de Libertação Nacional (UCK). Não se registaram feridos.

A discrepância entre as palavras e os factos é evidente, mas não accidental. Na verdade, Solana não se cansa de afirmar que o reconhecimento dos direitos das minorias é «fundamental para se ser europeu», o que traduzido em UCK parece significar luz verde no caminho da pressão independentista. Não deixa de ser significativo, de resto, que Solana afirme ao sema-

nário francês que «depois do acordo político (se as partes forem capazes de o alcançar), a NATO pode começar a sua tarefa de desmilitarização da guerrilha albanesa», o que «pode levar um mês ou dois, no máximo».

Embora dizendo que para resolver a crise na Macedónia «não outra solução que não seja a negociação», Solana não parece preocupado com as sistemáticas violações do cessar-fogo de 5 de Julho por parte do UCK, nem com as vítimas que provoca.

Na verdade, as negociações, que contam com a participação do presidente macedónio, Boris Trajkovski, do primeiro-ministro, Ljubco Georgievki, dos emissários da UE, François Leotard, e dos Estados Unidos, James Pardew, e dos dirigentes dos principais partidos do país, dois albaneses e dois macedónios, têm servido essencialmente para reforçar as posições dos independentistas.

Os próprios EUA o reconhecem, mas não vão além da

retórica. Segunda-feira, o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Hunter, considerou «inaceitáveis» as «flagrantes violações» do cessar-fogo na Macedónia, que «põem em perigo vidas de civis e impedem que as populações regressem aos seus lares», mas não comentou o facto de isso só ser possível porque o prometido desarmamento do UCK nunca ter sido levado a cabo no vizinho Kosovo.

Hunter denunciou que «os extremistas colocaram minas em zonas civis e estradas muito frequentadas», que no domingo mataram duas pessoas, sublinhando que essas acções «minam os esforços dos representantes eleitos para conseguir uma solução política, que todas as partes asseguram apoiar». Sendo que os extremistas não participam nas negociações, e que a NATO poderá desarmá-los num curto espaço de tempo, cabe perguntar que 10 por cento são esses que falta impor à Macedónia.

## A rapina às pensões

● Pedro Carvalho

A Comissão Europeia apresentou, no dia 3 de Julho, uma comunicação para «apoiar as estratégias nacionais em prol de regimes de pensões», ou seja, avançar com princípios comuns para uma reforma dos sistemas de pensões. Este era um dos pilares da «estratégia de Lisboa» – trazer para uma lógica de rentabilização privada vastos volumes de capital dos sistemas públicos de pensões. Por isso mesmo, não é de admirar que este seja o passo lógico após o avanço na concretização de um mercado único para as reformas complementares. Não é também de admirar que este objectivo esteja intimamente ligado à realização do plano de acção dos serviços financeiros que visa criar um mercado único de capitais funcional até 2005 e que a reforma das pensões tenha integrado as orientações gerais de política económica na UE. A Comissão propõe ao Conselho que na Cimeira de Lanken, de Dezembro de 2001, utilize o método de coordenação aberta, chegando a consenso sobre objectivos comuns para a reforma das pensões, que serão implementados através de programas nacionais, avaliados posteriormente

da Cimeira de Gotemburgo: efectuar reformas dos regimes de pensões, da saúde e da assistência aos idosos; aumentar a idade efectiva de reforma; fomentar a participação dos trabalhadores mais velhos; criar e consolidar fundos de reserva para as pensões dos regimes gerais e incentivar ao desenvolvimento de regimes de pensões dos 2.º e 3.º pilares. A Comissão aponta para que a reforma das pensões contribua para a redução das despesas e dívida pública e para a promoção das flexibilidade e mobilidade laborais, a par da «garantia de rendimentos seguros e adequados», cada vez mais «complementados» por regimes profissionais e privados. Propõe «facilitar os regimes progressivos de reforma», flexibilizando a idade legal de reforma e permitindo regimes de coexistência de prestações de reforma. Pretende a criação de fundos de reserva especiais para suprir necessidades futuras dos sistemas de pensões, que poderão ter os moldes do actual fundo de capitalização da segurança social (que poderá ser abrangido pela liberalização dos critérios de investimento ao abrigo da directiva sobre as pensões profissionais). A Comissão admite que, para fazer face ao impacto orçamental do aumento do rácio de dependência dos idosos, poderão ocorrer ajustamentos no nível das pensões a pagar aos reformados, ou seja, redução das prestações de reforma. Embora saliente que «haverá que ter o devido cuidado em evitar reduções das pensões mínimas».

**Tijolo a tijolo**

Neste quadro, a Comissão lembra que «os sistemas de segurança social têm de poder contar com os regimes dos 2.º e 3.º pilares», reforçando-os à «medida que os Estados-membros prosseguem os esforços de contenção do peso nas finanças públicas dos encargos crescentes com as pensões». Tijolo a tijolo, os governos e a Comissão, na sua grande maioria socialistas, prosseguem o ataque a direitos adquiridos ao nível das prestações de reforma – salários diferidos – e a rapina do sistema público de segurança social. A questão não é negar o problema do envelhecimento populacional e o seu impacto. Mas os objectivos são outros, a progressiva privatização das pensões e da saúde. Garantir o financiamento adequado passará sobretudo pela existência de empregos qualidade e não por uma política de precarização trabalho e de competitividade assente nos baixos salários. Passará também pelo aumento e efectiva contribuição das empresas para o sistema de segurança social público. Mais uma vez se evidencia o cunho de classe da estratégia traçada durante a Cimeira de Lisboa – aproveitar novas oportunidades de expansão para o capital europeu, promover uma força de trabalho mais móvel e flexível, acumular ganhos de produtividade através da moderação salarial e utilizar as possibilidades de financiamento dos fundos de pensões. Aquela que foi apelidada de «cimeira do emprego» e à qual Guterres deu a sua benção. A mesma que teve à porta uma grande manifestação de 50 mil trabalhadores.



através de um conjunto de indicadores comuns. Este método permite assim avançar em matérias por comum acordo ao nível comunitário, fora das competências dos Tratados. Não é de estranhar que a Saúde também esteja na linha de mira, em nome do sacrossanto Pacto de Estabilidade. A Comissão aponta para que os indicadores comuns possam ser discutidos na Cimeira de Primavera de Barcelona em 2002, para que os programas nacionais possam ser lançados em Julho desse ano, de forma a serem avaliados na Cimeira de Primavera de 2003.

**Objectivos da reforma**

E quais os princípios comuns apontados pela Comissão? Os mesmos, em grande parte, já apresentados nas orientações gerais de política económica para 2001 e nas conclusões

● António Lopes

A FRETILIN tem um papel determinante e indispensável na reconstrução da independência e do novo Estado de Timor

# 1.º Congresso Extraordinário traça rumo para o futuro

«Tolerância máxima, vigilância total»; «Restaurar a independência para servir o povo». Estas foram as consignas sobre as quais decorreu o 1.º Congresso Extraordinário da FRETILIN. Elas exprimem, de forma muito viva e feliz, os grandes objectivos e orientações deste Congresso histórico para Timor Leste e o forte fervor revolucionário que o envolveu.

O 1.º Congresso Extraordinário da FRETILIN foi a melhor, a mais firme e determinada resposta a todas as tentativas feitas no sentido de levar à liquidação da FRETILIN, não só como a grande força organizada da resistência à ocupação Indonésia, mas também hoje, sobretudo, como a força indispensável e determinante na concretização da independência e na construção do novo Estado soberano, livre e democrático de Timor Leste.

## Participaram nos trabalhos 375 delegados e observadores

Foi a melhor resposta aos que desejavam e tinham já decretado a morte da FRETILIN e para todos aqueles que defenderam e propagandearam a sua dissolução, após a retirada indonésia, procurando a sua diluição e substituição no quadro do extinto C.N.R.T., enquanto ao mesmo tempo, oportunisticamente, se aproveitavam para constituir os seus próprios partidos e ocupar os espaços políticos deixados em aberto pela procurada desmobilização da FRETILIN.

Mas a FRETILIN não estava para morrer. Como referiu Mari Alkitiri, secretário-geral da FRETILIN, numa das suas intervenções no Congresso, «Lu'olo desceu das montanhas, eu desci do avião, encontrámo-nos e eu perguntei-lhe, o que podemos fazer para reorganizar e erguer novamente a FRETILIN».

A FRETILIN estava no espírito e no coração do povo, mas não tinha organização nem estrutura, como me referiram vários camaradas.

O 1.º Congresso Extraordinário constituiu assim a chegada a uma primeira etapa, após um árduo e duro trabalho de reorganização realizado em muito poucos meses, mas com importantes resultados. Cerca de 200 mil filiados num universo populacional de cerca de 750 mil habitantes. Criação de órgãos de direcção em todos os distritos e subdistritos. Desenvolvimento de muitas organizações de base nos «sucus» (povoações). Promoção e desenvolvimento de organizações de carácter social que vieram a filiar-se na FRETILIN, de pequenos empresários, ex-combatentes, de mulheres, de jovens, de agricultores, etc. E que já neste Congresso, tiveram como observadores uma intervenção muito activa.

## Participação e debate

Durante cinco dias, o último dos quais com uma directiva de mais de 24 horas, 375 delegados e observadores, de todos os distritos e subdistritos de Timor Leste, dos quais mais de 30% eram mulheres, debateram e aprovaram numa discussão muito viva o Manual e Programas Políticos, os Estatutos e elegeram os órgãos dirigentes nacionais da FRETILIN, nomeadamente por unanimidade, como presidente, o camarada Lu'olo e, como secretário-geral, o camarada Mari Alkitiri.

Foram enormes as dificuldades a vencer, de quadros, meios técnicos e financeiros, de inexperiência, mas sobretudo, de comunicação. Os documentos, a educação em discussão, estavam escritos em português. Uma parte significativa dos delegados só entendia o tetum e outra parte, o indonésio. O tetum é a linguagem nascida da mistura da língua indígena com o português e, nas últimas duas décadas de anos de ocupação, com o indonésio. Apesar disso, o tetum não deixa de ser uma linguagem muito

pobre em vocábulos, sem verbos, sem escrita, e por isso, a enorme dificuldade em explicar, em tetum, certos conceitos políticos e expressões escritas nos documentos em português. À falta de tradição simultânea, as propostas e os documentos eram lidos, artigo a artigo, ponto a ponto, parágrafo a parágrafo, em português, tetum e indonésio e, por vezes, com repetição.

Apesar de todas estas dificuldades que teve de vencer, os traços marcantes e essenciais deste 1.º Congresso Extraordinário da FRETILIN, foi o seu profundo carácter democrático, popular e revolucionário.

Traços visíveis na enorme participação dos delegados. No enorme esforço de, antes de passar a cada votação, procurar integrar o máximo de contribuições, emendas, sugestões e observações dos delegados, no enriquecimento e aperfeiçoamento dos documentos em apreciação e que acabaram todos por ser aprovados, com substanciais alterações. Foi visível, na eleição dos organismos dirigentes, onde sendo possível, com base nos estatutos aprovados, a apresentação de listas alternativas, todos eles foram eleitos

em listas únicas, sempre antecederam de um grande debate. Um Congresso revolucionário e popular, porque em toda a discussão, a reconstrução de um novo Estado, soberano, livre e democrático de Timor Leste, foi sempre associada de forma inseparável às transformações e respostas necessárias à resolução dos graves problemas, económicos, sociais e culturais, que atingem o martirizado povo de Timor Leste, mesmo tendo em conta a complexa e difícil correlação de forças a nível mundial, nomeadamente das potências vizinhas, e a herança de «feridas» profundas de todo o tipo na sociedade timorense deixada pela ocupação indonésia.

Por isso, se entende bem o apelo do Congresso da FRETILIN, à «tolerância máxima», sobre uma realidade social e política, marcada por um processo e história de luta, prenhe de dramáticos e trágicos acontecimentos humanos, colectivos e pessoais, que deixaram profundas chagas no povo timorense e que não deixaram de atingir dolorosamente a própria FRETILIN.

Mas, em simultâneo, e fazendo parte integrante deste processo de máxima tolerância, a «vigilância total», na defesa dos grandes objectivos e princípios da FRETILIN, para Timor e o seu povo, quando são múltiplas as pressões, os condicionamentos e mesmo, as provocações, no sentido de travar o processo que leve o povo de Timor a assumir nas suas próprias mãos o destino, não só de um Estado independente, mas de um Estado ao serviço do povo.

## Manobras de diversão

É neste quadro que se torna mais evidente os esforços das forças contra-revolucionárias e oportunistas de todos os matizes, de susterm o processo revolucionário numa independência e na construção de um novo Esta-

do desligado das principais transformações económicas, sociais e políticas, que reclamam os grandes problemas do povo e o desenvolvimento progressista de Timor Leste.

Tal ofensiva passa hoje por impedir uma forte e clara vitória da FRETILIN nas eleições de 30 de Agosto para a Constituinte, o que não irão conseguir.

Os ataques recorrem à campanha anticomunista, espalhando boatos do género «se a FRETILIN ganhar por uma grande maioria, haverá novamente conflitos e sangue», e «uma vitória muito forte levará ao isolamento de Timor do concerto das Nações e a uma grande instabilidade política». Interessante foi constatar que alguns «conselheiros do exterior», dando cobertura a esta campanha, hipocritamente defendem e aconselham a própria FRETILIN a não ganhar por uma grande maioria, para possibilitar, como dizem, um governo de unidade nacional que garanta a estabilidade.

A actual situação política, partidária e eleitoral em Timor Leste mostra como aqueles que apostaram e tudo fizeram interna e externamente para o isolamento e enfraquecimento da FRETILIN – com manobras de divisão e diversão, na promoção de cenários que retirassem e substituíssem a FRETILIN como principal força organizada na construção do novo Estado, pelo papel individual desta ou daquela personalidade timorense, por mais prestigiada e mediática que seja externamente e sem pôr em causa o papel altamente positivo que alguns tiveram e podem vir a ter para Timor Leste – terão que reconhecer, se ainda não o reconheceram, que cometeram um grave erro de apreciação sobre a FRETILIN e o seu papel determinante e indispensável na reconstrução da independência e do novo Estado, nomeadamente dos seus principais dirigentes.



Timor vive «no amanhecer da esperança», justamente o nome que titula o Livro de Eduardo Gageiro, que com as suas fotos e poemas de Manuel Alegre, Ruy Cinatti, Sophia de Mello Breyner, Vasco Graça Moura e Xanana Gusmão, ajudaram a construir uma escola para Timor.

## Solidariedade do PCP

Não ficando nunca à espera dos resultados eleitorais e para que lado caem os ventos, o PCP foi, infelizmente, a única força política a fazer-se representar no Congresso e no Comício de abertura da campanha, apesar de outros partidos portugueses, nomeadamente o PS e o PSD, terem sido convidados.

Convidado a intervir na tribuna do Congresso, manifestámos a nossa solidariedade e enorme apreço pela luta do povo timorense e o papel nela desempenhado pela FRETILIN. Manifestamos o desejo de continuar a reforçar os fortes laços de solidariedade e amizade entre o PCP e a FRETILIN, forjados na luta comum contra o colonialismo e contra a ocupação indonésia, na luta pela liberdade, pela democracia, a felicidade e o bem-estar dos nossos povos.

Reafirmamos estar sempre ao lado da luta da FRETILIN e do povo de Timor, seja nos bons ou nos maus momentos. Expressamos a nossa confiança e convicção de que, no dia 30 de Agosto, a FRETILIN irá obter um importante êxito eleitoral, condição indispensável para a construção da independência e do novo Estado ao serviço do povo.

## Armas biológicas

## EUA rejeitam aplicação de protocolo

Os Estados Unidos rejeitaram o protocolo do Tratado de Armas Biológicas por considerar que o mesmo «põe em risco a segurança nacional» do país.

«Washington não pode apoiar o actual texto adequado aos esforços do grupo.» Foi assim que o embaixador norte-americano Donald Mahley se dirigiu ao grupo de trabalho das Nações Unidas (ONU), reunido em Genebra, encarregue de elaborar o protocolo do Tratado de Armas Biológicas.

Esta convenção, ratificada por cerca de 143 países, incluindo os Estados Unidos, proíbe o desenvolvimento e produção de armas bacteriológicas (à base de germes, vírus ou bactérias). No entanto, o texto actual não especifica formas e medidas de controlo da aplicação do Tratado, omissões que estão a ser discutidas em Genebra.

O projecto obrigaria os países-membros a tornar públicas as instalações que poderiam ser usadas para a produção de armas biológicas, além de estabelecer uma série de etapas de verificação, incluindo inspecções locais.

No entender de Mahley, o actual rascunho do protocolo «não melhora a capacidade de

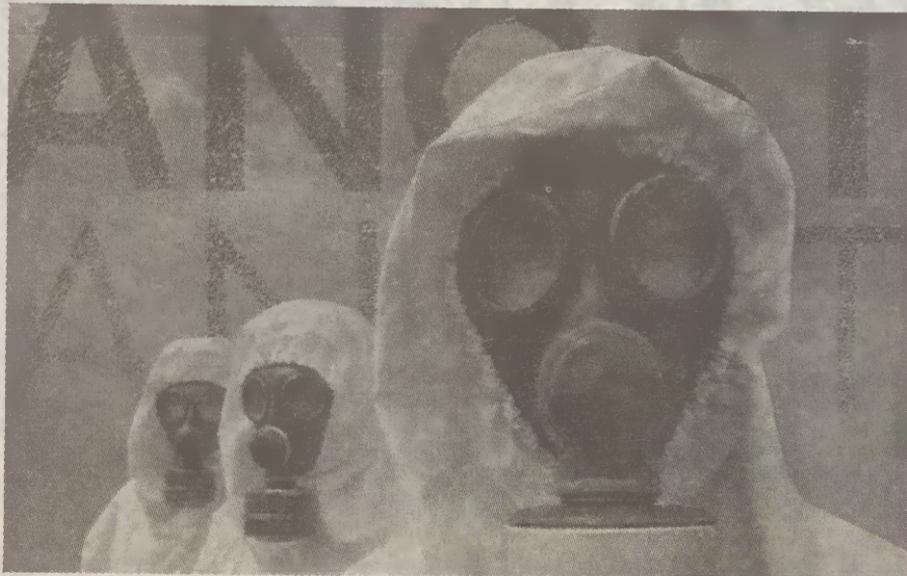
verificar» o cumprimento da convenção e não conseguirá dissuadir os países que queiram desenvolver este tipo de armas.

Pelo contrário, a UE, exprimindo-se em nome de 28 países europeus, considerou que este texto «constitui a base das decisões políticas que devem ser tomadas ainda que certas partes (do protocolo) não correspondam a algumas pretensões dos Quinze».

Segundo o embaixador norte-americano, «o protocolo colocaria em risco a segurança nacional e informações comerciais sigilosas». Mahley disse ainda que «não há fundamento para afirmar que os Estados Unidos não apoiam instrumentos multilaterais para lidar com as armas de destruição em massa e ameaças de mísseis», argumentou.

A equipa da ONU recomendou segunda-feira a ronda de negociações, num processo que se arrasta há seis anos, para tentar chegar a um acordo que possa ser aprovado

«A participação norte-americana é imperativa para a nossa tarefa»



Os Estados Unidos não querem dar o seu apoio a um projecto de controlo de armas biológicas, por receio de espionagem industrial

numa conferência especial em Novembro.

## Reacções

Entretanto, embaixador japonês Seiichiro Noburo afirmou que os negociadores ainda tentarão convencer os Estados Unidos a mudar de ideias. «A participação norte-americana é imperativa para a nossa tarefa de definir as medidas para o cumprimento rigoroso (do acordo)», concluiu.

Para o indiano Rakesh Sood, o voto dos EUA «põe o

ponto final em seis anos e meio de negociações».

O Canadá e a África do Sul disseram lamentar, enquanto que Cuba usou termos fortes para classificar a decisão norte-americana. «Esperamos sinceramente que tais posições sejam reconsideradas e que estas negociações não virem novos reféns do unilateralismo assumido recentemente pela superpotência mundial em relação a questões cruciais da agenda internacional», reagiu o embaixador cubano Carlos Amat Flores.

O governo do presidente George W. Bush tem sido criticado tanto nos Estados Unidos como no exterior devido a posições similares, tal como a rejeição ao Tratado de Quioto, sobre as emissões de gases poluentes na atmosfera, e tratado mundial sobre controlos de armas ligeiras.

A comissão deve continuar reunida até dia 17 de Agosto na tentativa de respeitar o prazo imposto pela Convenção, que será convocada no dia 19 de Novembro.

## Produção industrial volta a cair nos EUA

A produção industrial nos Estados Unidos caiu em Junho pelo nono mês consecutivo, informou o Federal Reserve (FED), banco central norte-americano.

Após uma queda de 0,5 por cento em Maio, segundo dados revistos, a produção industrial recuou 0,7 por cento em Junho, superando a expectativa de baixa de 0,5 por cento segundo os analistas entrevistados pela Briefing.com.

O FED afirmou também que fábricas, minas e outras instalações operaram com 77 por cento da sua capacidade em Junho, ligeiramente acima da expectativa de 76,9 por cento dos analistas.

A produção industrial norte-americana está assim a sofrer a sua mais longa série de quebras desde a recessão de 1982, e o uso da capacidade industrial encontra-se no seu nível mais baixo desde Agosto de 1983, quando a economia começou a sair da recessão.

Entretanto, enquanto se dá um abrandamento da economia, a indústria está em recessão e já despediu centenas de milhares de trabalhadores este ano.

«Em linhas gerais, este é outro péssimo dado»,

comentou Ian Shepherdson, economista-chefe na High Frequency Economics Ltd., «mas, dado o tamanho dos stocks e do ritmo dos despedimentos, não é surpresa».

## Milhares de despedimentos no sector tecnológico

A Alcatel, fabricante francesa de equipamentos para telecomunicações, irá despedir 20 mil trabalhadores. A empresa anunciou que pretende ter um saldo positivo no final do ano, pelo que deverá reduzir as despesas em 200,4 milhões de contos através de 14 mil despedimentos, mais a eliminação de 4 mil cargos e a transferência de 2 mil empregados para programas de «outsourcing».

A Nokia, por seu lado, anunciou recentemente que sofreu uma redução de 16 por cento nos seus lucros, no segundo trimestre do ano, o que levará a maior fornecedora de telefones celulares do mundo a despedir mais de 1500 trabalhadores. No primeiro semestre, a Nokia havia anunciado 1600 despedimentos, em consequência da desaceleração da economia norte-americana.

Também a Philips, maior empresa europeia de produtos electrónicos, despedirá quatro mil trabalhadores, anunciou o seu executivo-chefe, Gerard Kleisterlee.

A decisão foi tomada depois de ter sido divulgado um relatório que indica uma diminuição no facturamento da empresa. Kleisterlee explicou em conferência de imprensa que os cortes atingirão o sector de semicondutores e afectarão os 10 mil postos de trabalho ainda este ano.

Entretanto, a gigante norte-americana de média e Internet, AOL Time Warner, anunciou que está a planear um novo corte nos seus quadros como forma de controlar os actuais custos da holding.

O grupo dispensou 30 profissionais da unidade de marketing interativo cujas as funções foram consideradas pela direcção do grupo como redundantes. Mas o processo de contenção não vai ficar por aqui. Após ter anunciado no início deste ano cerca de 2400 despedimentos, a empresa prepara-se para encerrar as operações da sua rede de lojas Warner Bros Studios, uma medida que poderá afectar mais de 3800 trabalhadores.

## Israelitas e palestinianos apelam à paz

Sessenta intelectuais e políticos israelitas e palestinianos assinaram um documento conjunto apelando ao fim da violência e ao regresso à mesa das conversações.

Encabeçado pelo antigo ministro da Justiça, Yossi Beilin, e pelo responsável da informação da Alta Autoridade Nacional Palestiniana, Yasser Abed Rabbo, o apelo foi publicado sexta-feira na imprensa de Israel e sábado na palestinianiana. O texto exorta ambas as partes a pôr fim à violência e reclama a imediata aplicação das recomendações do relatório Mitchell, o congelamento dos colonatos, a aplicação de todos os acordos assinados e não cumpridos, bem como o regresso às negociações sob a mediação de observadores imparciais.

«O nosso objectivo é mostrar às pessoas que há uma alternativa à guerra e que há uma frente de paz nos dois lados», afirmou o professor israelita Menahem Klein, da Universidade Bar-Illan, ao apresentar o documento.

É a primeira vez, desde o início da nova Intifada, a 29 de Setembro último, que os pacifistas dos dois campos assumem uma posição conjunta. A iniciativa partiu de um grupo de personalidades que em meados de Julho se encontrou sob os auspícios da organização não governamental palestinianiana Miftah (Iniciativa Palestiniana para a Promoção Global do Diálogo e da Democracia).

Entretanto, em Jerusalém Ocidental, o fim-de-semana voltou a ser de confrontos. Os incidentes ocorreram quando seguidores do movimento ultra-ortodoxo israelita «Fiéis do Monte do Templo» colocaram a primeira pedra do terceiro templo judeu em Jerusalém, o que os muçulmanos consideraram «uma provocação», já que o local é para eles sagrado (o terceiro do Islão), sendo designado por Esplanada das Mesquitas. Vinte palestinianos e 15 polícias israelitas ficaram feridos, e 28 palestinianos foram presos.

Comentando a iniciativa dos ortodoxos, o enviado especial da União Europeia (UE) para o Médio Oriente, Miguel Angel Moratinos, afirmou que para a UE este não é «um bom momento para esse género de acto simbólico». Sublinhando que o «período de acalmia» é fundamental para restabelecer a confiança entre as partes, Moratinos realçou o facto de a Autoridade Palestiniana estar a fazer «intensos esforços» para reduzir a tensão e a violência, pelo que não faz sentido estar à espera de «melhores condições» para reatar o diálogo.

Israel mantém-se surdo a todos os apelos. Já na madrugada de segunda-feira, seis activistas da Al Fatah foram mortos por soldados israelitas, e as instalações da polícia palestinianiana em Gaza bombardeadas.

## Manifestação em Cuba

Fidel Castro encabeçou quinta-feira em Havana uma importante manifestação, cerca de dois milhões de pessoas, convocada no Dia Nacional para protestar contra a política norte-americana face a Cuba.

O protesto foi organizado por ocasião do 26 de Junho, data do aniversário do ataque das forças castristas ao quartel de Moncada, de Santiago de Cuba (1953), efeméride que marcou o ponto de partida da revolução que, volvidos seis anos, levou ao derrube da ditadura de Fulgencio Batista.

## Confrontos no Ulster

Um jovem de 18 anos foi assassinado domingo no condado de Antrim, na Irlanda do Norte. Segundo a polícia local, a vítima, que era protestante, estava na rua com amigos na localidade de Glengormley (Antrim), quando um homem disparou de um automóvel, «por engano», causando ainda ferimentos em outro jovem. Em Belfast, a polícia voltou a ser atacada com bombas incendiárias atiradas por grupos de jovens protestantes e católicos, que se voltaram a enfrentar no norte da cidade. A actual série de incidentes começou no início do mês de Julho, quando o líder do Partido Unionista do Ulster (UUP), David Trimble, apresentou a sua demissão de chefe do governo autónomo.

## Combate à pobreza no Peru

O novo presidente peruano, Alejandro Toledo, apelou segunda-feira aos 12 chefes de Estado latino-americanos presentes na sua investitura, em Lima, a «um congelamento imediato das compras de armas ofensivas» pelos países da região.

Toledo, que reafirmou a sua «vocaçao pacifista», pretende que as despesas em armamento sejam desviadas para a educação e para combate à pobreza.

Entretanto, em Bruxelas, os governos da União Europeia ofereceram ao novo chefe de Estado peruano a sua cooperação «para fazer frente aos importantes desafios» que se colocam ao país. Numa declaração da presidência belga da UE, os Quinze felicitam Alejandro Toledo e recordam os compromissos que o levaram ao poder.

## «Déficit zero» para a Argentina

O senado da Argentina aprovou segunda-feira um projecto de lei de austeridade económica que visa reparar as finanças e evitar um calote na dívida pública, de 128 milhões de dólares. A votação foi realizada depois de oito horas de debate, com os senadores a aprovar todas as cláusulas-chave do projecto governamental para atingir «déficit zero» até ao final do ano. A lei inclui vários cortes, de até 13 por cento, em salários da função pública e dos reformados e pensionistas.

# Os três dias que envergonharam Génova

«**E**stou aterrorizado. Tenho medo. Começo a perceber o que aconteceu em Génova e tenho dentro uma raiva que me faz chorar. Os direitos mais elementares foram suspensos, a informação está completamente sob o controlo de quem quis e levou a cabo este massacre.»

As palavras são de Luigi, um jovem italiano, e chegaram-nos

• Luigi

## «Eu estive em Génova. Foi alucinante!»

(...) Não encontro as palavras para descrever o estado emotivo em que me encontro e no qual se encontram todas as pessoas que estiveram em Génova com quem falei hoje. Por três dias fomos privados dos direitos elementares, fomos assediados pela Polícia e pelos Carabinieri (equivalente da GNR), muitos foram agredidos, insultados e ameaçados. Um rapaz foi morto. As forças da ordem deveriam servir para permitir a realização das manifestações, deveria servir para defender quem se manifesta democraticamente. Em Génova, ao contrário, os manifestantes foram «carne no talho».

**Sequência 1.** Logo à partida de Milão, começamos a perceber que a

persas pela cidade para fazer um assédio festivo, com danças, performances e slogans, à famosa zona vermelha. Na praça onde eu fui, o desfile é pacífico, canta-se e dança-se ao lado das barreiras levantadas em defesa dos oito grandes. Bate-se o ritmo nas grades e gritam-se slogans contra o G8 e a blindagem da cidade. De repente a Polícia abre as mangueiras de água com piri-piri que arde nos olhos. Isto repete-se uma, duas vezes, mas ninguém perde a calma.

**Sequência 3.** Mas noutros pontos da cidade, a calma já não existe. À beira-mar chega o famoso Black Block, alguns deles são vistos a falar com a Polícia, outros saem directamente das suas fileiras. Começam a

partir tudo. A Polícia e os Carabinieri estão parados. Os Black Block tentam infiltrar-se no desfile dos trabalhadores ligados a vários sindicatos de base, e agredem um dos dirigentes. Com dificuldade, o desfile consegue mandá-los embora e os Black Block dirigem-se à primeira praça temática (Centros Sociais) armados até aos dentes.

A partir daquele momento já não somos cidadãos para todos os efeitos. Antes de embarcar no comboio, somos revistados como criminosos, um a um. (...) Chegados a Génova (às 5 da manhã), uma das poucas notas positivas. O alojamento é num campo desportivo transformado em campismo. O clima é espectacular. Milhares de pessoas dormem lado a lado, nos sacos-cama, ainda com as imagens da manifestação pacífica de quinta-feira 19 nos olhos. Sente-se a vontade de partilhar uma experiência importante e a esperança pelo dia seguinte.

**Sequência 2.** Sexta-feira as várias associações vão encontrar-se dis-

partir daquele momento já não somos cidadãos para todos os efeitos. Antes de embarcar no comboio, somos revistados como criminosos, um a um. (...) Chegados a Génova (às 5 da manhã), uma das poucas notas positivas. O alojamento é num campo desportivo transformado em campismo. O clima é espectacular. Milhares de pessoas dormem lado a lado, nos sacos-cama, ainda com as imagens da manifestação pacífica de quinta-feira 19 nos olhos. Sente-se a vontade de partilhar uma experiência importante e a esperança pelo dia seguinte.

300 a 400 dos Black Block vagueiam por Génova, quem os guia

por mão amiga, via internet. Não o conhecemos, mas o seu testemunho é eloquente.

João Vieira, dirigente da CNA, também não conhece Luigi, mas o seu depoimento dos dias passados em Génova corrobora em tudo o do jovem desconhecido. Vale a pena ler os seus relatos dos três dias que envergonharam Génova e meditar no que sucedeu.

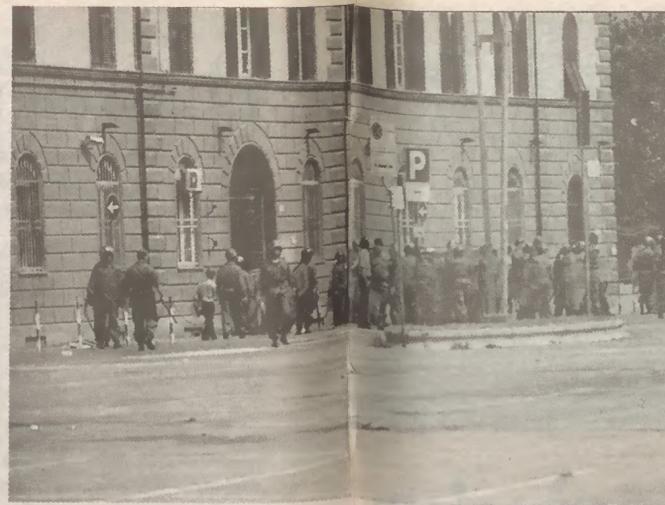
conhece perfeitamente a cidade: o seu percurso de destruição aponta para todas as praças temáticas onde se desenvolvem as iniciativas do movimento. É impressionante. Movem-se de forma militar, infiltram-se, os chefes dão as ordens e os outros agem. Depois chegam a Polícia e os Carabinieri que carregam indiscriminadamente, enquanto os Black desaparecem.

**Sequência 4.** Fim da tarde, por volta das 6. Não temos mais nenhuma notícia dos Black Block. Difunde-se o boato que os Carabinieri mataram um manifestante. Juntamo-nos na cidade-la do Genoa Social Forum, à beira-mar, somos quase 10 mil. Estamos todos exaustos, chegam notícias de dezenas de feridos nos hospitais e pelo menos o dobro que preferiram não se tratar para evitar a identificação. Chega Fausto Bertinotti [secretário-geral da Refundação Comunista] (único político que teve a coragem de apresentar-se) que consegue acalmar um pouco os ânimos. Queríamos voltar cada um ao seu parque de campismo, mas os responsáveis do CSF, do palco, continuam a implorar-nos para não sairmos da cidadela: a Polícia enlouqueceu e começou a bater em qualquer pessoa que se pareça com um manifestante.

(...) Sente-se o medo, as histórias de agressões violentíssimas multiplicam-se. Jovens e freiras choram. Tanta gente ferida. Um velho que chora com a cabeça enfaixada, é um operário metalomecânico reformado.

(...) Ficamos literalmente aprisionados por mais de 4 horas, até que chegam os autocarros que nos levam até aos parques de campismo, exaustos.

**Sequência 5.** Sábado de manhã começa a grande manifestação. Somos muitíssimos, 300 mil. O início é tranquilo, canções, danças, centenas de bandeiras, cores, várias línguas. Aqui estão ambientalistas, agricultores, associações de direito civil, gente comum, velhos e pais com os próprios filhos. A uma certa altura, sem razão nenhuma, a Polícia parte o desfile em dois, na Praça Kennedy. Do nada aparecem os do Black Block e explode o inferno. A Polícia começa a carregar



chão, em poças. Destroem todos os computadores do gabinete legal que contém dezenas e dezenas de testemunhos recolhidos durante os confrontos. Apreendem ou destroem todos os documentos com os testemunhos e todas as videocassetes com os filmes que provam as violências gratuitas da polícia durante as manifestações de sexta-feira e sábado. Durante a apreensão é impedida a entrada aos advogados, jornalistas, deputados, médicos e realizadores [de cinema] ali presentes.

Vittorio Agnoletto [porta-voz do CSF] e alguns deputados são agredidos. As famosas armas que foram mostradas em conferência de imprensa, sábado à noite ninguém as viu e mesmo assim teriam sido encontradas na outra escola revistada, que servia só como dormitório para os manifestantes.

Estes três dias foram um pesadelo e o pesadelo continuou quando vi os telejornais. À parte o TG3 e o TG2 (RAI), todos os outros passam notícias completamente manipuladas: é incrível. Peço-vos, não levem o sério o que dizem os media. Estão a virar a realidade do avesso.

Estou aterrorizado. Tenho medo. Começo a perceber o que aconteceu em Génova e tenho dentro uma raiva que me faz chorar. Os direitos mais elementares foram suspensos, a informação está completamente sob o controlo de quem quis e levou a cabo este massacre. Reflectam sobre este facto: antes de se mostrarem as imagens dos disparos em que foi morto o manifestante, a versão da polícia era que o rapaz tinha sido morto por uma pedra atirada por outro manifestante. Visto que muita da documentação recolhida pelo GSF foi destruída ou apreendida pela polícia, ficam só as versões do governo e das forças da ordem...

Chegamos ao Estádio Marassi, onde estão os autocarros para quem deve partir. Temos que ficar ali parados, mas no resto da cidade é uma autêntica guerra. Até mesmo ali, de repente, começam a chegar os gases lacrimogêneos e a carga da Polícia: contra gente parada, deitada à espera dos autocarros. As pessoas começam a correr e reagrupam-se o mais longe possível do fumo, mas todas as vias de fuga estão bloqueadas. (...)



### Terça-feira 17 de Julho

Deixam de circular os comboios com destino a Génova, até domingo, 22, à meia-noite. Todos os acessos por estrada estão controlados. Na semana anterior, o governo de Berlusconi criara um clima de pânico. A população saiu da cidade, outros foram de férias forçadas, poucos ficaram para testemunhar as cenas que iriam ocorrer.

Todos os estabelecimentos estão encerrados. Berlusconi proibiu aos hotéis o aluguer de quartos e proibiu a população estender a roupa nas varandas, conforme é hábito, pois não queria que isso chocasse os seus amigos do G-8. Apesar disso, para provar que há sempre alguém para dizer não, vi uma varanda com roupa estendida.

As manifestações passaram-se numa cidade praticamente deserta e dividida em duas zonas - a vermelha e a amarela - separadas com contentores para bloquear as ruas. Estavam criadas as condições para a violência que se seguiria.

A zona vermelha era a zona inacessível, guardada por 20 mil polícias e militares. A amarela era aquela onde teoricamente era possível manifestar-se mas que, ao mesmo tempo, constituía uma ratoeira. Nessa zona a polícia estava ausente, ficando propositadamente entregue aos cerca de dois mil *tutti-neri*, *anarcas*, *black block*, *black dogs*, que assim puderam dar largas à sua imaginação, partindo e incendiando o que puderam e atacando os manifestantes que efectivamente lá estavam contra a globalização capitalista.

Sabe-se hoje que esses grupos eram

## A Cimeira do terror e da hipocrisia

• João Vieira

essencialmente compostos por nazis, vestidos de negro, oriundos de Itália, Alemanha, Inglaterra, e enquadrados pela polícia. Vendo-se alguns a falar com a polícia, a entrar ou sair dos carros da polícia de choque, não foi difícil perceber que as acções estavam planeadas com a polícia italiana.

De resto, isso ficou claro quando a polícia não deixou entrar um grupo grego que vinha manifestar-se pacificamente mas foi particularmente permissiva para com aquela rapaziada vestida de negro, cujo objectivo não era o de se manifestar contra aquilo que representa o G-8.

### Quinta-feira 19 de Julho

A primeira grande manifestação, com 60 mil pessoas, para chamar a atenção sobre os problemas da emigração clandestina, do fascismo e da xenofobia, decorre sem incidentes e até com a alegria própria desses momentos.

Apenas um pormenor, cuja importância viria a determinar os acontecimentos dos dias seguintes: aquela rapaziada vestida de negro dos pés à cabeça, com a cara tapada com máscaras de couro negro, feitas a propósito, seguiam na cauda da manifestação, gritando já palavras de ordem em tons ameaçadores, em várias línguas. Essa passa a ser a sua tática: em cada manifestação põem-se na cauda do cortejo, quebram tudo e incendiam, atraem a polícia em uniforme, atacam os manifestantes que se opõem ao que eles fazem, gerando a confusão, o pânico e a violência e culpabilizando, assim, todos os manifestantes pela destruição e fornecendo a matéria-prima desejada por Berlusconi: imagens da violência para a televisão. De resto, a cobertura feita pela comunicação social italiana foi uma vergonha, era como se se tivesse voltado aos tempos do Duce, do estilo «o Povo de Seattle já estava contente porque tinha o seu mártir e a destruição», enquanto o «capo di governo», Berlusconi, se esforçava para obter um acorizamento para ajudar os países pobres...

Sabe-se hoje que esses grupos eram

### Sexta-feira «negra» 20 de Julho

Sexta-feira foi o dia de maior violência com o jovem assassinado e muitos feridos graves. Várias manifestações de diferentes sectores da sociedade civil desenrolam-se na zona amarela. Naquela em que participei com José Bové, escapámos por uma unha negra às barras de ferro dos *black dogs*. Ao José Bové, ainda se aproximaram dois deles, enchendo-lhe a cara

com espuma de fazer a barba (como um aviso). Os 2 mil *tutti-neri* dividiram-se para terem um grupo em cada manifestação, comprovando que a sua acção era planeada e comandada.

Não menos importante é dizer que as centrais sindicais italianas não participaram nas manifestações, alegando que o faziam noutras ocasiões. Sem dúvida, prestaram um bom serviço a Berlusconi. Participaram nas manifestações a Refundação Comunista e os Verdes/Liberais, ainda que, estes, com algum oportunismo. Os D.S., ex-PCI, não participaram.

À noite, houve reunião para análise dos acontecimentos e preparação da grande jornada de sábado.

### Sábado 21 de Julho

É o dia da grande manifestação conjunta. Mais de 300 mil pessoas oriundas de vários países protestam em Génova contra o G-8 e o neoliberalismo: é a resposta às provocações dos dias anteriores e ao assassinato do jovem pela polícia.

Durante a manifestação subemos que o G-8 tinha suspendido a reunião cerca das 15 horas de sábado, para recomeçar daqui a uns tempos nas montanhas rochosas do Canadá. Foi uma explosão de alegria, era a primeira vitória!

Mas... Berlusconi e o ministro do Interior italiano não se deram por vencidos. E, quando se podia pensar que já estava tudo acabado, que o pior tinha passado, à meia-noite, a polícia em uniforme invade a escola onde estavam a funcionar os serviços de secretaria do Genoa Social Forum, com algumas pessoas já a dormir, bateram e feriram indiscriminadamente. Era sangue por todo o lado. 70 pessoas gravemente feridas tiveram que ser hospitalizadas. As pessoas que se aproximaram para ajudar, entre elas médicos, advogados e deputados, foram impedidas de entrar, numa operação ao mais puro estilo fascista. Partiram todos os computadores, levaram as disquetes, levaram todas as videocassetes, filmes e fotografias, agendas pessoais, listagens de organizações e moradas.

Porquê esta vergonhosa operação, se já estava tudo acabado? Porque estavam lá as provas do que nestes dias se tinha realmente passado em Génova, sendo que, certamente, as pistas iriam dar ao mais alto nível.

A televisão italiana não passou nada sobre a grande manifestação de 300 mil pessoas, apenas caluniou, mostrou carros queimados, montras partidas. Qual foi a informação dada à opinião pública da União Europeia sobre o que realmente se passou neste Estado-membro? Apenas imagens que chocam; informação não existiu.

Estamos humanos. Génova pode ter sido um ensaio.

## As frases

• Berlusconi

Quem está contra o G8 está contra o Ocidente.

• Bush

Quem está contra o livre mercado está contra os pobres.

• Miguel Urbano Rodrigues

Por terras da Colômbia (1)

# A guerrilha das FARC

## é hoje um exército popular revolucionário

**E**m Junho, concretizei uma velha aspiração. Tive a oportunidade de conviver durante semanas com combatentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército Popular. Vivi o dia-a-dia dessa guerrilha legendária num acampamento instalado algures, no ocidente da Amazônia colombiana. Corri pelas pistas encharcadas de regiões que são há décadas cenário do conflito cruel que uma oligarquia anacrônica impõe ao povo por ela oprimido e desprezado. Fui testemunha do acto de entrega à Cruz Vermelha Internacional de 242 prisioneiros de guerra pelas FARC-EP, em gesto humanitário unilateral. Falei com Manuel Marulanda, herói da América Latina, e com outros comandantes das FARC. Neste artigo e nos próximos tentarei transmitir aos leitores do «Avante!» um pouco do que vi, ouvi e senti nesses dias intensos como espectador da história em movimento.



Na Macarena, as FARC provaram que a guerra as tornou mestras na arte do improvisado.

La Macarena é um pequeno *pueblo* do Departamento do Meta, na linha divisória das águas que correm para as bacias de dois rios gigantes, o Orenoco e o Amazonas. A província, quase tão grande como Portugal, mal alcança os 700 000 habitantes.

Para ali chegar, o carro todo-o-terreno em que eu viajava gastou mais de quatro horas na travessia de densas selvas e de pradarias em que pastavam rebanhos de milhares de bovinos. A estrada é recente; foi aberta pelas FARC-EP. Antes, o acesso à Macarena só era possível por avião ou canoa.

O sol não havia ultrapassado as copas das grandes árvores da floresta quando entramos no recinto preparado para a entrega dos prisioneiros à Cruz Vermelha Internacional. O vasto terreno rectangular, que lembrava a pista de um hipódromo, oferecia um espectáculo inédito. Uma frágil vedação separava a multidão de civis – talvez umas três mil pessoas,

na maioria camponeses da região e gente chegada de outros Departamentos – da área onde se concentravam as tropas das FARC-EP.

Um comandante avaliou o total de combatentes mobilizados para a jornada em 4000. Esses guerrilheiros, homens e mulheres, tinham vindo de múltiplas Frentes (as FARC actuaem hoje em mais de 75). A chuva, por vezes torrencial, transformara o solo num lodaçal vermelho. Para surpresa dos visitantes estrangeiros não afectou a organização. O Programa cumpriu-se com atrasos mínimos. Os embaixadores da Comissão Facilitadora, quase todos europeus, ocuparam, ao lado do comandante Manuel Marulanda, do Alto Comissário para a Paz, representando o Presidente da República, de dirigentes das FARC-EP e de alguns convidados especiais, uma tribuna especialmente construída para a solenidade. Os prisioneiros, envergando uniforme, entram pela pista principal, caminhando lentamente e, sentados ou de pé, ficaram situados em frente da tribuna.

Eram 242, soldados ou polícias, todos capturados em combate. Por si só a concentração na Macarena dos prisioneiros foi uma proeza. A Colômbia é doze vezes maior do que Portugal. E os prisioneiros, vindos de todos os azimutes, para ali chegarem, escoltados por destacamentos guerrilheiros, passaram pelas barbas do inimigo, cruzando montanhas, rios e selvas.

Os altifalantes saíam em fluxo ininterrupto informações úteis. Do patamar de uma alta torre de madeira construída para os jornalistas, o panorama, deslumbrante, funcionava como estímulo à imaginação. A realidade, ali, ia além da fantasia.

Uma unidade das FARC desfilou em parada, no terreiro, numa demonstração do alto nível de profissionalismo do Exército Popular. Apesar da chuva e da lama, aqueles jovens, impecáveis nos seus uniformes de campanha, calçando botas pantaneiras e ostentando nos ombros as cores da Colômbia e o escudo das FARC, marchavam com passo firme, ritmo. Nas mãos de cada um, o fuzil, companheiro inseparável na interminável e dura guerra que travam por uma Colômbia democrática e soberana.

O eco das canções da guerrilha e de poemas revolucionários difundidos pela instalação sonora subia para o céu de chumbo, perdia-se na espessura da selva verde. O povo acompanhava o estribilho das mais populares. Muita gente cantou o hino das FARC-EP.

O desfile das bandeiras foi acompanhado com emoção. Além dos estandartes das FARC e do Movimento Bolivariano para a Nova Colômbia, apareceram, empunhadas com orgulho, as bandeiras do Partido Comunista Colombiano, sujeito de um combate heróico, irmão na luta da guerrilha. Três bandeiras comunistas e não uma só surpreenderam os estran-

geiros presentes. A diversidade resulta da ferocidade das perseguições de que foi e continua a ser alvo. Ali estavam, presentes, o Partido Comunista legal, o Partido Comunista da reserva e o Partido Comunista clandestino, na prática ramos da mesma organização revolucionária.

O sentido da fraternidade marcava a atmosfera. Aos prisioneiros foi dedicada uma canção, em atitude simbólica a recordar que eles são, afinal, filhos do povo, usados como instrumento para combater a sua própria gente, transformados em mercenários da oligarquia e do imperialismo norte-americano.

Lidos os nomes dos prisioneiros – prisioneiros de guerra e não reféns, nem militares sequestrados por assassinos e bandidos como à mesma hora, monocórdicas, repetiam as rádios de Bogotá, deram insultos sobre as FARC-EP – a cerimónia da entrega à Cruz Vermelha foi rápida. A partir daquele momento passaram a ser homens livres.

Ninguém arredou pé. E não era fácil aguentar o dilúvio, interrompido por breves minutos de um sol quente. Por três vezes fiquei encharcado até aos ossos; por duas vezes me secou a roupa no corpo, para logo ficar outra vez ensopada.

### Mensagem das FARC ao mundo

O grande momento político da jornada foi a leitura pelo comandante Joaquin Gomes (a quem falei do seu homónimo português) do Documento que ali, da Macarena, *pueblo* da Zona Desmilitarizada, o Estado Maior Central das FARC-EP dirigiu ao mundo, ao povo e aos que na Colômbia ocupam o Poder.

Radiografia da crise do regime oligárquico, essa Mensagem das FARC (seis páginas densas) está impregnada do profundo desejo de paz social que se encontra na raiz do seu combate.

Transcrevo um parágrafo que impressionou particularmente os convidados estrangeiros.

«22 milhões de colombianos vivem na pobreza, 8 milhões mais subsistem em miséria absoluta, 6,5 milhões de crianças vivem em situação de pobreza e 1,2 milhões na miséria. A taxa de desemprego está em 25%, segundo estudos das Centrais Operárias, afectando mais de 4 milhões de colombianos; outros 4 milhões de trabalhadores vivem da economia informal; 2,5 milhões de jovens abandonaram as escolas no ano anterior para engrassar o número de compatriotas que procuram trabalho; 2 milhões de famílias camponesas carecem de terra para trabalhar; os deslocados são já 2 milhões, os exilados ultrapassam um milhão; 12 milhões não dispõem de água potável; 800 mil estão prestes a perder a casa por dívidas ao sec-

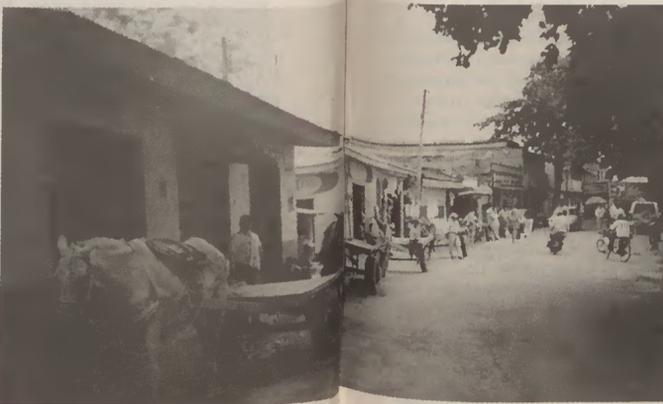


tor financeiro; o défice fiscal aumentou 76% no que vai do ano, e equivale a um bilião e oitocentos mil milhões de pesos; as despesas públicas continuam incontroláveis e a recessão económica aprofunda-se segundo os números dos sectores produtivos.»

O país tem hoje 42 milhões de habitantes. As FARC não exageram nesse esboço da tragédia colombiana. E no horizonte imediato não se abre um clarão de esperança. Os candidatos principais à Presidência – como salienta o documento – «somente se diferenciam entre si pela data em que viajaram aos EUA para explicar o Plano Colômbia em inglês, porque em espanhol não o entendem».

São porventura maximalistas as reivindicações das FARC? Não.

«Ante a magnitude da crise política – assim consta do Documento de La



Macarena – as FARC-EP reiteram ao povo colombiano e à comunidade internacional o seu franco propósito e disponibilidade para chegar, na Mesa Nacional de Diálogo, com a urgência que o país exige, a acordos em aspectos fundamentais como são o económico e o político e propõem um **Governo de Reconciliação e Reconstrução Nacional**, isto é um governo democrático, pluralista, soberano.

### Marulanda entre embaixadores

A guerra tornou as FARC mestras na arte do improvisado. A jornada de La Macarena confirmou essa realidade.

Não longe do terreiro da parada e da tribuna, foram montadas instalações de todo o tipo adequadas aos objectivos de uma iniciativa humanitária e política de repercussão internacional. Nas clareiras da floresta subiram da terra construções provisórias, caracterizadas pela leveza dos materiais.

Houve três refeições quase simultâneas. As FARC-EP tiveram o rancho

habitual, melhorado. Os milhares de civis presentes participaram num almoço que lhes foi oferecido (300 porcos foram abatidos para que não faltasse carne).

O representante do Presidente, os embaixadores presentes e os convidados especiais reuniram-se com os principais dirigentes das FARC-EP num restaurante erguido para o efeito, aberto dos lados e coberto por um telheiro.

Não é fácil transmitir a atmosfera. O alto comissário para a Paz, homem do presidente que ali representava, esforçou-se para parecer descontraído. Mas não conseguiu. Sempre polido, deixava transparecer uma grande tensão. Não era caso para menos. Camilo Gomez – assim se chama – não podia esquecer que tudo naquele almoço, desde o ambiente de intimidade à natureza das conversas, configurava uma grande derrota política para o seu governo.

importantes polarizaram a atenção do povo e dos observadores internacionais. No Putumayo, um Departamento amazónico onde o governo começou, com tropas especiais, a aplicar o Plano Colômbia, uma unidade das FARC-EP havia atacado e destruído uma base militar do Exército (35 mortos, 20 prisioneiros e numerosos feridos) sofrendo apenas duas baixas. Transcorridos dias, em Bogotá, quase uma centena de presos, entre os quais alguns destacados guerrilheiros, tinham-se evadido do presídio de La Picota em Bogotá numa operação iniciada com a explosão da muralha exterior. Os presos estavam bem armados e o fogo contra a guarda do presídio foi convergente. As FARC atacaram de fora.

Os embaixadores manifestavam uma natural curiosidade por ambas as operações. Jorge Briceño, *el mono joyoy*, um comandante cujas proezas militares fizeram dele o pesadelo dos generais, era assediado com perguntas.

Os jornais e a televisão em Bogotá tinham reagido histericamente aos acontecimentos do Putumayo e de La Picota. Simulavam esquecer que o Diálogo de Paz, que se desenvolve entre o governo e as FARC, não interrompeu a guerra. Isso não impediu que dos sectores mais reaccionários da oligarquia e do Exército se elevassem clamores, exigindo uma mudança da política de Pastrana. Não faltou quem sugerisse a invasão imediata da Zona Desmilitarizada. Alguns analistas identificaram na operação de La Picota o prólogo de uma nova estratégia das FARC, que leve a guerra às cidades através da sua rede urbana clandestina.

Estará em causa o problema do Poder a médio prazo.

É um facto que o Estado colombiano apresenta sintomas alarmantes de desagregação. Nem por isso é menos perigoso. Reage como um tigre ferido.

### Um sonho revolucionário

No almoço de La Macarena troquei impressões com alguns dos embaixadores europeus. Registei que coincidem num ponto: Washington teme que o Estado colombiano se desagregue. E o medo do caos, obsessivo, estimula as tendências intervencionistas.

Os comandantes das FARC-EP evitam comentar o tema. Mas Bogotá naqueles dias era um vespeiro de especulações.

As FARC-EP libertaram todos os soldados e polícias em seu poder. Mas reafirmaram categoricamente que 47 oficiais e sargentos permanecerão como prisioneiros de guerra enquanto o governo não tomar medidas que permitam a sua troca por combatentes guerrilheiros encarcerados.

Comentando a situação, Jorge Briceño, o meu estilo directo, declarou numa entrevista que, se o Executivo não mudar de atitude, as FARC tudo farão para

Guerrilheiros das FARC em parada militar, à esquerda, e o comandante Alfonso Cano, do Secretariado do Estado Maior Central das FARC, à direita



arrancar dos presídios os seus camaradas. E, se necessário, para forçar a mão do governo, reterão senadores, deputados e autarcas.

A gritaria, como era inevitável, aumentou. Os colonistas da ultradireita reforçaram os apelos à guerra santa contra o inimigo odiado – uma organização guerrilheira que ousa publicar leis, como aquela que estabelece um imposto de 10% sobre os lucros das empresas ou pessoas com bens superiores a um milhão de dólares.

Para mim, a jornada de La Macarena foi por muitos motivos inesquecível. Com os comandantes das FARC, revolucionários profissionais de larga trajectória, o diálogo é fácil e enriquecedor. Aproveitei a oportunidade para esclarecer dúvidas e aprofundar o debate de questões ideológicas fascinantes.

Emocionou-me, como é natural, saudar Manuel Marulanda, o combatente legendário que há mais de meio século pegou em armas e surge hoje como símbolo de uma guerrilha que se transformou em Exército Popular.

Naquele dia e naquele lugar perdido na selva comoveu-me ouvi-lo, com a sua voz arrastada de camponês da cordilheira, perguntar por Álvaro Cunhal e recomendar que lhe transmitisse e à direcção do PCP as suas saudações fraternais.

Sei que a tragédia colombiana continua a ser quase ignorada pela maioria da humanidade. Mas, pouco a pouco, a luta das FARC-EP começa a romper a cortina do silêncio e o labirinto da mentira.

Hoje, mesmo em Washington, no próprio *establishment* levantam-se já vozes alertando para uma evidência: a oligarquia colombiana, financiada e armada pelos EUA, não conseguirá derrotar militarmente as FARC-EP.

Li nos jornais de Bogotá um capítulo do último livro de Henry Kissinger dedicado à Colômbia. Merece reflexão que alguém como esse frio e cínico político

advirta a Casa Branca de que deveria trabalhar para um desfecho sem vencedores nem vencidos. Kissinger conclui que «os EUA não devem cruzar a linha de uma simples assessoria» (?). A velha raposa teme que a intervenção militar directa conduza a um novo Vietname.

Kissinger não parece, contudo, perceber que uma solução consensual tipo Guatemala ou El Salvador não é viável na Colômbia. As FARC-EP não são um interlocutor que aceite entregar as armas.

As semanas vividas num acampamento guerrilheiro reforçaram em mim essa certeza. Encontrei ali a resposta a uma pergunta que nos últimos anos me formulavam amigos e camaradas: por que se batem as FARC-EP, por que luta e morre aquela gente?

Os jovens combatentes com quem convivi alguns na selva amazónica são a imagem e o projecto de uma Colômbia idealizada. É compreensível que sejam odiados pela outra Colômbia.

Uma manhã, caminhando pelas ruas estreitas da Candelária, o velho bairro colonial de Bogotá, impressionou-me verificar que os belos palácios e casarões setecentistas da cidade, num cenário onde a imaginação nos faz rever Bolívar e Sucre, Narino e Jose Maria Cordoba – são hoje morada de gente pobre, domésticas e operários. Os antigos proprietários, os senhores da classe dominante sentiam-se mal no caso histórico, apesar da sua beleza e encanto. Fugiram dali. É natural. Na Candelária, cada pedra, cada pórtico estão impregnados de história. E a oligarquia, estrangeirada e globalizada, corrupta, odeia o seu próprio povo e teme-o.

A Colômbia das FARC-EP é a do sonho revolucionário de Bolívar, actualizado.

(?) Does America Need a Foreign Policy, Henry Kissinger, Simon & Schuster, Junho de 2001.

## Defesa Nacional e Forças Armadas

# Que opções são estas?

• Rui Fernandes

**L**emos as notícias e a indignação vai-se apoderando de nós. Lemos que a fragata «Corte Real» zarpou para integrar a esquadra permanente da NATO. E que tem isto de especial? Não é assim há anos? Continuamos a ler e deparamo-nos com o seguinte título: «Navios da Marinha regressam à base por dificuldades financeiras.»

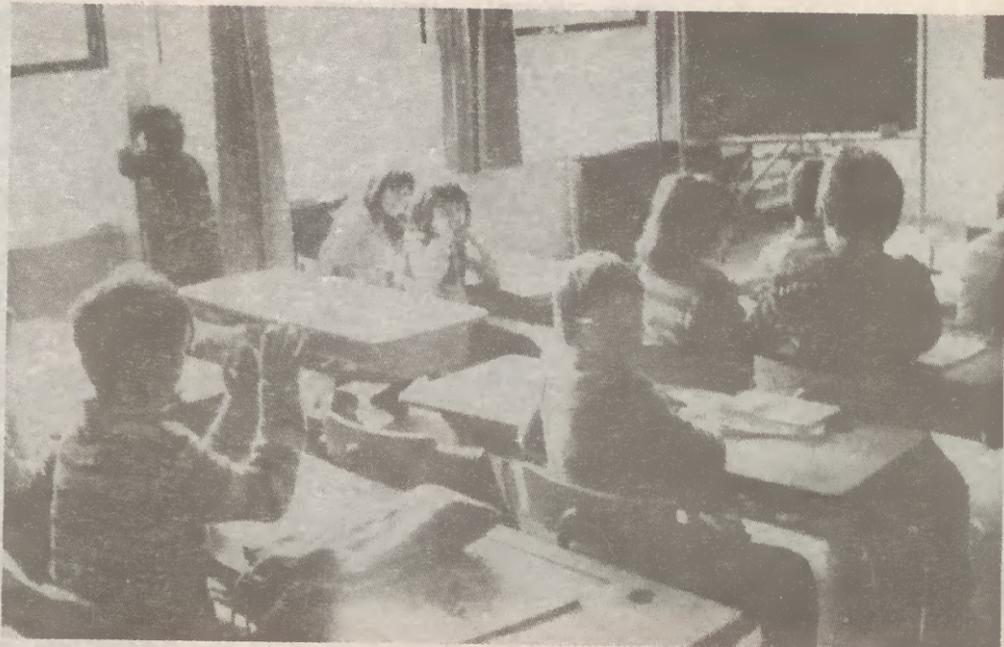
Prosseguimos a leitura da notícia e ficamos a saber que os cinco navios empenhados em viagens de instrução de cadetes têm de suspender as viagens por falta de verba. Ao que chegámos. Que Oficiais da marinha se estão a formar se a componente navegação é cortada? Os cadetes que se estão a formar como futuros oficiais da marinha podem ser os mais brilhantes alunos de sempre, mas nada pode substituir a experiência da navegação. Esta é uma verdade aqui, como o é nos pilotos, etc.

Não queremos cair em exageros e sobretudo em considerações injustas, mas por este caminho, aliado à redução prevista do número de navios, cabe perguntar: será que estamos no limiar de uma marinha de secretária? E que consequências vão ter este tipo de opções na futura carreira destes jovens? Daqui a 10 anos quando forem objecto de avaliações vai ser tido em conta aquilo a que agora foram sujeitos, ou seja, a deficiente preparação? Se no curso de formação está estipulado um determinado número de horas de navegação, é porque esse é o número mínimo considerado adequado à formação e treino de quem frequenta tais cursos. Que opções são estas que privilegiam a presença na NATO e sacrificam o futuro? E nem, neste caso, chega o discurso (verdadeira cassete) da «imagem externa de Portugal», porque o que estarão a dizer os congéneres ao saberem que Portugal suspendeu as viagens de instrução de cadetes por falta de verba? E não afecta esta e outras decisões do tipo, a imagem da Instituição? Ou será que só afecta a imagem da Instituição as reivindicações dos militares? O que pensa o P.R. e Cdt. Supremo das Forças Armadas de tudo isto? E chamamos aqui pelo P.R. porque quanto ao Governo é óbvio o que pensa. Decisões deste tipo não acreditamos que sejam tomadas pelo Almirante CEMA sem informação prévia ao Governo. E cabe, por fim, mais uma pergunta: aceita o CEMA continuar no cargo para executar tais opções?

O Governo não pode continuar a tratar as FA's desta maneira comprometendo simultaneamente o futuro. É preciso, é urgente, que os portugueses tomem consciência das profundas consequências do prosseguimento desta política. Consequências que, nalguns casos, só produzirão o seu efeito daqui a alguns anos.

E não pode continuar a dar para a opinião pública a imagem de que as FA's esbanjam. O recente anúncio de extinção de dezenas de comissões/grupos de trabalho, das quais metade são da área da Defesa, extinção essa apresentada como exemplo que vem de cima com vista à poupança, constituiu mais uma mera operação de cosmética. O que verdadeiramente o Governo fez foi uma «limpeza de ficheiros». E pode ser que esta limpeza prenuncie outro tipo de limpezas. A limpeza desta política.

• Luísa Mesquita



A língua portuguesa e a sua presença no mundo

# Muitas promessas, pouca intervenção

(conclusão)\*

**Q**uer no Canadá quer nos Estados Unidos, muitas são as crianças e os jovens com vontade de aprender o Português, mas, para estes países, nunca foram deslocados professores.

Aqui, são os pais, as associações, as diversas instituições privadas e os muitos centros portugueses de cultura que pagam aos professores o que podem para garantir a continuidade do ensino do Português e o conhecimento da Cultura Portuguesa.

A esmagadora maioria dos professores de Português no estrangeiro, cerca de 92%, está concentrada na Europa.

Segundo os últimos dados oficiais do Ministério da Educação, dos 589 professores disponibilizados pelo Governo português, a Europa recebeu 538, distribuídos por nove países.

O continente africano detém os restantes 51 professores.

Nos outros continentes não existem docentes de Língua e Cultura Portuguesas colocados pelo Ministério da Educação.

No continente americano a comunidade portuguesa e luso-descendente não compreende porque foi esquecida, não compreende que o governo português faça letra morta do texto constitucional.

Sentem-se portugueses de segunda. Pagam os seus impostos nos países que os acolheram, enviam vultuosas verbas para o seu país de origem e consideram-se ignorados por ambos.

A situação é deveras inqualificável. Os professores, com qualificação académica para o processo de ensino-aprendizagem do português, são cada vez menos.

Quanto ao material didáctico, só se obtém aquele que a própria comunidade compra, quando vem a Portugal, ou então aquele que os governos dos países de acolhimento ainda vão fornecendo, tecendo simultaneamente duras críticas ao alheamento do Governo português.

A maioria, senão a totalidade das escolas que visitámos, a funcionar na

dependência dos múltiplos esforços das comunidades, não têm sequer um mapa actualizado de Portugal, um dicionário, uma gramática ou uma bandeira.

Vi mapas das décadas de 40 e 50.

Inúmeras vezes solicitaram este material pedagógico ou didáctico aos diferentes governantes que por lá foram passando.

Inúmeras vezes ouviram promessas de que o iriam receber.

Mas não passou disso mesmo, promessas.

Em muitas escolas o português é ensinado com a ajuda de manuais brasileiros e com professores brasileiros.

Não há nenhuma universidade no Canadá francófono que tenha um programa de estudos portugueses, apesar do interesse das instituições universitárias e dos governos provinciais.

Em Montréal, restaurou-se o leitorado mas o leitor não recebia salário há nove meses.

Particularmente nos Estados Unidos, assiste-se a um desinvestimento anual, muito significativo, por parte de alguns governos Federais relativamente ao ensino do Português nas escolas públicas, fazendo-o substituir por outras línguas de outras comunidades, mais recentemente chegadas, mas cujos governos se mostram mais empenhados na defesa e no ensino das respectivas línguas e culturas.

### Português não é prioridade

Segundo os representantes da comunidade portuguesa, os compromissos assumidos pelo governo dos Estados Unidos, quando do acordo das Lages, assinado em 1995, relativos à educação nunca foram cumpridos.

Entretanto, esta semana, exactamente a 12 e 13 de Julho, na continuidade dos

compromissos assumidos pelo Grupo de Trabalho, realizar-se-á, na Assembleia da República, um colóquio com um conjunto muito diferenciado de interlocutores que abordarão o tema – a Língua Portuguesa no Mundo.

Será, com certeza, mais um momento e um espaço de discussão importante mas insuficiente se as acções não forem anunciadas e concretizadas, tendo em atenção a realidade já de todos conhecida.

Actualmente o diagnóstico é muito mais claro.

A ausência de políticas adequadas fizeram decrescer gradualmente as ofertas de formação destinadas às comunidades portuguesas e de luso-descendentes, quer na Europa quer em África.

A Língua e a Cultura Portuguesas deixaram de ser uma prioridade para a governação socialista.

No resto do mundo, quer o ensino da Língua, quer a difusão da Cultura Portuguesas dependem das boas vontades das associações de emigrantes, das comunidades locais e das confissões religiosas.

Se na Europa e na África o Governo revela um interesse decrescente por estas áreas, nas outras regiões nem sequer investe.

Naturalmente que ainda não percebeu ou não quis perceber que o prestígio de Portugal no Mundo é indissociável da afirmação da Língua e da Cultura Portuguesas.

Naturalmente que ainda não percebeu ou não quis perceber que o ensino da Língua e da Cultura Portuguesas nas comunidades lusas é um investimento necessário para o presente e para o futuro da relação de Portugal com essas comunidades e também para o próprio desenvolvimento do País.

(\*) Intervenção (conclusão) no encontro promovido pelo PCP, a 9 de Julho, em Lisboa, sobre «A Língua portuguesa e a sua presença no mundo»

## Comunicação

• Francisco Silva

**H**á uns três, quatro anos, tendo a adesão à Internet começado a atingir proporções que o justificavam, desatou a falar-se sobre comércio electrónico, nomeadamente portas adentro dos círculos dos negócios mais virados para as coisas ciberespaciais e para a «nova economia».

Nessas proporções «de mercado» entravam já umas dezenas de milhões de utilizadores, a maioria deles norte-americanos, e entrava, mais ainda, a suspeita da sua inclinação para experimentarem a realização «virtual» - termo na moda, mas utilizado com falta de rigor semântico - das mais diversas actividades do dia a dia no ciberespaço. Isto é, a partir do teclado de onde, digitando, acediam, e acedem, à Internet e aos *sites*-montras interactivos disponibilizados pelas mais diversas entidades.

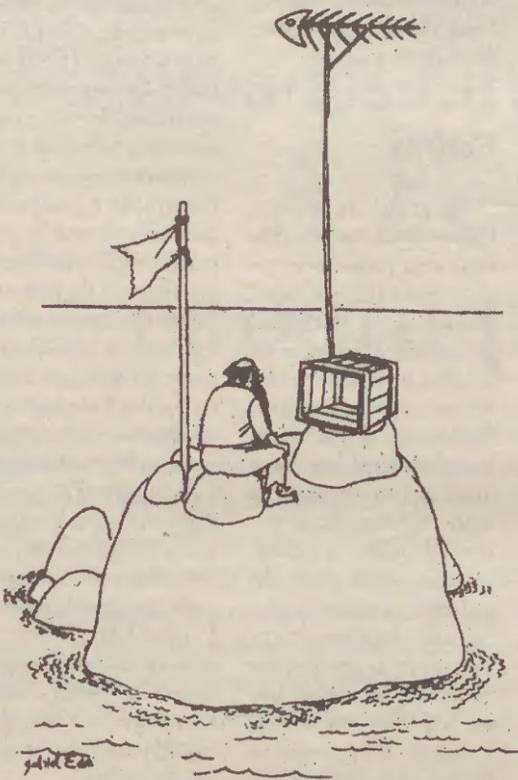
E, como de costume, em alturas de novidades para as quais não existem (ainda?) palavras novinhas em folha, os mais dados a uma semântica estrita, e, muitas vezes, rígida, comentaram: comércio electrónico? Olha a novidade! Quantos dos nossos pagamentos não são já processados electronicamente e à distância, bastando, para tal, autenticar a nossa identidade por meio dos nossos cartões de plástico, sejam de débito sejam de crédito. Querem outro exemplo? O caso dos pré-pagamentos das chamadas de telemóvel. Carrega-se electronicamente o «cartão» com dinheiro, aliás carrega-se o local do nosso número de identificação - sempre a autenticação do subscritor -, vai-se utilizando o telemóvel, e gastando o dinheiro. E, chegando a altura, efectua-se mais uma recarga. Já está.

Contudo, o conceito de comércio electrónico, de *e-commerce*, que foi emergindo envolve não apenas o pagamento de transacções através de meios electrónicos. Envolve a consulta de «catálogos» - na verdade, as palavras que utilizamos já existiam! - presentes no ecrã do computador e disponibilizados nos *sites*-montras dos comerciantes; envolve a escolha dos produtos desejados, bens ou serviços; envolve o pagamento dos encomendados, as mais das vezes por intermédio do fornecimento do número de um cartão de crédito (aqui colocando-se a problemática da questão da segurança das transacções); e envolve o envio e a recepção do bem ou a prestação e o usufruto do serviço. No caso da transacção ser de um bem, se este se manifestar de forma tangível - caso dos vinhos, dos automóveis, dos discos ou dos livros - terá o bem, digamos, o conjunto dos seus átomos, de ser transportado até ao cliente, que ficará à espera de receber a respectiva encomenda. Sendo um bem intangível o procurado - uma música, um texto, um programa de computador -, o cliente receberá a sua encomenda através do seu computador. E, para usufruir dela, poderá transformá-la, ou não, de bem intangível num bem tangível. Por exemplo, ou lê o texto enviado no ecrã ou manda imprimi-lo e lê-o inscrito em papel.

### A ver vamos

Descrito o comércio electrónico do modo como fizemos até aqui, a pergunta poderá ir no sentido de se querer saber se nos estamos a referir apenas às transacções que envolvem o

## Comércio electrónico



utilizador final - o consumidor - e o retalhista que lhe vende os bens ou fornece os serviços. Porque existe ainda a outra parte das transacções, a do comércio grossista e, mais, a parte das relações de fornecimento de empresa a empresa. Ainda por cima, dirão os mais atentos, e com acerto, sabendo-se que, por agora, o volume de transacções de comércio electrónico nesta área é, de longe, superior ao volume implicado nas transacções entre retalhista e consumidor. Ou, utilizando o jargão dos tais círculos do *e-commerce*, a importância económica do B2B (*business-to-business*) ultrapassa claramente a do B2C (*business-to-consumer*). Aliás, o B2B teve precursores pré-Internet, de que o EDI (1) é o exemplo mais conhecido. Com efeito, cedo se compreendeu que o uso das comunicações mediadas por computador podia desempenhar um papel-chave na redução dos custos das transacções. No entanto, a prática é mais complicada... segurança, assinaturas electrónicas, toda uma maneira diferente de fazer as coisas, onde a confiança nos papéis é confrontada com a confiança nos computadores.

Entretanto, o conceito do comércio electrónico estendeu-se aos telemóveis e, mais recentemente, à televisão digital interactiva. São o *m-commerce* e o *T-commerce*, *m* de móvel e *T* de televisão. Devido às suas características, o esperado, dizem, é estas aplicações virem a contribuir para o crescimento do comércio electrónico retalhista. A ver vamos.

(1) EDI - Electronic Data Interchange.

## Pontos Naturais

• Mário Castrim

### Coversando

#### Salmo

Olha as tuas ovelhas  
no prado.

Comem a farta relva  
que vieste encontrar.  
Quem a regou?  
Pois quem pensava em ti.

Já deste a entender isto  
às tuas mãos?

#### Saiba que...

Camões.  
Está provado  
que existiu.  
Coisa aliás que Deus  
ainda não conseguiu.

#### Infantil

Tenho três bonecas.

Uma chama-se Lai.  
Outra chama-se Suka.  
A outra chama-se Inês.

Lai veio de Pequim.  
Suka veio de Luanda.  
Inês veio de Santarém.

Inês é branca como o leite.  
Suka é negra como o chocolate.  
Lai é amarela como a gema.

Dormem todas no mesmo quarto.

Tenho três bonecas  
e todas me chamam mãe.

#### Autocrítica

Este poema sabe que vai acabar  
daqui a vinte e cinco versos.  
Nem mais um.

Disse-me Deus: «A minha prenda  
são vinte e cinco versos. Pois faz deles  
o que quiseres, na certeza porém  
de que hás-de prestar contas. O que tens  
para dizer, tu o sentes  
e eu também,  
é importante para a Humanidade.»

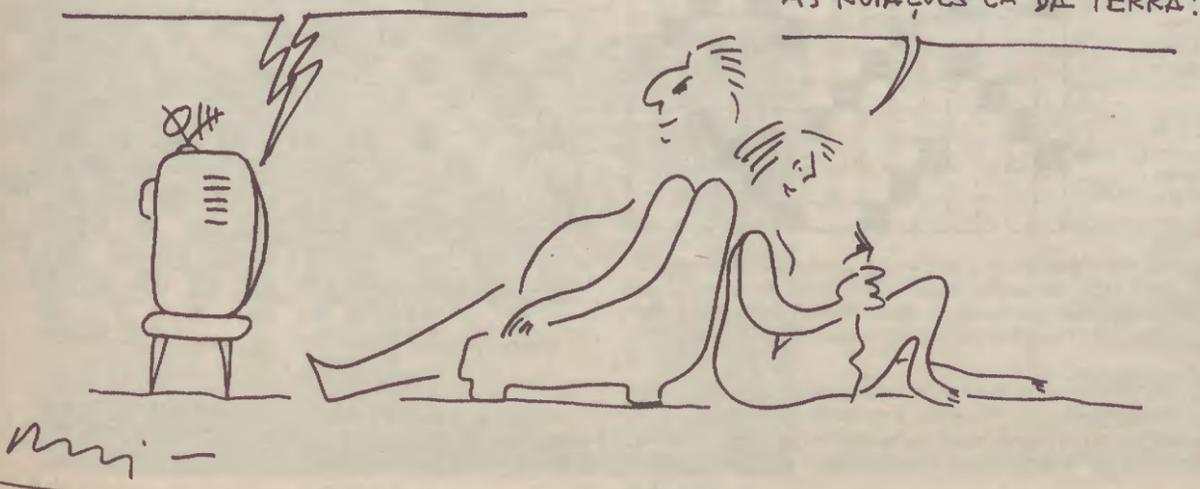
Sim, claro. O tempo urge  
como se dizia nos romances  
do século passado. É só beber  
um copo de água  
acabar de ler a última página  
do romance  
pousar a mão nos cabelos  
do filho que dorme  
ir ao supermercado com o rol  
para o jantar  
mas depressa, depressa  
se quero aproveitar  
o privilégio supremo  
os vinte e cinco versos  
da minha prenda.

## Cartoon

• Monginho

VÊNUS GIRA AD CONTRÁRIO!  
ASTROFÍSICO PORTUGUÊS  
TENTA EXPLICAR  
O INTRIGANTE MOVIMENTO  
DE ROTAÇÃO DO PLANETA  
VÊNUS.

COMPREENDO-O  
PERFEITAMENTE!  
DEVE SER MAIS FÁCIL  
EXPLICAR A ROTAÇÃO  
DE VÊNUS... DO QUE  
AS ROTAÇÕES CA' DA TERRA!



## Religiões

• Jorge Messias

O panorama político-religioso português pareceu animar-se, de há três meses para cá, com uma série de acontecimentos merecedores de reflexão.

O CADC (Centro Académico da Democracia Cristã), berço político de Salazar e Cerejeira, ganha novo impulso. O episcopado, habitualmente tão discreto em matéria política, irrompe em pleno palco e levanta rudemente a voz contra o Governo do católico de Guterres.

A UCP (Universidade Católica Portuguesa) traz a Lisboa os luminares católicos da globalização que procuram demonstrar não ser a acumulação da riqueza incompatível com o cristianismo.

# A Rosa dos Ventos (II)

O major-general da pastoral castrense emite declarações explosivas na linha da nota da conferência episcopal mas a um ritmo mais «personalizado».

Os ultras do padre Seabra regressam à cena e enfatizam a perenidade da teologia fundamentalista.

Bagão Félix, presidente da Comissão Nacional «Justiça e Paz» mas, também, homem das altas finanças e destacado membro da SEDES, fala, em Fátima, da ética empresarial cristã. A seu lado, senta-se a oradora do dia, Maria de Lurdes Pintasilgo (outro regresso), que aborda o tema da globalização na perspectiva da sua inevitabilidade e projecção ética.

Numa entrevista ao jornal «Público», a merecer uma atenção pouco usual por parte da grande informação, o cardeal-patriarca de Lisboa, membro da cúria romana, escolhe temas pacíficos, como a Concordata. Mas ao arrepio deste pretenso afastamento, D. José convida os «fazedores de opinião» (*opinion makers*) mais cotados no nosso mercado para uma reunião à porta fechada. Sobre a Concordata, é evidente, que nada há a acrescentar. A lei da liberdade religiosa foi promulgada e publicada, perante a complacência geral. Sem que alguém sequer tenha recorrido ao Tribunal Constitucio-

nal. Ao poder católico basta, agora, transportar sem alarido o seu conteúdo para as leis comuns portuguesas. O que virá a fazer-se. A questão teórica de novas dificuldades e resistências nem sequer se coloca. É líquido e evidente que quem até agora não lutou não terá futuramente outra atitude...

O governo da igreja está tranquilo. As suas grandes dificuldades são logísticas, de mobilização de massas. Mas no plano político, tudo vai bem. Os políticos correm uns atrás dos outros e é bom que assim seja. Perdem-se, troçam, deixam-se agarrar. E, mesmo ali ao lado, entre telenovelas, viagens do Papa, futebol, moda, pornografia e «reality-shows», a televisão, já amplamente dominada por influentes capitais da igreja, distrai, despista e instala a sociedade virtual a que já nos referimos. No recato dos bastidores, entretanto, movimentam-se os comparsas. É preciso dar-lhes tempo, deixá-los trabalhar!

## O eterno retorno

Já que a hora é de regressos, assistimos também ao ressurgir da SEDES. Fundada em 1973, um ano antes do 25 de Abril, a associação descreve-se a si própria como um centro de reflexão cívica. Após um período inicial de intensa actividade, atravessou o deserto para ressurgir, agora, sob a batuta de João Salgueiro. A SEDES foi sempre ponto de encontro de políticos, tecnocratas e administradores de empresa. Quase todos, também, influentes activistas católicos. E novo ressurgimento logo se anunciou. Foi o da Associação Empresarial de Portugal que se propõe avançar com um programa de governo. Orientada pela família Mello, os seus responsáveis certamente não subscreverão a ideia de um ressurgir a implicar ligações a um antecedente histórico indesejável. Mas esse antecedente existe e não deve ser escamoteado. Referimo-nos à União dos Interesses Económicos, que Alfredo da Silva dirigiu, a partir de 1924, apenas dois anos antes da eclosão do 28 de Maio. Juntamente com a igreja católica institucional, o CADC e os centros confessionais de reflexão, a UIE constituiu o pilar mais importante da rampa de lançamento do regime fascista e corporativo que viria depois a consolidar-se.

## Pontos Cardeais

### Consequências

Sem tergiversações, o ex-líder do CDS/PP, Manuel Monteiro, em declarações ao Diário de Notícias, recordou a Paulo Portas que «quem anunciou que a candidatura à Câmara de Lisboa seria o grande combate da sua vida foi ele próprio», Paulo Portas, pelo que, se não for «capaz de cumprir o que prometeu» (e, portanto, assumir as consequências políticas do resultado), «deve dar lugar a quem o possa fazer».

Se falamos de «consequências», aqui está já uma desencadeada pelo populismo desbragado de Paulo Portas: o «regresso» de Manuel Monteiro a ameaçar disputar-lhe a liderança do PP que o próprio Portas lhe arrebatou, inaugurando aí este seu estilo político de passar por cima de toda a folha para alcançar o que julga ser os seus objectivos. E esta «consequência» nem sequer é surpreendente - estava marcada no tempo. Pelos vistos, está chegando «a hora»...

### Pedras

Um grupo de judeus fundamentalistas encenou mais uma provocação na chamada esplanada das mesquitas, em Jerusalém, ao encenar a tentativa de colocar a «primeira pedra» de um futuro «templo de Salomão» a «reconstruir» exactamente no lugar onde está a mesquita árabe, terceiro lugar sagrado do Islão. No sábado passado, outro grupo de judeus - a maior parte colonos armados - havia percorrido as imediações da mesma esplanada gritando «o Monte do Templo é nosso!». É claro que os ânimos se incendiaram, a polícia acorreu e o resultado saldou-se em dezenas de feridos palestinianos (que, durante 45 minutos, o exército israelita impediu que fossem assistidos), 27 prisioneiros e uma

onda de escaramuças que alastraram pelas imediações.

Recorde-se que, há um ano e tal, uma provocação semelhante deu origem à actual crise nos territórios árabes ocupados e decorrente escalada de violência, com o estalar de uma segunda Intifada (pedras dos palestinianos contra as balas dos israelitas). Com um pormenor: quem liderou essa provocação foi o actual primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, que com isso conseguiu subir ao poder.

O que pretende Sharon e o sionismo com esta segunda provocação na esplanada das mesquitas? Arranjar pretexto para um novo holocausto - só que, desta vez, organizado e cometido por judeus contra os palestinianos?!...

### Misericórdias

A União das Misericórdias Portuguesas (UMP) deverá assinar em Agosto com o grupo Espírito Santo Saúde (ESS) um protocolo que prevê a possibilidade de este grupo privado estabelecer acordos para a recuperação, construção e gestão das unidades de saúde propriedade das misericórdias. Trata-se do primeiro acordo do género a estabelecer entre a UMP e um grupo privado para a área da Saúde. Entretanto, há um protocolo já assinado entre a UMP e a Fundação Para a Saúde (FPS), presidida por Carlos Monjardino, prevendo-se que em Setembro poderá ser assinado um segundo protocolo pela UMP, desta vez com um grupo de empresas em que incluí a multinacional ISS e a portuguesa UIS (Unidades Integradas de Saúde).

Mas o que é isto? Afinal a União de Misericórdias está a realizar a privatização da Saúde neste país? Com os dinheiros públicos que recebe - e aos milhões de contos?!...



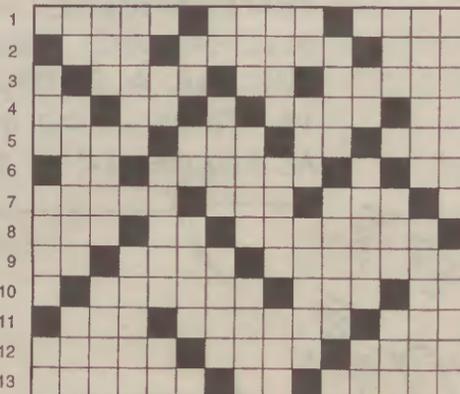
## Palavras Cruzadas

**HORIZONTAIS:** 1 - Ameaçador; descaramento (fam.); solução de amido, para engomar. 2 - Fruto da nozeira; relativa à pátria ou ao pai; possui. 3 - Canapé estofado; contr. da prep. a com o art. def. o; vaidoso. 4 - Prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações; planta liliácea da China; fluxo e refluxo (fig.); dirigir-se. 5 - Bolor; certamente; pedra de amolar; indivisível. 6 - A tua pessoa; eléctrodo negativo de uma pilha electrónica ou tubo de descarga; aquelas. 7 - Peça comprida do carro ou do arado, e a que se atrelam os animais; unidade das medidas agrárias; o m.q. lírio. 8 - Germe (fig.); nome da letra grega que corresponde ao P latino; fabricante ou vendedor de objectos de ouro ou prata. 9 - Laçada; filtrar; grande porção de sacos ou sacas. 10 - Guardador de gado; estrela; bismuto (s.q.). 11 - Pref. de origem latina, que exprime a ideia de aquém de, do lado de cá de, deste lado de; erguer; gracejar. 12 - Pôr data em; operar; tudo o que promove um movimento. 13 - Fábrica de louça de barro; atmosfera; pôr do avesso.

**VERTICAIS:** 1 - Virtude; camada; compaixão. 2 - Índio (s.q.); causa; nome vulgar do óxido de cálcio. 3 - As nossas pessoas; vapor esbranquiçado que se desprende dos líquidos em ebulição; franga. 4 - O m. q. nitrogénio; unir por casamento. 5 - Nome da 21.ª letra do alfabeto grego; pequeno recipiente em forma de vaso, geralmente sem asa, por onde se bebe (pl.); sorri. 6 - A parte mais larga da enxada; perversa; embarcação de recreio de dimensões muito variáveis com velas ou com motor. 7 - Naquele lugar; peça de vestuário larga e cómoda, abotoada à frente ou atrás, que se veste por cima da roupa, geralmente em casa, constituindo também uniforme de algumas profissões ou de algumas escolas; ave parecida com a pomba. 8 - Amarra; parte aquosa que se separa do leite ou do sangue depois de coagulados; borrija. 9 - Som de canhão; ser supremo, infinito, perfeito, criador do Universo; chegar. 10 - Gemido; patão; novelar. 11 - Dinheiro (fig.); bebida espirituosa que se obtém quer por fermentação, quer pela mistura de vegetais aromáticos com açúcar, no álcool ou na aguardente. 12 - Crença religiosa; competidor; terceira nota da escala musical. 13 - Base Aérea Portuguesa; existir; grande quantidade. 14 - Criança do sexo feminino; profetisa; entre os antigos. 15 - Afectuoso; detestar.

**SOLUÇÃO:**  
**HORIZONTAIS:** 1 - Minaz; laia; goma. 2 - Noz; pátria; lem. 3 - Sofr; aq; ufano. 4 - Km; ut; maré; ir. 5 - Molto; mas; m; uno. 6 - Tu; cido; as. 7 - Timão; are; lis. 8 - Trom; Deus; vir. 9 - Bem; tonat; do. 10 - Pastor; sob; bl. 11 - Cst; elevar; rit. 12 - Datar; agir; mola. 13 - Olan; ar; virar.  
**VERTICAIS:** 1 - Bem; tonat; do. 2 - In; motivo; cal. 3 - Nos; fumo; pia. 4 - Azol; casar. 5 - Ft; copos; r. 6 - Pt; má; íate. 7 - Lã; bata; rola. 8 - Ala; sor; rega. 9 - Ovi; p; outaves. 10 - No; coar; sacaria. 11 - Pastor; sob; bl. 12 - Datar; agir; mola. 13 - Olan; ar; virar.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

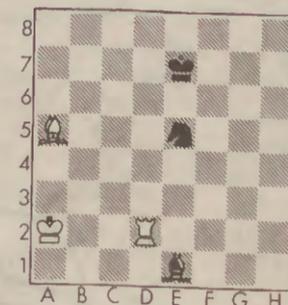


## Xadrez

DCCCVII - 2 DE AGOSTO DE 2001  
 PROPOSIÇÃO N.º 2001X25

Por: Leonid Kubbel  
 «64», 1939

Pr.: [3]: C65 - B61 - R67  
 Br.: [3]: Ba5 - Td2 - Ra2



Branças jogam e ganham

**SOLUÇÃO DO N.º 2001X25 [L.T.]**  
 1. T62, B63; 2. B61, B64; 3. T64, B62  
 4. B62, R-; 5. Th4, CE3; 6. Th3 e g.

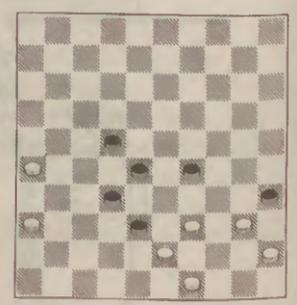
A. de M. M.

## Damas

DCCCVII - 2 DE AGOSTO DE 2001  
 PROPOSIÇÃO N.º 2001D25

Por: A. A. Polman  
 NL, 1957

Pr.: [7]: 22-28-29-32-35-38  
 Br.: [6]: 26-36-39-40-43-45-49



Branças jogam e ganham

**SOLUÇÃO DO N.º 2001D25 [A.V.P.]**  
 1. 36-31, (35x33); 2. 49-44, (38x40); 3. 45x23, (28x23); 4. 31x27, (-); 5. 26x39+

A. de M. M.



## Jornadas de trabalho A Festa espera por ti!

Ficas em casa todos os fins-de-semana a ver televisão? Já estás farto da conversa dos vizinhos? Queres sair, mas não sabes para onde? É fácil! As jornadas de trabalho na Quinta da Atalaia oferecem tudo o que procuras: um local diferente, ao ar livre, com uma magnífica vista para a Baía do Seixal, a ouvir os passarinhos cantar...

«E a animação?», perguntas tu. A animação fica por tua conta e de todos os outros camaradas e amigos que estão a construir a Festa deste ano. Martelos, tintas e pincéis, enxadas e pás, ancinhos e forquilhas, colheres de pedreiro e chaves de fendas, há de tudo para juntar à boa disposição e ao convívio que caracterizam invariavelmente as jornadas de trabalho.

Já sabes, sábado e domingo são dias diferentes na Atalaia. Não fates!



### EP já à venda

A EP já está à venda. Se a adquirires antes de 6 de Setembro estás a contribuir para a construção da Festa... e a poupar mil escudos. Até esta data a Entrada Permanente custa 2500\$00. Nos três dias da Festa o preço é de 3500\$00. Podes comprá-la em todos os centros de trabalho do PCP.



## CDU apresenta candidatos

### MONFORTE

Apresentação pública da candidatura da CDU aos órgãos autárquicos do concelho com a presença de Odete Santos  
Sábado, dia 4, na Sociedade Filarmónica Monfortense

### OLIVEIRA DA AZEMÉIS

Apresentação dos cabeças e lista da CDU à Câmara Municipal e Assembleia Municipal de Oliveira de Azeméis  
em conferência de imprensa, com a presença de António Salavessa  
Sexta-feira, dia 3, na praça em frente ao Mercado Municipal

### MOITA

– Sexta-feira, dia 3, às 21h00, na Biblioteca Municipal do Vale da Amoreira – convívio com os candidatos da CDU e apresentação do cabeça de lista da CDU à presidência da Junta de Freguesia do Vale da Amoreira.



## Iniciativas do PCP

Visita, ao Couço, de Agostinho Lopes, Secretário da Comissão Parlamentar de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas para avaliação dos estragos provocados pelo mau tempo  
Hoje, às 10h00, a partir da Junta de Freguesia do Couço

### LISBOA

– Sábado, 4 de Agosto – Eleitos e candidatos do PCP às próximas eleições autárquicas visitam a freguesia de S. Vicente de Fora. O ponto de encontro é, às 10h00, na Voz do Operário.

### BARREIRO

– Sábado e domingo, 4 e 5 de Agosto – Encontro-convívio de emigrantes naturais da região, particularmente da Baixa da Banheira. Sábado, dia 4, às 16 horas, recepção no Centro de Trabalho do PCP Baixa da Banheira (Rua de Moçambique, n.º 8 - junto à EN 11), onde está patente uma exposição sobre os 80 anos do PCP, com referências à diáspora portuguesa; Domingo, dia 5, de manhã, junto à Associação de Reformados «O Norte», no Parque Zeca Afonso, Torneio de Petanca, no quadro da promoção da Festa do Avante!. As inscrições são feitas, às 9h30, no próprio local.

– De 2 a 8 de Agosto – Presença do PCP nas Festas Populares do Lavradio, com Espaço de Exposição e Intervenção Política voltado para a afirmação da CDU e a preparação das Eleições Autárquicas e, ainda, para a divulgação da Festa do Avante!.

# ATVer

*Nu, ou a amoralidade do sistema capitalista sem retóricas, apenas «nu»... e cru.*

## Nu

(Quinta-feira, 02.08.01, RTP-1)

**Nu**, do britânico **Mike Leigh**, mostra-nos as deambulações de um jovem marginal de Manchester em Londres, através das quais o espectador é (incomodamente) confrontado com o universo sórdido, amoral e violento das grandes cidades europeias, onde também (sobre)vivem cada vez mais seres humanos perdidos, solitários, sem perspectivas e absolutamente esquecidos pela sociedade. A amoralidade do sistema capitalista sem retóricas, apenas «nu»... e cru.

## Ser ou não Ser

(Sexta-feira, 03.08.01, RTP-2)

Realizado em 1942, **Ser ou não Ser**

é uma das mais célebres comédias de **Ernst Lubitsch** que, passados 60 anos sobre a sua estreia, continua uma sátira plena de humor, inteligência e subtilidade. As atribuições de um actor polaco com a mulher, um presumível amante e uma série de equívocos e golpes de teatro em plena Varsóvia ocupada pelos nazis são pretexto para Lubitsch atacar o nazismo através de uma comédia alucinada. Nota para uma ex-rainha do cinema mudo, **Carole Lombard**, que faz aqui a sua derradeira aparição no cinema.

## Os Trinta e Nove Degraus

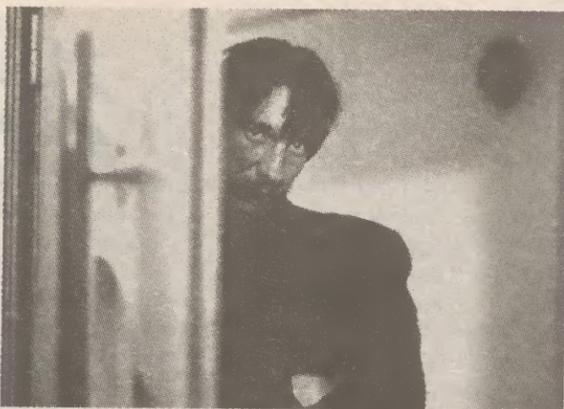
(Domingo, 29.07.01, TVI)

Realizado em 1935 por **Alfred Hitchcock** em Inglaterra, **Os Trinta e Nove Degraus** é geralmente considerado a melhor obra do mestre no seu período inglês. Trata-se de uma itinerante história de espionagem onde um simples cidadão, com espírito aventureiro, se transforma num herói acidental ao desvendar um mistério e salvar segredos vitais para a Inglaterra, numa história plena de equívocos, falsas aparências, enganos e traições. Uma obra-prima do suspense, com cenas de antologia como as do final, na subida dos misteriosos 39 degraus...

## Jackie Brown

(Domingo, 05.08.01, TVI)

**Quentin Tarantino** escreveu e realizou **Jackie Brown** na sequência do sucesso estrondoso alcançado com **Pulp Fiction**, filme que



Neste primeiro **Pantera-Cor-Rosa** pode apreciar-se como **Peter Sellers**, a golpes de talento, transfigura e se apropria de um filme construído a pensar noutra história...

(merecidamente) o catapultou para a fama e a glória de um dia para o outro. Desta vez, Tarantino não vai até ao limite na fragmentação da narrativa e na sua apresentação como uma espécie de *puzzle* dramático onde o próprio tempo funciona qual «peça» de encaixe, como o fez em **Pulp Fiction** com singular talento. Embora sem prescindir, aqui ou ali, dessa sua peculiar estratégia narrativa, Tarantino ergue aqui uma ficção que flui no tempo com princípio meio e fim para nos contar uma história onde se compraz a misturar, com notável maestria, o policial, o suspense, a comédia negra e o filme de costumes e que conta as aventuras e desventuras de uma hospedeira de voo em decadência socioprofissional, que se mete numa tremenda embrulhada ao aceitar ser «correio» de um traficante de droga. Dirigido com maestria, o naipe de actores é simplesmente brilhante: **Pam Grier, Samuel L. Jackson, Robert Forster, Bridget Fonda, Michael Keaton, Robert de Niro.**

## A Pantera Cor-de-Rosa

(Domingo, 05.08.01, RTP-2)

Quando, em 1963, **Blake Edwards** realizou esta comédia policial tresloucada não imaginaria que, no elenco de luxo onde pontificavam **David Niven, Robert Wagner, Capucine e Claudia Cardinale** (tudo «estrelas» da época em que a produção apostara), um único actor iria transformar o filme num sucesso tão estrondoso que imporia uma longa série de sequelas, ela própria a fazer história no cinema anglo-americano. E esse actor não era nenhum dos nomes atrás citados, mas o britânico **Peter Sellers**, que obteve tudo e todos com a criação do seu impagável «inspector Clouseau», figura secundária no filme fundador que «roubaria» todas as atenções do público, com a sua inesgotável (e inimitável) capacidade de transformar em asneira qualquer acto que praticasse. Atenção, pois, a este primeiro «Pantera-Cor-Rosa», onde se pode apreciar como um único actor, a golpes de talento, transfigura e se apropria de um filme construído a pensar noutra história...

## O Pecado Mora ao Lado

(Quarta-feira, 08.08.01, RTP-2)

Pelos vistos, a RTP-2 decidiu dedicar um pequeno ciclo a **Marilyn Monroe**. Só para esta semana estão anunciados três filmes: **Parada de Estrelas** (na segunda-feira), **Como se Conquistou um Milionário** (na terça-feira) e este **O Pecado Mora ao Lado**, na quarta-feira. Destacamos este último, de longe o melhor do grupo, onde, nas mãos do inteligente (e às vezes genial) **Billy Wilder**, Marilyn pôde mostrar o que tão ardentemente desejava: que era muito mais que um corpo de boneca oxigenada que Hollywood explorava até à exaustão, revelando-se uma actriz com recursos dramáticos que Wilder aqui soube aproveitar com assinalável perspicácia. O facto de ninguém ter reparado muito nisso na altura foi sobretudo lamentável para a actriz, que tanto ansiava por se impor pelo talento. Mas o filme ficou e aí está, para quem quiser conferir.



Em **O Pecado Mora ao Lado** e dirigida por **Billy Wilder**, **Marilyn Monroe** pôde mostrar o que tão ardentemente desejava: que era muito mais que um corpo de boneca oxigenada, que Hollywood explorava até à exaustão

## Quinta, 2

### ▼RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil  
09.30 Praça da Alegria  
12.25 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Vidas Cruzadas  
16.45 Privilégio de Amar  
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima  
18.55 Quebra-Cabeças  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Bastidores  
21.55 Fados  
22.30 Benny Hill  
23.00 Grande Repórter  
24.00 Ballet Rose  
01.10 24 Horas  
01.45 «Nu» (de Mike Leigh, R.Unido/1992, com David Thewlis, Lesley Sharp. Ver Destaque)

### ▼RTP 2

07.00 Hora Viva  
09.45 Euronews  
11.00 Espaço Infantil-Juvenil  
14.00 «Saratoga» (de Jack Conway, EUA/1937, com Jean Harlow, Clark Gable, Lionel Barrymore. Comédia)  
16.30 Informação Gestual  
17.30 Cidade Louca  
18.00 3º Calhau a Contar do Sol

## Sexta, 3

### ▼RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil  
09.30 Praça da Alegria  
12.25 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Vidas Cruzadas  
16.45 Privilégio de Amar  
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima  
18.55 Quebra-Cabeças  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Bastidores  
21.55 Benny Hill  
22.30 Histórias da Noite  
23.15 Ballet Rose  
00.15 24 Horas



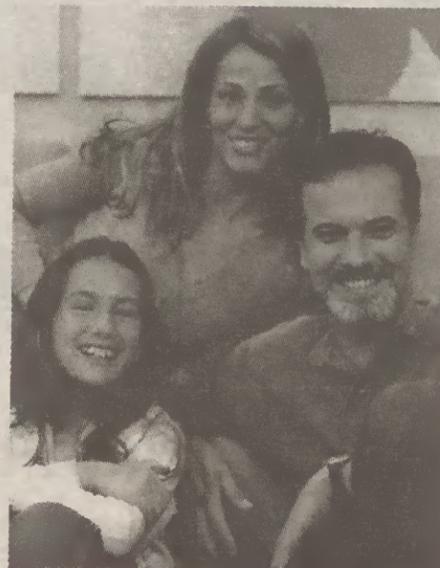
## Sábado, 4

### ▼RTP 1

07.30 Infantil/Juvenil  
13.00 Jornal da Tarde  
13.50 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Top+  
17.15 «Herói por uma Semana» (de Pino Amenta, Austrália/1990, com Andrew Shepherd, Pat Evison. Fantástico)  
18.50 Alves dos Reis  
20.00 Telejornal  
21.00 Futebol - Boavista-F.C. Porto  
23.00 Sábado à Noite  
24.00 24 Horas  
00.35 Atletismo - Campeonato do Mundo



O desporto em destaque, com ténis, futebol, atletismo, ciclismo



«Querido Professor»

18.30 Informação Religiosa  
19.00 Andamentos  
19.30 Espaço Infantil  
20.30 Sabrina  
21.00 2010  
21.50 RTP Economia  
22.30 Jornal 2  
23.20 Cupido  
00.10 «Histórias do Cinema» (de Jean-Luc Godard, Fr/1998. Ensaio)

### ▼SIC

08.00 Buééré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 A Próxima Vítima  
15.30 A Viagem  
16.20 New Wave  
17.00 Estrela Guia  
18.00 Um Anjo Caiu do Céu  
19.30 Ganância  
20.00 Jornal da Noite  
21.30 O Fura-Vidas  
22.30 Porto dos Milagres  
23.30 Sai de Baixo  
00.30 O Bar da TV  
01.00 «Adrenalina» (de Dominique Othenin-Girard, Alem/1996, com Til Schweiger. Telefilme. Policial)  
03.10 Portugal Radical

### ▼TVI

08.30 Tiro e Queda  
09.30 Animação  
12.15 Olhó Video  
13.00 TVI Jornal  
14.00 112  
15.00 Chiquititas  
16.00 Batatoon  
18.00 Marés Vivas  
19.00 Super Pai  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Futebol: Benfica-Feyenord  
23.00 Olhos de Água  
24.00 Concurso «Miss Universo»  
02.10 Que Loucura de Família

01.00 Atletismo - Campeonato do Mundo

### ▼RTP 2

07.00 Hora Viva  
09.45 Euronews  
11.10 Espaço Infantil-Juvenil  
14.00 «Ser ou Não Ser» (de Ernst Lubitsch, EUA/1942, com Jack Benny, Carole Lombard. Ver Destaque)  
16.00 Euronews  
16.30 Informação Gestual  
17.30 Cidade Louca  
18.00 3º Calhau a Contar do Sol  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Pontos de Fuga  
19.30 Espaço Infantil  
20.30 Sabrina  
21.00 Sobre-Humano  
22.30 Jornal 2  
23.20 Cupido  
00.10 Um Café no Majestic  
01.10 Jazz a Preto e Branco  
02.15 «39 Degraus» (de Alfred Hitchcock, R.Unido/1935, com Robert Donat, Madeleine Carrol. Ver Destaque)

### ▼SIC

08.00 Buééré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 A Próxima Vítima  
15.00 A Viagem  
16.00 New Wave  
16.45 Estrela Guia  
18.00 Um Anjo Caiu do Céu  
19.30 Ganância  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Ponto de Encontro  
22.00 Porto dos Milagres  
23.20 Sai de Baixo  
24.00 O Bar da TV  
00.50 «As Chaves do Poder» (de Sidney Lumet, EUA/1986, com Richard Gere, Julie Christie, Gene Hackman, Denzel Washington. «Thriller»)  
03.00 Cinemania

### ▼TVI

08.30 Tiro e Queda  
09.30 Animação  
12.15 Olhó Video  
13.00 TVI Jornal  
14.00 112  
15.00 Chiquititas  
16.00 Batatoon  
17.30 Marés Vivas  
18.30 Super Pai  
19.30 Futebol - Sporting-Barcelona  
21.30 Jornal Nacional  
22.30 Olhos de Água  
23.30 O Último dos Padrinhos  
24.00 «Vermelho Escaldante» (de Paul Haggis, EUA/1993, com Balthazar Getty, Carla Gugino, Jan Niklas. «Thriller»)  
03.40 Que Loucura de Família  
04.10 Alta Velocidade



«Olhos de Água» aproxima-se do inevitável fim feliz

### ▼RTP 2

07.00 Euronews  
09.40 «O Voo das Águas» (de John Sturges, R.Unido/1976, com Michael Caine, Donald Sutherland, Robert Duvall. Guerra)  
12.00 Iniciativa  
14.00 Maiday  
16.00 Desporto 2  
21.00 Encontros de África  
21.30 Bombordo  
22.00 Bem... Você Percebe  
22.30 Jornal 2  
23.20 O Lugar da História  
00.30 Britecom  
01.30 «A Boceta de Pandora» (de G.W. Pabst, Alem/1928, com Louise Brooks, Fritz Kortner. Drama)

### ▼SIC

07.00 Zip Zap  
11.15 Dá-lhe Gás  
12.00 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
14.40 «O Filho da Sereia» (de Duwayne Duncan, EUA/1999, com Chey Starbuck, Justin Jon Ross. Comédia)  
17.00 «Os Meus Duplos, a Minha Mulher e Eu» (de Harold Ramis, 1996, com Michael Keaton, Andie MacDowell. Comédia)  
19.10 Mundo Vip  
20.00 Jornal da Noite  
21.20 Malucos do Riso  
21.50 Cuidado com as Aparências  
22.30 «Assalto Infernal» (de Renny Harlin, EUA/1998, com Sylvester Stallone, John Lithgow. Acção)  
00.30 Sexappeal  
01.50 «Escândalo Sem Limites» (de Glenn Jordan, EUA/1998, com James Garner, Edward Kerr, Kathleen Turner. «Thriller»)  
04.00 Portugal Radical

### ▼TVI

08.00 Animação  
09.00 Futebol - Torneio de Odivelas  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Contra-Ataque  
14.45 4ª a Fundo  
15.00 Olhó Video  
16.00 Futebol - Torneio de Odivelas  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Ilha da Tentação  
22.00 Olhos de Água  
23.00 «Os Varredores» (de Joseph Merhi, EUA/1995, com Ed Lauter, Kristen Dalton. «Thriller»)  
01.00 Lux  
01.50 «Mais Vale Tarde que Nunca» (de Brian Forbes, R. Unido/1982, com David Niven, Art Cagney, Maggie Smith. Comédia)



Repetição, mas bem-vinda, é a evocação de Armstrong, pelo centenário - domingo na RTP2

Domingo, 5

**▼ RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil  
12.30 Planeta Azul  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Made in Portugal  
17.30 Documentário  
18.50 Alves dos Reis  
20.00 Telejornal  
21.10 No Limite  
21.45 Milionários à Força  
22.15 Jag  
22.50 Teledependentes  
23.25 24 Horas  
23.45 Atletismo - Campeonato do Mundo

**▼ RTP2**

07.00 Euronews  
09.00 Programa Religioso  
10.30 Missa  
11.15 Horizontes da Memória  
11.45 Nós e os Animais  
12.30 Palácio de Cristal  
13.30 Quem Sai Aos Seus  
14.00 «A Pantera Cor-de-Rosa» (de Blake Edwards, EUA/1963, com Peter Sellers. Ver Destaque)  
16.00 Desporto 2  
19.30 Madame Bovary  
20.30 Onda Curta  
21.00 Simpsons  
21.30 Artes e Letras - Louis Armstrong  
22.30 Jornal 2  
23.20 «Crime em Hong Kong» (de John Woo, Hong Kong/1986, com Ti Lung, Policial)  
02.00 2010

**▼ SIC**

07.00 Zip Zap  
12.00 BBC Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Futebol Society  
15.00 «Isto (não) é um Rapto» (de Ted Demme, EUA/1994, com Kevin Spacey, Judy Davis. Comédia)  
17.20 «Sozinho em Casa - 3» (de Raja Gosnell, EUA/1997, com Alex D. Linz, Olek Krupa. Comédia)  
20.00 Jornal da Noite  
21.10 «Não Acordem o Rato Adormecido» (Fantasia)  
23.00 O Bar da TV  
01.00 «Três à Mistura» (de Andrew Fleming, EUA/1994, com Lara Flynn Boyle, Stephen Baldwin. Comédia)  
03.00 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Animação  
10.00 Cerimónias Religiosas  
13.00 TVI Jornal  
14.00 «The Incredibile Elephant» (de Martin Wood, EUA/2001, com Mia Sara, Nicholas Lea. Comédia)  
16.00 Futebol - Torneio de Odivelas  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Futebol - Benfica-Florentina  
23.00 Olhos de Água  
24.00 «Jackie Brown» (de Quentin Tarantino, EUA/1998, com Pam Grier, Samuel L. Jackson, Bridget Fonda, Michael Keaton. Ver Destaque)  
02.00 «O Novo Pesadelo de Freddy Krueger» (de Wes Craven, EUA/1994, com Robert Englund. Terror)  
04.00 Os Últimos Paraísos na Terra

Segunda, 6

**▼ RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil  
09.30 Praça da Alegria  
11.30 Pedra sobre Pedra  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Vidas Cruzadas  
16.45 Privilégio de Amar  
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima  
18.55 Quebra-Cabeças  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.00 Bastidores  
21.55 Sorte Grande  
23.20 24 Horas  
23.50 Desporto (ciclismo e atletismo)

**▼ RTP2**

07.00 Hora Viva  
09.45 Euronews  
11.00 Espaço Infantil  
14.00 «Parada de Estrelas» (de Walter Lang, EUA/1954, com Ethel Merman, Donald O'Connor, Marilyn Monroe. Musical)  
16.30 Informação Gestual  
17.00 Atletismo  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Rotações  
19.30 Espaço Infantil  
20.30 Sabrina  
21.00 O Último Dia  
22.30 Jornal 2  
23.40 Artes de Palco - Teatro  
01.00 «O Mistério de Emma Sachs» (com Gene Wilder. Policial)

**▼ SIC**

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 A Próxima Vítima  
15.00 A Viagem  
16.00 New Wave  
16.45 Estrela Guia  
18.00 Um Anjo Caiu do Céu  
19.30 Ganância  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Porto dos Milagres  
23.20 O Bar da TV  
24.00 «Puma» (de Axel de Roche, Alem/2000. Artes Marciais)  
03.00 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Tiro e Queda  
09.30 Animação  
11.45 Olho Video  
13.00 TVI Jornal  
14.00 112  
15.00 Chiquititas  
16.00 Batatoon  
18.00 Marés Vivas  
19.00 Super Pai  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Crianças S.O.S.  
22.00 Olhos de Água  
23.10 «Condenado à Morte» (de Elvis Restaino, EUA/1999, com Daniel Bernhard. Acção)  
01.10 Desafio Total  
02.10 Strange World

Terça, 7

**▼ RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil  
09.30 Praça da Alegria  
11.30 Pedra sobre Pedra  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Vidas Cruzadas  
16.45 Privilégio de Amar  
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima  
18.55 Quebra-Cabeças  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Bastidores  
21.55 Crime Perfeito  
22.40 «Robocop - Metal Derretido» (Ficção Científica)  
00.15 24 Horas  
01.00 Desporto (ciclismo e atletismo)

**▼ RTP2**

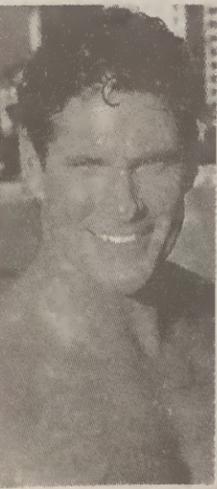
07.00 Hora Viva  
09.45 Euronews  
11.00 Espaço Infantil-Juvenil  
14.00 «Como se Conquista um Milionário» (de Jean Negulesco, EUA/1953, com Marilyn Monroe, Lauren Bacall, Betty Grable. Ver Destaque)  
16.30 Informação Gestual  
17.45 Atletismo - Campeonato do Mundo  
19.45 Informação Religiosa  
20.15 Espaço Infantil  
20.30 Sabrina  
21.00 Fenómeno  
22.30 Jornal 2  
22.50 Cupido  
23.45 «The Crossing» (Longa Metragem. Japão. Drama)  
01.30 Rotações

**▼ SIC**

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 A Próxima Vítima  
15.00 A Viagem  
16.00 New Wave  
16.45 Estrela Guia  
18.00 Um Anjo Caiu do Céu  
19.30 Ganância  
20.00 Jornal da Noite  
21.20 Imagens Reais  
22.20 Porto dos Milagres  
23.30 O Bar da TV  
24.00 «Tréguas da Meia-Noite» (de Keith Gordon, EUA/1991, com Ethan Hawke, Gary Sinise, Peter Berg. Drama)  
02.35 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Tiro e Queda  
09.30 Animação  
12.15 Bora Lá Marina  
13.00 TVI Jornal  
14.00 112  
15.00 Chiquititas  
16.00 Batatoon  
18.15 Olho Video  
19.00 Super Pai  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Bora Lá, Marina  
22.00 Olhos de Água  
23.30 «A Chama da Vitória» (de Lee Grant, EUA/2000, com Kimberly Elise. Drama)  
01.30 Ally McBeal  
02.40 Que Loucura de Família



Como sempre, no Verão, «Marés Vivas»...

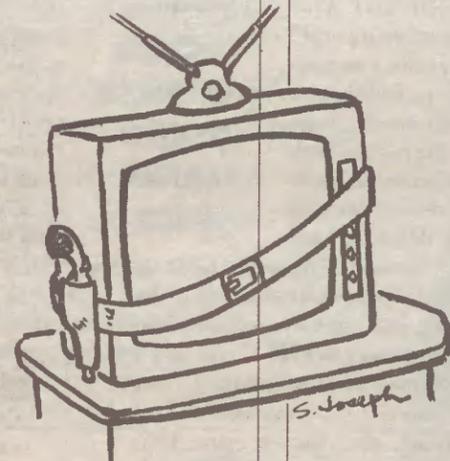
Quarta, 8

**▼ RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil  
09.30 Praça da Alegria  
11.30 Pedra sobre Pedra  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Volta a Portugal em Bicicleta  
16.00 Vidas Cruzadas  
16.45 Privilégio de Amar  
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima  
18.55 Quebra-Cabeças  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Bastidores  
21.55 «Favor não Incomodar» (Thriller)  
00.05 Bemy Hill  
00.50 24 Horas  
01.15 Desporto (ciclismo e atletismo)

**▼ RTP2**

07.00 Hora Viva  
09.45 Euronews  
11.10 Espaço Infantil-Juvenil  
14.00 «O Pecado Mora ao Lado» (de Billy Wilder, EUA/1955, com Marilyn Monroe, Tom Ewell. Comédia)  
16.30 Informação Gestual  
17.30 Cidade Louca  
18.00 3º Calhau a Contar do Sol  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Onda Curta  
19.30 Espaço Infantil  
20.30 Sabrina  
21.00 Milongo  
22.30 Jornal 2  
23.20 Cupido  
00.20 Sinais do Tempo  
01.20 O Reino



**▼ SIC**

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 A Próxima Vítima  
15.00 A Viagem  
16.00 New Wave  
16.45 Estrela Guia  
18.00 Um Anjo Caiu do Céu  
19.30 Ganância  
20.00 Jornal da Noite  
21.30 Querido professor  
22.30 Porto dos Milagres  
00.20 O Bar da TV  
00.30 «Força Nuclear» (de Frederic Forestier, EUA/1997, com Dolph Lundgren, Roy Schneider. Ver Destaque)  
02.00 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Tiro e Queda  
09.30 Animação  
11.45 Olho Video  
13.00 TVI Jornal  
14.00 112  
15.00 Chiquititas  
16.00 Batatoon  
18.00 Marés Vivas  
19.00 Super Pai  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Olhos de Água  
22.00 Tie Tae Milionário  
22.10 Ri-te, Ri-te  
24.00 Longa Metragem  
02.00 Que Loucura de Família  
03.10 Alta Velocidade

Nota:  
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

# TVisto

Correia da Fonseca

## Série com mistério dentro

Como ainda há quem saiba, há uns anos a interrogação era outra, mais nobre, mas agora pergunto ao vento que passa noticiando a série «Alves dos Reis». E, tal como escreveu o poeta, o vento cala a desgraça, o vento nada me diz, presumo porque também ele lhe perdeu a pista, desorientado por tantas mudanças de dia de emissão e de horário de que já nem eu garanto ter o catálogo completo. Abreviando, direi que «Alves dos Reis» nasceu em «prime time», que é o berço de ouro dos programas de TV, e dali foi

sucessivamente corrida a pontapés para o fim do serão, para o princípio das madrugadas, para os fins-de-semana em hora que ainda é de praias ou do retorno delas, talvez para mais alguns lugares e tempos. Pergunto o motivo de tão triste sina: ao vento, a mim, próprio, aos supostamente bem informados, aos amigos inteligentes. Mas não recolho resposta convincente. «Alves

dos Reis» caiu em desgraça, tudo o que indica, mas não é daqueles nojos que a elementar vergonha manda esconder, bem pelo contrário. O seu elenco é, digamos, bem frequentado, e o trabalho feito é francamente bom. Não deve ter custado nada barato (admito mesmo que o alongamento da narração por várias dezenas de episódios também tenha visado diminuir o custo por episódio), pelo que é esquisito que se faça uma tão desastrosa gestão do investimento, género deitar a série à rua onde não passa ninguém. A verdade, porém, é que nunca uma série de tão apreciável qualidade foi tão maltratada em tantos horários. «Alves dos Reis», que pelo tema podia ser entendida como uma série também policial, acabou por ser uma série com mistério dentro por inesperada razão.

Desorientado, aprobei a eventuais explicações da sempre fecunda área das motivações criptopolíticas. Talvez Moita Flores tivesse caído em desgraça, por força de algum mais atrevido escrito na imprensa ou em consequência da «A Raia dos Medos», na avaliação de algum herdeiro político da PIDE/DGS ou mesmo de um remanescente elemento da Patriótica Organização. Mas, para falar com franqueza, a hipótese pareceu-me improvável. Ponderei depois que talvez o argumento de «Alves dos Reis» se tivesse metido em política, atrevimento que como se saberá voltou a ser pouco saudável pelo menos no plano profissional e circum-profissional. Por exemplo: supunhamos que a série começava a dar a entender que o famoso

golpe fiduciário de «Artur Alves dos Reis» foi estimulado ou facilitado por sectores financeiros da ultradireita que na década de 20 não se importariam nada de que um escândalo daquele género reforçasse as «razões» para que briosos militares pusessem ponto final na I República e limpassem o País de corrupções e dos sempre abomináveis «políticos». Em tal caso, seria de muitíssimo bom tom que uma série narrando tais coisas fosse deportada para horários inóspitos. Porém, tendo caído em mim, reconheci que era eu próprio quem estava a urdir enredos inverosímeis e que tudo quanto tinha a fazer era esforçar-me por recuperar o abalado juízo.

### A pior explicação

Entretanto, olho para a produção portuguesa de ficção que veio situar-se no «horário nobre» antes ocupado por «Alves dos Reis». Como se sabe, foi «A Estação da Minha Vida», uma série simpática que herdou talvez a simpatia do halo de justificada saudade que envolve todas as velhas estações de comboios que o ciclo do botão condenou a uma cruel morte por sufoco. Também os actores foram simpáticos, e não só simpáticos como de boa qualidade e a fazerem um trabalho tão bom quanto lho permitem as circunstâncias: de Henriqueta Maia e Guilherme Leite, passando pelos mais jovens na idade e nos estúdios, só sou capaz de dizer bem. No entanto, a estória não prestava e o facto de não prestar não decorria da sua eventual obsolescência: é que aquele atado de situações convencionais e narizes-de-cera dificilmente seria aceitável em qualquer tempo. Chegado aqui, suspeito de que estou a ser excessivo, a mostrar rigores de mais. Mas encontro a explicação disso: é que estou inevitavelmente a comparar «A Estação da Minha Vida» com a exilada «Alves dos Reis» e a indignar-me com o tratamento imposto a esta em aparente benefício da «Estação». A verdade é que também a indignação tem por vezes razões que a razão desconhece.

O pior de tudo isto é que as coisas se passam como se a RTP, no seu critério de estação de capitais públicos, tivesse decidido punir a qualidade, porque espanta as audiências, e estimulado o mérito escasso ou quase nenhum, porque assim talvez as audiências aflua. Esta possível explicação afasta as suposições de sinistras motivações políticas ou afins, o que parece um alívio. Porém, não nos enganemos: é uma explicação ainda pior e afinal também política. Porque o estímulo a qualquer forma, mesmo ténue, de analfabetismo cultural é o pior que hoje pode ser feito ao país que somos. E o grande investimento da velha Direita é hoje, como sempre, na ignorância adulada e convencida.

## A talhe de foice

• Anabela Fino

### A herança

A morte do marechal Costa Gomes, na madrugada de anteontem, foi o pretexto para a repetição de um documentário, na RTP2, cujo objectivo está longe de ser uma homenagem ao ex-presidente agora desaparecido.

O anticomunismo percorre a peça, onde se misturam depoimentos de personagens que nos conturbados tempos a seguir à Revolução de Abril estiveram em lados opostos da barricada. A generosidade (e ingenuidade?) de alguns militares de Abril ouvidos no programa contrasta de forma flagrante com a perfídia de políticos apostados desde a primeira hora em fazer vingar a teoria da conspiração comunista. As palavras povo e democracia são uma constante no trabalho do agora bloquista Fernando Rosas, mas cedo se torna evidente que o que estava em causa, então como agora, era que alguma coisa mudasse para que o essencial ficasse na mesma, ou seja, que as aspirações populares não saíssem do espartilho da democracia burguesa. Igualdade sim, mas no papel, que uns são mais iguais do que outros. Liberdade sim, mas condicionada, que as massas querem-se com rédea curta. Democracia, pois então, mas confinada ao depósito do voto de quatro em quatro anos, que uns nasceram para governar e outros para serem governados.

Mário Soares - o pai da democracia, como alguns lhe chamam - foi quem melhor definiu a tática que presidiu à conjura para estrangular à nascença a democracia popular, ao afirmar com o desassombro que se lhe conhece a sua disposição de se aliar com quem quer que fosse que pudesse ajudar a impedir a cavalgada comunista que aí vinha.

Foi com Carlucci, o homem da CIA que os EUA se apressaram a mandar para Portugal para pôr nos eixos um povo a quem a liberdade após 48 anos de fascismo ameaçava lançar no caminho proibido da autodeterminação. E foi com outros, com muitos dólares e marcos à mistura, intrigas, conspirações, armas e sabotagem.

27 anos depois, o resultado está à vista.

A soberania hipotecada, os grandes grupos económicos reconstruídos e reforçados, o poder político subjugado ao poder económico, o compadrio e a corrupção instalados, a política desacreditada, o consumismo castrador e paralisante a dominar a maioria das famílias. Numa palavra, a democracia como a entendem os que de democratas pouco ou nada têm.

Afastado o «perigo» comunista, com Portugal são e salvo no redil das potências ocidentais, alimentado a subsídios da Europa, futebol, telenovelas e reality shows, até é possível ir deitando uma lágrima de crocodilo pelos que pela lei da vida vão ficando pelo caminho.

Pouco importa que vivamos num mundo em que uns poucos estão incomensuravelmente mais ricos e outros incomensuravelmente mais pobres, que a justiça e a igualdade sejam uma farsa, ou que a democracia não passe de um verbo de encher. Estamos sob a asa dos EUA e basta.

Que o nosso mentor se recuse a aceitar a proibição e uso de minas antipessoais e boicote a Conferência contra o comércio de armas ligeiras, causa de 500 000 mortes violentas por ano, não importa. Como não importa que os EUA rejeitem o tratado que desde há 30 anos proíbe as armas biológicas, ou relancem a corrida aos armamentos nucleares, ou recusem o tratado de Quioto, ou defendam os paraísos fiscais, ou criem tribunais para julgar os outros enquanto rejeitam um tribunal em que alguma vez possam ser eles próprios julgados.

Esta é a herança do «pai» que a História há-de julgar. Mas as heranças, como se sabe, não são eternas. Pode-se sempre exterminá-las.

Responsáveis do Ambiente e Saúde e da Câmara Municipal contrariam alarmismo

## Évora bebe água boa

Vários responsáveis pela qualidade da água de consumo público garantem que a situação da água da rede pública de Évora «está normalizada e controlada».

A garantia foi dada no final de uma reunião entre os organismos responsáveis pela qualidade da água de consumo público, cuja parte final foi alargada à Câmara Municipal de Évora. A reunião, noticiou a Agência Lusa, decorreu na segunda-feira, nas instalações da Direcção Regional do Ambiente e Ordenamento do Território do Alentejo (DRAOT-A), e destinou-se a avaliar análises recolhidas na origem e na rede de abastecimento público. Participaram na reunião responsáveis da DRAOT-A, do Instituto Nacional da Água (INAG) e da Delegação Regional de Saúde, bem como o presidente e um vereador da CME.

Numa curta declaração

A tranquilidade é reafirmada pelas entidades que vigiam a qualidade da água



O alarmismo eleitoralista do PS em Évora afunda-se na avaliação objectiva

final, lida pelo responsável da DRAOT-A, Jorge Pulido Valente, as várias entidades garantem que «a situação presentemente está normalizada e controlada, após um alerta em resultado de um volume de cianobactérias na Barragem do Monte Novo, o qual se reflectiu na água da rede». O grupo de trabalho informal, constituído pelas quatro entidades participantes na reunião, «acompanhará pormenorizadamente a

situação e o seu evoluir», disse Pulido Valente que, perante a insistência dos jornalistas, explicou que as pessoas «podem estar tranquilas em relação à situação, que está a ser devidamente acompanhada». «É evidente; se a situação está normalizada, podem beber água», sublinhou, quando questionado sobre se as pessoas podem beber água da rede pública.

O acompanhamento da situação, adiantou Pulido Valente, consiste em «várias medidas que estão tomadas e que

vão ter continuidade ao nível da monitorização da qualidade da água e do acompanhamento do funcionamento de todo o sistema».

Segundo o presidente da Administração Regional de Saúde do Alentejo, um dos valores (0,95) das análises ficou muito próximo do limite máximo (1,0), em termos de toxicidade, aconselhado pela Organização Mundial de Saúde. A questão, desta vez, tem a ver com a verificação de um desenvolvimento de algas (tipo cianobactérias) na água bruta da Barragem do Monte Novo e, segundo a autarquia, não está relacionada com a recente polémica em torno da utilização da água da Barragem do Divor. No final da reunião de segunda-feira, foi anunciado que a Barragem do Divor «não continua» a fornecer água para a rede pública.

O concelho de Évora tem três grandes fontes de abastecimento de água: os poços e nascentes da Graça do Divor (pequeno sistema de captações subterrâneas), a albufeira do Monte Novo (90 por cento) e a albufeira do Divor (considerada pela autarquia como reserva estratégica, fornecendo percentagens reduzidas).

Na semana passada, em conferência de imprensa dada em Lisboa, o PCP condenou a campanha infundada e alarmista do PS, a propósito da água de consumo público.

## Faleceu Costa Gomes

Francisco Costa Gomes, o único marechal do país e antigo Presidente da República, morreu terça-feira passada, com 87 anos, em Lisboa, no Hospital de Santa Maria. O seu funeral realizou-se ontem, da Basílica da Estrela, onde esteve em câmara ardente, para o cemitério do Alto de S. João.



No momento do seu falecimento, o Secretariado do Comité Central do PCP exprimiu «a sua profunda mágoa» e sublinhou que o seu nome ficará «indissolúvelmente ligado à revolução libertadora de 25 de Abril de 1974 e à instauração do regime democrático e como um militar que deu um importante contributo à causa da paz e do desarmamento».

Em declaração sobre a sua morte, Carlos Carvalhas sau-

dou o militar e patriota «a quem o 25 de Abril e o regime democrático, a causa da paz e a cooperação entre os povos muito devem».

A Comissão Executiva Nacional de «Os Verdes» salientou «a perda de um dos mentores da democracia em Portugal».

### Uma longa carreira militar e política

Costa Gomes nasceu em Chaves em 1914 e iniciou a sua carreira militar em 1931, tendo-se licenciado, em 1944, em Ciências Matemáticas.

Em 1958, foi nomeado subsecretário de Estado do Exército, cargo de que foi exonerado devido às suas divergências com a política colonial fascista.

Em 1972, foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, mas, em Março de 1974 foi exonerado, por ter recusado prestar lealdade ao governo de Marcelo Caetano.

Após a revolução de Abril, fez parte da Junta de Salvação Nacional e, até Setembro de 1974, foi chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, com prerrogativas de primeiro-ministro.

### Mensagem de Álvaro Cunhal

A Maria Stella Costa Gomes, com profundo respeito e a grata lembrança de vos ter conhecido, acompanho-a a si e à sua família nesta hora de dor, prestando homenagem ao marechal Costa Gomes pelo seu ímpar papel na Revolução de Abril e na instauração e defesa do regime democrático.

1.8.2001

Álvaro Cunhal

## Revolta em Sines

Foi «com estupefacção e indignação» que os trabalhadores da refinaria de Sines da **Petrogal** reagiram à distribuição de «méritos» e «bónus» por parte da Comissão Executiva, num processo marcado pelo «secretismo». De acordo com o Sinqüifa/CGTP – que marcou para a próxima terça-feira um plenário no Centro Social da refinaria – houve «algumas dezenas» de quadros dirigentes que receberam cheques confidenciais, «cada um na ordem dos milhares de contos»; outro grupo de quadros «recebeu também, através do boletim de vencimento, valores que vão desde 360 até 1200 contos»; para «largas centenas» de traba-

lhadores, que representam «a esmagadora maioria» do pessoal, foram «apenas as migalhas», com valores de cerca de 50 contos.

O sindicato afirma que tal procedimento «tem de ter uma resposta clara dos trabalhadores», uma vez que os lucros têm vindo a crescer continuamente, mas a grande maioria dos funcionários recebe agora «muito menos dinheiro que no ano passado».

